

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

Edição
da
noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
SEXTA-FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 272 ANO 50.º PREÇO 1\$50

luz verde
nos caminhos
da
FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA

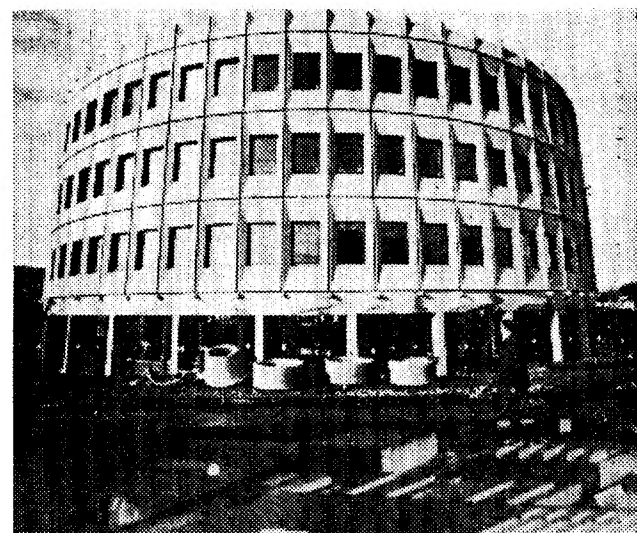
LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

NINGUÉM FOI ESQUECIDO

Um automóvel ( Honda) é o 1.º dos vinte prémios que destinamos aos nossos vendedores e agentes



Este é o moderno automóvel «Honda» que foi agora lançado em Portugal e constitui o primeiro dos vinte prémios destinados a quantos vendem o «Diário de Lisboa», desde que o seu nome venha indicado no cupão-duplo de inscrição enviado pelos leitores. Alguns já ontem o viram (como a foto documenta) e deram-nos as suas impressões, que publicamos na última página. Os dados técnicos e outros detalhes do «Honda» encontrá-los-á o leitor na página 2, bem como mais indicações úteis sobre a nossa iniciativa.



PARA GLADIADORES? — A voz do povo já lhe chama o «Coliseu de Düsseldorf», mas atrás das suas paredes não haverá lutas de gladiadores mas, provavelmente, lutas pelos preços, pois ali se instalará a administração central de uma importante empresa de construção. O edifício, com 18 andares, está a ser construído a cinco quilómetros de Munique, perto do futuro estúdio olímpico

POMPIDOU RECEBEU HOJE RUI PATRÍCIO

PARIS, 22 — (F. P. e R.) — O ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, trava hoje, nesta capital, conversações com o presidente Georges Pompidou da França, após afirmar a oposição do seu País à separação racial.

Discursando, a noite passada, em Paris, o dr. Rui Patrício declarou: «Nunca aceitaremos a separação de raças e continentes».

O ministro português respondeu a um discurso pronunciado pelo seu homólogo francês Maurice Schumann num banquete oferecido em honra do dr. Rui Patrício, que se realizou no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

«Nunca faremos a independência negra ou a in-

(Continua na 15.ª página)

MESA
REDONDA

O HABITUAL
SUPLEMENTO
INCLUI HOJE

• DO «WESTERN»
À INTEGRAÇÃO
EUROPEIA

Entrevista de Daniel
Rodrigues com o pa-
dre Merlhou a propó-
sito dos problemas de
emigração

• IRRIGAÇÃO
DO ALENTEJO:
BENEFÍCIOS
LIMITADOS

• RETALHISTAS
DE MERCEARIA
— SECTOR
EM CRISE?

Além de outros artigos,
reportagens e inquéritos,
entre os quais a habitual
«Ronda dos dormitórios
de Lisboa»

DL
no «RALLYE»
de Monte Carlo

Começou esta manhã (com
partidas de Oslo) o 40.º «Rallye»
de Monte Carlo, apaixonante
prova desportiva que marca a
temporada automobilística. O «Diário
de Lisboa», que já hoje a ela se refere
na página 17, acompanhará e
desenrolará da competição por
intermédio do nosso enviado especial
Augusto Vilela.

VINTE DISTRIBUIDORES DE FILMES PRONUNCIAM-SE POR UM CINEMA LIVRE EM CARTA À ASSEMBLEIA NACIONAL

Assinada por vinte distribuidores de filmes, foi enviada ao presidente da Assembleia Nacional uma carta do seguinte teor:

«Os distribuidores portugueses, que têm seguido com o maior interesse os debates na generalidade sobre a Proposta de Lei de Protecção ao Cinema Português, congratulam-se e apoiam as intervenções que têm sabido não esquecer todas as actividades nacionais globais e harmóni-

camente consideradas e não exclusivamente a construção insustentável de uma produção filmica unicamente baseada em subsídios e protecções.

Aliás, os princípios financeiros que regem o Estado Português não parecem compatíveis com a instituição de todo um novo sistema tributário especial com adjudicação de receitas e independente do sistema tributário geral.

Os distribuidores portugue-

ses não servem interesses estrangeiros, mas tão-somente os seus interesses legítimos, que sempre têm sabido escrupulosamente integrar no superior interesse nacional, mas não podem deixar de salientar que os filmes estrangeiros, que adquirem e com que necessariamente em grande maioria vêm trabalhando, são a garantia da

viabilidade comercial indispensável à sua actividade, à actividade dos cinemas e dos

(Continuação da 5.ª página)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

(Ler na pág. 6)

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

As características do 1.º prémio destinado a vendedores e agentes

Até agora temos-nos dirigido exclusivamente aos nossos leitores, divulgando a maneira (simples) de participar na grande iniciativa do «Diário de Lisboa». Mas aqueles que conosco colaboram, conforme tínhamos prometido, não foram esquecidos. Um automóvel «Honda» é o primeiro prémio dos vinte que são destinados a quem vende o nosso jornal, desde que

que, por qualquer motivo, não puderam adquirir todos os dias o «Diário de Lisboa» lembramos também, que há jornais de qualquer data para completarem as colecções.

O «Honda N360» escolhido como 1.º prémio para os vendedores e agentes do «Diário de Lisboa», é, pelas suas características e concepção técnica, um daqueles automóveis que todos desejam, mesmo aqueles que possuem já carros de elevado preço. Na verdade é muito difícil igualar um conjunto tão completo e valioso de características técnicas. Muito mais difi-

cil ainda será conciliá-las com o reduzidíssimo consumo e economia que oferece o «Honda N360». Pequeno por fora mas grande por dentro — eis como poderíamos definir este sensacional automóvel que vai contemplar um dos vendedores ou agentes do «Diário de Lisboa». Com um consumo da ordem dos 4,5 litros, o Honda tem espaço para 4 pessoas e muita bagagem, tornando-se a viatura ideal para o trânsito difícil e congestionado das grandes cidades. Um robusto motor de quatro cilindros, arrefecido por ar e construído em alumínio, fornece-lhe 31 HP

a 8500 r.p.m., permitindo-lhe admiráveis performances em aceleração e uma velocidade de ponta de 115 km/h. A tracção é às rodas dianteiras e a transmissão é directa com 4 velocidades para a frente.

Como se vê, ninguém foi esquecido nesta iniciativa: os leitores do «Diário de Lisboa» estão habilitados a vinte prémios, que são já do conhecimento público; e, por sua vez, os vendedores e agentes do nosso jornal têm um lote de prémios numericamente igual, sendo o 1.º deles, como hoje revelamos, «UM AUTOMÓVEL «HONDA».



É este o Honda que oferecemos como 1.º prémio dos 20 destinados a vendedores e agentes do «Diário de Lisboa»

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Assinam-se, desde já, assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130\$00
6 " — 250\$00
12 " — 485\$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale do correio.

Os leitores tenham referido os seus nomes nos cupões-duplos de identificação que temos vindo a publicar e devem ser enviados para os nossos serviços.

Lembramos que as pessoas que já mandaram o cupão não precisam de enviar selo do correio para indicar o nome do vendedor. Para aqueles

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.
- o leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside, e facultativamente a profissão e o número de telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquiere o «Diário de Lisboa».
- preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185-1.º-Lisboa-1 acompanhado de um selo de 1\$00, se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio.
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa», o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1\$00, que se destina, logicamente, a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cupão-duplo.
- O cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro de 1971 e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da 1.ª página do jornal onde consta o nome deste e a data da publicação.

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões), deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», Rua Castilho, 185, 1.º-Lisboa-1.

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1\$00.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»

n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»

n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1\$00

Tribuna livre

INVOCACÃO ANTES DA LARGADA DA APOLO 14 DOS PRIMEIROS NÁUFRAGOS DO ESPAÇO

A alguns dias apenas do lançamento de mais uma missão «APOLO» — a 14.ª, ocorre lembrar o que tem sido esta fantástica Aventura do Homem denominada «A Conquista do Espaço» e, principalmente, a última viagem extraterrestre realizada — a já histórica «Apolo 13».

A imortalidade, a alquimia e o voar foram, desde os tempos mais remotos as supremas ambições do Homem.

Segundo a lenda foi Icaro o primeiro ser terrestre a elevar-se no espaço e, também segundo ela, a primeira vítima deste; já no domínio histórico, em 1709 Bartolomeu de Gusmão, na sua «Passaroia» voou do Castelo de S. Jorge para o Terreiro do Paço e, desde Montgolfier a Adier, de Lindbergh a Coudinho e Sacadura, são incontáveis as façanhas dos pioneiros da aviação.

A 4 de Outubro de 1957 é colocado em órbita terrestre pela U. R. S. S. o primeiro satélite artificial; nasce assim a astronáutica. A próxima etapa da conquista do espaço dá-se em Abril de 1961, Yuri Gagarine dá uma volta completa à Terra a 300 km de altura e a 28 000 por hora. Nunca o homem fora tão longe nem tão depressa.

O programa espacial de qualquer país, absorve verbas astronómicas, que poderiam, na opinião de algumas pessoas, ser gastas na obtenção de meios que permitissem melhorar as condições de vida do homem na Terra, mas na realidade é o que se está fazendo, os computadores, as inúmeras descobertas no campo da medicina, da metalurgia e de tantos outros sectores da vida humana, só foram possíveis pela necessidade que os técnicos tiveram em criar a ambiência possível para o homem fora da Terra.

O programa «Apolo», um dos mais dispendiosos da história da astronáutica, culminou com o primeiro desembarque lunar. «O passo que dei foi muito pequeno para um homem, mas foi um gigantesco salto para a humanidade». Estas palavras pronunciou-as Neil Armstrong, o primeiro ser terrestre a pisar o solo de outro corpo celeste.

A viagem da «Apolo 13» parecia de início estar destinada a uma mera missão de rotina, era a terceira vez que o homem iria pousar na Lua. Quis o destino que tal não acontecesse a esta foi afinal a mais perigosa e espectacular de quantas missões o homem já realizou no espaço exterior, só lhe sendo comparável o primeiro desembarque lunar.

Sempre, através dos tempos, o homem tentou vencer os obstáculos que se lhe depararam, não com os meios de que necessitava, mas apenas com aqueles de que dispunha. Assim, antes de existirem transatlânticos, cruzou todos os oceanos em frágeis caravelas, comparativamente, hoje, vai-se à Lua num aparelho de locomoção autónoma, mas sim numa série

de engenhos demasiado complicados e falíveis, criando-se deste modo para o homem uma situação de perigo. Temos, todavia, de nos aperceber que se não nos adiantássemos em audácia e em engenhos a época em que vivemos ainda hoje não teria sido inventada a roda.

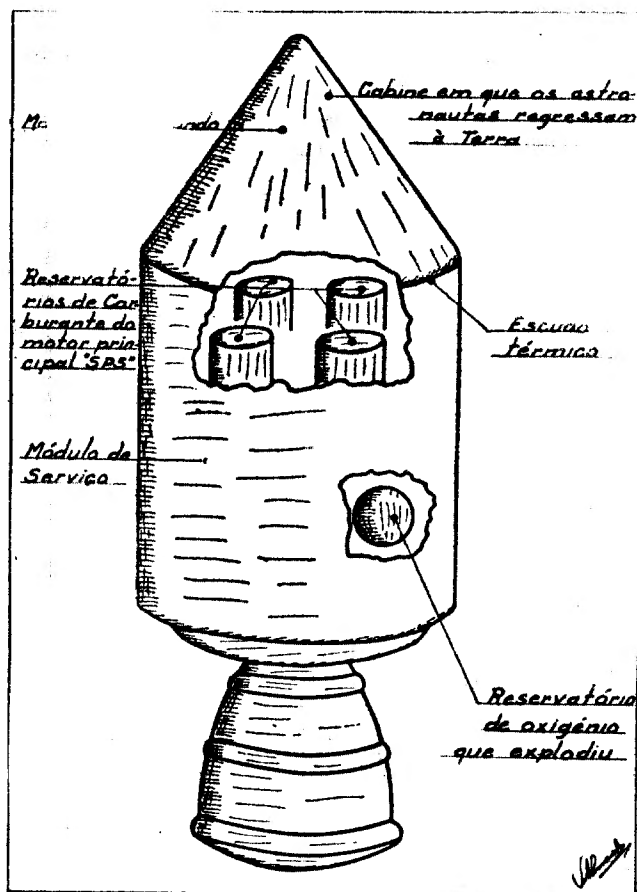
A missão «Apolo 13» não foi integralmente cumprida, mas foi um êxito. Embora não tivessem desembarcado na Lua, os astronautas venceram mais uma etapa da conquista do Cosmos, foram os protagonistas e realizaram ao mesmo tempo o primeiro salvamento de vidas humanas em perigo no espaço infinito para além da Terra. A técnica mais avançada e ao sangue-frio e preparação psicológica inultrapassáveis, correspondeu em certo grau o factor sorte, pois se a avaria verificada tivesse ocorrido na viagem de regresso, os astronautas não dispunham do mó-

andar do foguetão «Saturno» provocou na Lua um gismo que durou quatro horas.

Também no campo das relações internacionais, poucas vezes assistimos a uma tão grande cadeia de solidariedade, países com grandes divergências políticas com os E. U. A., puseram-se incondicionalmente à disposição para salvar o HOMEM que estava em perigo.

A avaria do módulo de serviço deu-se em consequência da explosão de um tanque de oxigénio situado na sua parte inferior, todavia, se a anomalia tivesse ocorrido num dos reservatórios de combustível do motor principal «SPS» situados na parte superior do módulo de serviço, o escudo térmico teria ficado danificado e não suportaria os 3000 graus da reentrada na atmosfera terrestre e os astronautas pereceriam nos últimos momentos da viagem. Mesmo assim, a missão «Apolo 13» teria sido

ERA ASSIM A
ASTRONAVE DA
MISSÃO «APOLO 13», CUJO
RESERVATÓRIO
DE OXIGÉNIO
EXPLODIU



dulo lunar como solução de emergência, por o terem já abandonado no nosso satélite; foi mais uma conclusão a tirar desta viagem, nas próximas decerto o «LEM» acompanhará a missão até ao momento em que possam prescindir definitivamente dele.

Além da experiência adquirida (e de que maneira) nesta histórica viagem puderam ainda os técnicos em Terra obter mais alguns dados acerca da constituição do solo lunar, pois ao despenhar-se o último

provedor para as futuras explorações espaciais, porque não pode ser anulado por um golpe do acaso (como seja o local onde a explosão teria ocorrido), todo o esforço de uma numerosa equipa actuando numa situação de emergência para salvar os primeiros náufragos do espaço.

Eis o que se pode invocar antes da «largada» da «Apolo 14».

VÍTOR MANUEL ALMEIDA

NOTA diária

UM MÉTODO À PROVA

ATÉ ONDE A COORDENAÇÃO que vem a procurar-se e a experimentar-se entre os serviços de Saúde e os da Previdência se tem mostrado ou se va mostrar feliz e frutuosa nos seus resultados? Não sabemos. E até é possível que não completamente, pelo menos no acordo de todos. Mas na hora das realizações, pelo menos na hora da sua experiência na hora em que é possível haver quem levante o dedo para pôr dúvidas, se as há, e é legítimo que as haja, não queremos ficar de fora encolhidos na concha do silêncio. Porque essa coordenação, que está agora a tentar-se e a fazer-se, aqui nós antecipamos a opinião de a ter por inevitável.

Era um passo indispensável. Sem esse passo, não seria possível, quase não seria legítimo pensar a sério em qualquer coisa a sério entre nós nos domínios da saúde, porque se interpunha este paradoxo tremendo: de um lado havia doentes e não havia dinheiro, do outro lado havia dinheiro e praticamente não havia assistência aos doentes. Era gritante e entrava pelos olhos de quem os abrisse com desejos de ver, embora, talvez, o que parecia evidente o fosse menos do que parecia de cada vez que se contemplava a linha incessante do desenvolvimento dos capitais acumulados nos escaninhos da previdência. Para que querem «eles» tanto dinheiro?

Toda a gente sabe o volume que atingiam esses capitais, produto da contribuição obrigatória e permanente de todos os trabalhadores e, simultaneamente, dos respectivos patrões. De tempos a tempos fazia-se ostentação desse dinheiro, que, aliás, veio a ser em grande parte investido (isto quer dizer colocado com o objectivo de o pôr a render) em numerosos empreendimentos de fomento considerados como reprodutivos. É o caso, por exemplo, das empresas hidroeléctricas, onde apareceu amplamente representado o dinheiro das «caixas». E po que se tinha perdido o gosto ou o costume de dar contas ao País, o País olhava e não percebia.

Por certo havia também, de tempos a tempos, umas declarações solenes e empertigadas, carregadas de estatísticas, em cuja manipulação os serviços se mostravam pródigos, onde se fazia a exibição de muitos elementos úteis para uma análise interpretativa. Mas tinham-se perdido o hábito e até o gosto de analisar fosse o que fosse, com a sensação do esforço perdido, porque se tinha deixado implantar e fazer prevalecer a suspeita sobre quanto aparescesse com o jeito de tentar uma avaliação que não fosse exclusivamente lisonjeira. Daqui, não é difícil entender as características do ambiente que se formou, onde a suspeita de um lado correspondia a suspeita do outro.

Havia muito dinheiro, claro que havia. E nem sempre se tornou possível ou mesmo se desejou fazer entender a mecânica e a razão de uma tal acumulação de capitais formados com a contribuição, ao longo de muitos anos, de todos os que são chamados os beneficiários das caixas, que se constituíram com gente na sua maior parte jovem, precisamente na idade de pagar muito e receber pouco, porque a idade é um dos factores com que se joga nestes cálculos. Um dia viria em que os contribuintes, aliviados do seu dinheiro mas carregados com tempo de vida, estariam em condições de reclamar os auxílios para que se tinham habilitado. A previdência é isso.

Mas de qualquer modo havia dinheiro disponível num sistema onde os esquemas de saúde tinham também o seu lugar. E a crítica que naturalmente se fazia, quase sempre em surdina, algumas vezes chegando a público, era a das duplicações. Para quê dois sistemas paralelos e concorrentes? Para quê os médicos das caixas desligados do esquema da saúde? Porque não juntar, organizar, coordenar, para mais quando a maior parte das vezes os médicos eram os mesmos que se repartiam em fracções de tempo a saltar de emprego para emprego, com má paga e mau trabalho? É agora o que se está a ensaiar.



GALERIA REAL

SINTRA (S. PEDRO) — Tel. 98 16 61
RESTAURANTE — BAR — SALÃO DE CHÁ
Direcção de FRANCISCO CORREIA e LUIS DIAS
Informamos os nossos Ex. mos Clientes que amanhã, sábado 23, a Sala da Lareira está reservada a partir das 18 horas para um Lanche de Casamento. Servimos no entanto os habituais almoços. Nos outros dias, aceitamos reservas para Jantar, até às 22 horas.

Visite «O CHICO»

TAVERNA TÍPICA-BAR
Arco do Teixeira — Sintra — Tel. 98 19 42
(Até às 2 da madrugada)
— Há sempre um Bom Petisco que espera por si...

COLÉGIO DE NUN'ÁLVARES

TOMAR

HOMENAGEM PÓSTUMA AO SENHOR
DOUTOR RAUL LOPES

ANTIGOS ALUNOS PEDE-SE MANDEM VOSSA MORADA

Conta Juventude

BANCO DO ALENTEJO

*** novo casino estoril ***

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

JAMES BOYS

VEGETAS DA RADIO E DA TV INGLESA

SEGURA BROTHERS
ORIGINAIS ANTIPODISTAS

HELENA TAVARES
com ANTONIO LUIS GOMES e RAUL SILVA

"OS ÚNTUÉS"
MÚSICA E CANÇÕES DO FOLCLORE DE S. TOMÉ

LES BALLETS DE

GEORGES REICH

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

Jan Berkeley
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
maiores de 17 anos

NO WONDER BAR À 10H. maiores de 21 anos

No Cinema, às 17 e 21.30 h.

OREFEU NEGRO
(M. 17 anos)

*** novo casino estoril ***

2ª SEMANA

UM FILME ORIGINAL
UM ÊXITO INVULGAR!

O best seller de Sebastien Japrisot
posto em cinema por Anatole Litvak

O SEU PRIMEIRO
ERRO FOI ENTRAR
PARA O AUTOMÓVEL...



A COLUMBIA Filmes e LIRA Filmes apresentam
SAMANTHA EGGAR OLIVER REED STEPHANE AUDRAN
ANATOLE LITVAK

UMA SENHORA NUM AUTOMÓVEL
com óculos e uma espingarda
(THE LADY IN THE CAR WITH GLASSES AND A GUN)

JOHN McENERY JACQUES FABBRI BERNARD FRESSON MARCEL BOZZUFFI PHILIPPE NICAUD
SEBASTIEN JAPRISOT RAYMOND DUMON ANATOLE LITVAK
MICHEL LEGRAND PANAVISION DO COLORADO

As 15.15, 18.15 e 21.30

As 15.15 e 21.45

SÃO LUIZ

ALVALADE

O LIVRO «UMA SENHORA NUM AUTOMÓVEL COM
ÓCULOS E UMA ESPINGARDA» DE SEBASTIEN JAPRI-
SOT FOI EDITADO PELA EDITORIAL ESTUDIOS COR.

MORADIA NO RESTELO

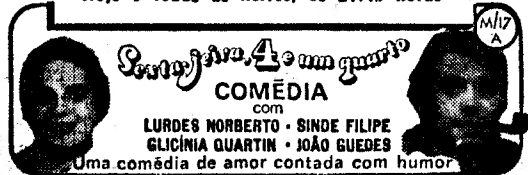
Muito bem localizada, construção de luxo, composta
por 3 pisos, salão, sala de jantar, magnífica copa, mar-
quise, 4 casas de banho, 6 quartos com grandes rou-
peiros, sacadas com bonitas vistas de mar e serra, adega,
bar, arrecadações, jardim e/ cerca de 1000 m2, garagem
para 2 carros.

VENDE-SE, magnífica oportunidade.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
ROSSIO, 3-2, — TELEFS. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

O GRUPO DE
ACÇÃO TEATRAL
apresenta

TEATRO
VILLARET

Hoje e todas as noites, às 21.45 horas



SÁBADO, ÀS 16 HORAS: A 100.ª REPRESENTAÇÃO DE «O PROCESSO» DE KAFKA (Domingo, também às 16 horas)
Subsídios do Fundo de Teatro e Fundação Gulbenkian — (Maiores de 17 anos) — 50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES

Em LEIRIA o «DIÁRIO DE
LISBOA» é vendido por Bakazat
& Rodrigues, Rotunda de San-
tana. I

VIDA MUSICAL

Um recital de violoncelo e piano

O concerto de ontem no
Audatório Dois esteve longe
de nos trazer a revelação de
um violoncelista excepcional.
Vahe Berberian não se reco-
menda pela qualidade do
som. Este nem é bonito, nem
amplo. E quanto a afinação,
nem sempre foi rigorosa. Tais

fraquezas afetaram muito
particularmente a *Sonata em
fá maior* de Brahms. Já na
segunda parte do programa
as coisas correram melhor,
nomeadamente no *Nocturno*
de Frederico de Freitas, uma
peça bastante significativa da
juventude do autor. No âm-
bito de um fundamental ro-
mantismo introspectivo, essas
páginas denunciavam uma es-
trutura instabilidade na sua es-
turação rítmica e harmónica,
que não deixa de ser meri-
tória e estimulante, se nos
reportarmos à generalidade
da produção musical portu-
guesa da época (a roda de
1926). A versão que Vahe
Berberian, bem secundado
pela pianista Olga Prats, nos
deu do *Nocturno* impôs-se pe-
la propriedade do clima e
das inflexões. O concerto ter-
minou com uma das últimas
obras de Prokofiev. Não tan-
to pelo interesse da sua lin-
guagem, tendendo para a
simplificação conformista, a
Sonata em dó maior, op. 119,
vale, sobretudo, pelo que nela
transparece do forte tempera-
mento do autor. A sua
a l'm osfera é predominantemente
lírica, mas nela per-
passam, aqui e além, pinela-
das de leveza e também de
agitação.

O violoncelista Berberian
mostrou compreender o seu
ethos, e não há dúvida que
a realização global foi suf-
cientemente equilibrada.
Olga Prats não foi uma co-
laboradora apagada. Soube, e
pode, fazer valer os seus re-
cursos de executante, através
de uma sensibilidade atenta
ao relevo do discurso sonoro,
não se compadecendo com
certa «disura» de estilo, por
vezes muito em moda...

NUNO BARREIROS

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

(Maiores de 17 anos)
Temperatura
confortável 9.ª
SEMANA

TODAS AS NOITES, ÀS 21.45
AMANHÃ, TARDE POPULAR
com a mesma tabela das
noites de 5.ª-feira
Balcão: 10\$ e 15\$ e 30\$
Plateia: 30\$ e 50\$

No 1.º aniversário
desempenho da
Companhia do
T. M. M., com
igrejas Casco
no
protagonista

o inocente

Os jovens dos 17 aos 24
anos, aos sábados, à tarde
e nos 2 espectáculos de
domingo, têm nas normas
habituais 50% de desconto

TEATRO
EXPERIMENTAL
DE CASCAIS

TODAS AS NOITES, ÀS 22 H.
DOMINGO: MATINEE ÀS 16 H.

SOTOBA KOMACHI

de YUKIO MISHIMA
trad. ORLANDO NEVES

**BREVE SUMÁRIO
DA HISTÓRIA
DE DEUS**

de GIL VICENTE
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
TEL. 280919 ADULTOS

PIANOS

Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO
PEREIRA & C.
RUA DO CARMO

TEATRO
MONUMENTAL

T. 555133
HOJE: À noite, às 21.45 h.
(M. 17 anos)
VASCO MORGADO
APRESENTA
**A CASA
DAS CABRAS**
com MILU na protagonista.
Armando Cortez, Maria Jac-
ques, Guida Maria, Luis Pi-
nhão, Oscar Ccetano, Nor-
berto de Sousa, António Ma-
chado, António Semedo
Amãhã, 2 sessões: 21 e 23 h.
Domingo, à tarde, às 16 h.
(M/ 4 anos)
O PARAÍSO INFANTIL
O NATAL
DO CAPUCHINHO

TEATRO
LAURA ALVES

T. 864756
HOJE, às 21.45 h.
(Maiores de 17 anos)
5.ª MES
ÚLTIMOS DIAS
VASCO MORGADO
APRESENTA
A OBRA-PRIMA DE
ARTHUR MILLER
O PREÇO
magnificamente interpretada
por Jacinto Ramos, Varella
Silva, Glória de Matos e em
reconposição, José Gamboa
SÁBADOS e DOMINGOS
«MATINÉS» ÀS 16 H.
ESTUDANTES: 50% desconto

TEATRO
CAPITÓLIO

T. 327493
HOJE, às 21.45 h.
(Maiores de 17 anos)
VASCO MORGADO
APRESENTA
LAURA ALVES
na espantosa comédia de
ANDRÉ ROUSSIN
A QUERIDA MAMÃ
(LA MAMMA)
com Carlos Duarte, Aida
Pinto, Rolando Alves, Luis
Alberto, António Rama, Ana
Le Matre e o par romântico
Helena Isabel-Octávio
Borges — Encenação de An-
tónio de Cabo — Cenas de
Hernâni Lopes
DOMINGO
À TARDE, ÀS 16 HORAS

**MARIA
VITÓRIA**
ADULTOS
TEL. 36 17 40

• **PIMENTA NA LÍNGUA!**

O TRIUNFO TOTAL DE UM ÓPTIMO ELENCO, COM:

• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA
• BARROSO LOPES • DORA LEAL

• NICOLAU BREYNER

A «vedeta» do Fado A atracção
• ANA ROSAMINHO • RONY VALY
e, no «compère», • OCTAVIO DE MATOS
À frente de uma grande COMPANHIA e de um óptimo
«BALLET» INTERNACIONAL!

• DOMINGO, «MATINEE», ÀS 16 HORAS



AIDA BAPTISTA NICOLAU BREYNER
na «Inspiração» na «Senhor Clara»

A POSIÇÃO DOS DISTRIBUIDORES DE FILMES

(Continuação da 1.ª página)

estabelecimentos técnicos nacionais.

Até o próprio cinema português desses mesmos filmes estrangeiros vem auferindo há cerca de duas décadas de anos, através do Fundo do Cinema, verbas anuais de cerca de 4000 contos pagas pelos distribuidores e o extraordinário benefício de encontrar para canalização dos poucos filmes portugueses distribuidoras e cinemas vivos e actantes.

Os distribuidores portugueses manifestam o seu apoio sempre reiterado ao cinema português, cujos filmes na sua quase totalidade têm produzido ou financiado; mas manifestam também o seu receio pela desarticulação do precário equilíbrio das suas empresas, já a bra-

ços com imparável aumento de custos, desde os filmes estrangeiros na origem às presentes sobrecargas com salários e despesas gerais de toda a ordem, extraordinariamente agravados pela menor afluência de público a um espectáculo cinematográfico e que desejariam livre, nas suas expressões criadora e artística.

Assim, têm a maior apreensão por eventuais sugestões tendentes a uma constituição dos órgãos do Instituto Português de Cinema, onde se não preveja condigna representação corporativa; sobre o regime tributário com injusta e inoportuna contribuição do Cinema para o socorro social, municípios e caixa de previdência dos profissionais de espectáculos; sobre a sugestão de uma ingerência estatal e outras me-

didadas que não permitirão o fomento do cinema nacional, antes tão-somente agravarão a já difícil situação de crise de todas as actividades cinematográficas.

Finalmente, não podem deixar de salientar que o cinema como veículo de cultura precisa indispensavelmente de base económica, devendo ser a articulação dessa mesma base a finalidade principal de uma lei de protecção e fomento do cinema, que não outras porventura importantes, mas secundárias pois não vitais.

No mundo de hoje, que se não compadece com amadorismos e para suporte de uma produção nacional qualitativa e quantitativamente bastante, parece condição indispensável a subsistência de todas as actividades cinematográficas, todas regidas pelos mesmos princípios.

Para isso, pedimos a Vossa

Excelência que se digna transmitir aos Ilustres Deputados o nosso instante apelo de que — seleccionando-os em seus sábios critérios — considerem sobretudo o que atrás objectivamente se deixa exposto e parece útil para um mais justo e perfeito trabalho legislativo.

Assinam a carta: Astória Filmes, Lda., Comp. Cinematográfica de Portugal, Lda., Deva Filmes, Distribuidores Reunidos, Lda., Doper Filme, Lda., Espectáculos Rivos, Lda., Filmes Castelo Lopes, Lda., Filmes Lo-somundo, S. A. R. L., Filmes Ocidente, Lda., Filmitatus, Lda., Foxfilmes, Lda., Imperial Filmes, Lda., Internacional Filmes, S. A. R. L., Momento Filmes, Lda., Mundial Filmes, Lda., S. I. F. — Soc. Importadora de Filmes, Lda., Sofilmes, Lda., Sonoro Filme, Lda., SPAC — Soc. Portug. de Actual. Cin., Lda. e Talma Filmes, Lda.

NO
VARIEDADES

As 20.45 e 23 horas

**ÊXITO
TOTAL**

DA SUPER-REVISTA



Magnífico triunfo de um excelente elenco, com **SALVADOR, FLORBELA, CARLOS COELHO**, a colaboração de **MARIEMA**, pela 1.ª vez em revista **MARIA DO CÉU GUERRA** e a atracção nacional **DUO OURO NEGRO**

ESCULTURAL CORPO DE BAILE

OS CINEMAS QUE FECHAM E OS QUE DÃO REFEIÇÕES

Duas notícias complementares fornecidas pela A.N.L.: 80 a 100 cinemas estão em riscos de fechar na capital argentina; Londres inaugura brevemente o seu primeiro cinema-restaurante. A crise de frequência pode ter aspectos diferentes.

O encerramento previsto de tantos cinemas de Buenos Aires ameaça 1500 pessoas com o desemprego.

«A crise — afirmam os dirigentes das salas —

filia-se no agravamento dos encargos fiscais, na concorrência da TV e na elevação geral do custo de vida» sem esquecer — sublinham — «o rigor a que a censura está a submeter os programas».

Os ingleses inventam uma nova forma de luta comercial: o primeiro cinema-restaurante tem capacidade para 750 espectadores. Se a iniciativa resultar, os seus promotores pensam abrir mais quatro estabelecimentos, do género na capital inglesa.

QUATRO INGLESES CARICATURAM O «POP» NO ACTUAL ESPECTÁCULO DO CASINO ESTORIL

A caricatura provoca o riso. O riso é saudável. Tudo quanto é saudável vem êxito. Eis a estranha dedução que pode tirar-se da presença dos quatro rapazes ingleses que figuram, presentemente, como cabeça de cartaz do «show» que todas as noites é apresentado no Casino Estoril. São quatro jovens — os «James Boys» — dotados de um notável sentido de humor, ao qual aliam uma técnica vocal e musical perfeita. Resulta daí que este conjunto artístico, com nome feito na Rádio e na TV inglesas, proporciona belos momentos de espectáculo, criando um ambiente de agrado, que se traduz, no final da sua actuação, por prolongados aplau-

sos. Cantando e tocando, os «James Boys» (dois guitarras-elétricas, um saxofonista e um bateria) traçam uma crítica perfeita do actual estilo «pop», indo ao ponto de imitar, humoradamente, os «Bee Gees», Al Jolson, os «Beatles» e outros nomes grandes da música moderna. Quatro rapazes endiabrados, a quem sobejam dotes para triunfar no «music-hall».

Outra atracção de nível no presente «show» do Casino são «Les Ballets de Georges Reich», de créditos firmados em todo o Mundo. Formado por ágeis bailarinos e esculturas bailarinas, o conjunto oferece deslumbrantes momentos coreográficos, como é o caso do bailado final, concebido em textos musicais que andam agora no ouvido de toda a gente, ou como é também o caso do feérico «Quelle chance», orientado no sentido dos tradicionais arranjos parisienses.

Mas há, ainda, mais três motivos de agrado: a presença de Helena Tavares, com a sua voz bem modulada; a exuberância dos «Segura Brothers», em perfeitos e bem ritmados exercícios de antipodismo; e a novidade, mesmo para a maioria dos espectadores nacionais, da música e canções do folclore de S. Tomé, trazida, até nós pelos «Unités».

IONESCO EM ALGÉS

O clube de teatro 1.º Acto estreia esta noite «A Cantora Careca», de Eugène Ionesco, depois dos ensaios públicos (seguidos de debate) que se realizaram na sua sala há cerca de um mês.

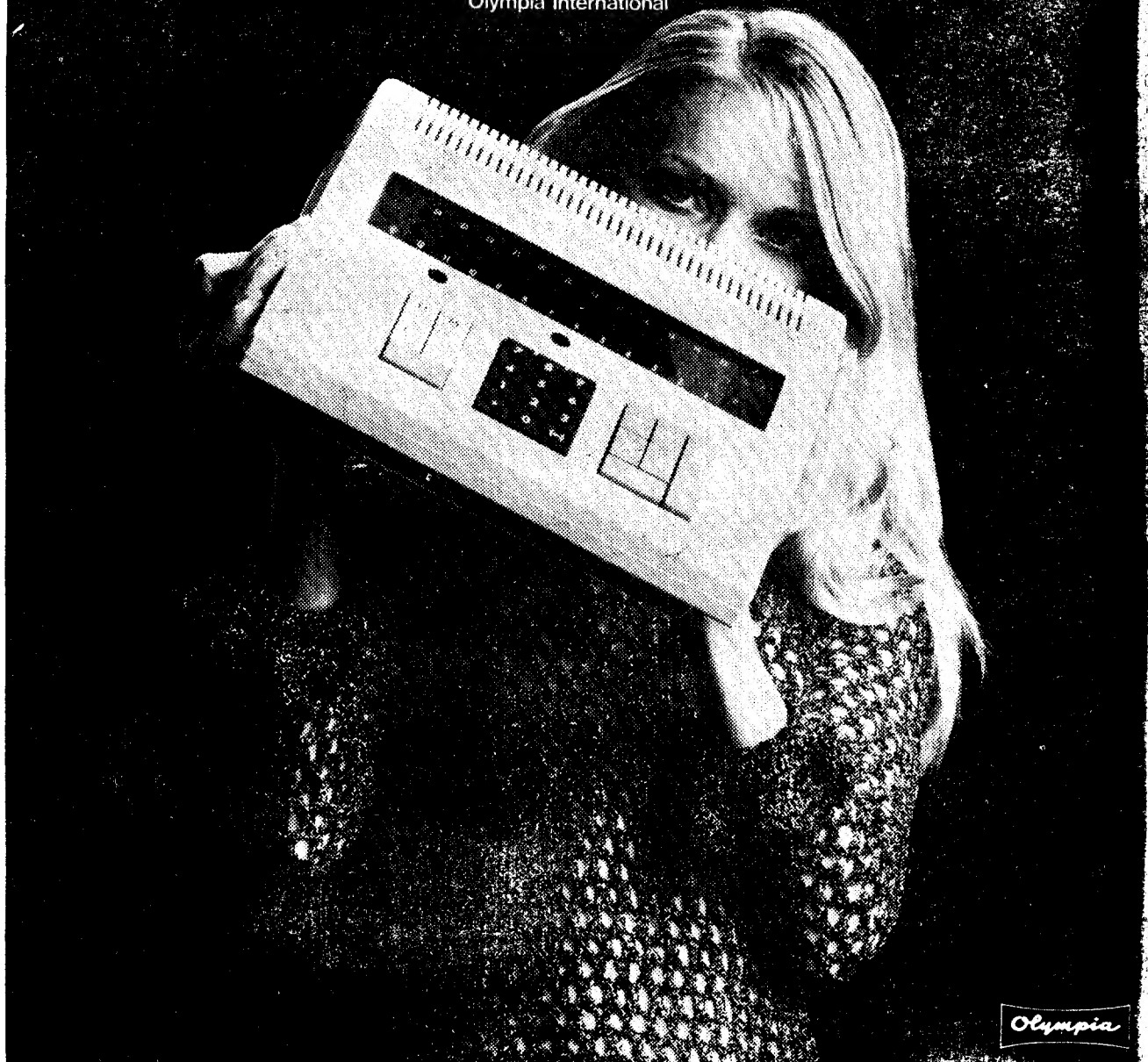
Sede do clube: em Algés, à Rua Eduardo Augusto Pedroso, 16-A (telefone 215033).

Um pouco maior do que a cabeça. Mas muito mais rápida

Muitíssimo mais rápida. Bem vê, a ICR 412 é uma calculadora electrónica. E trabalha a uma velocidade igual à da luz. Tem uma capacidade de cálculo com 24 algarismos. Um registo calculador. Um mecanismo de memória. Uma técnica de cálculo aritmético. Uma capacidade para várias finalidades. E um comutador de tensão para todas as correntes usadas no mundo. Lógico. Você pode encontrar uma ICR 412 em qualquer lado.

A ICR 412 é uma Olympia. E Olympia é um dos maiores e mais importantes fabricantes de máquinas de escritório em todo o mundo. E não há país onde Olympia não tenha o seu lugar assegurado. Olympia fabrica máquinas de escrever. De calcular. De gravar. De copiar e de tratamento de dados. E Olympia diz-lhe ainda qual a máquina ou sistema mais indicado para o seu caso específico.

Olympia International



Olympia

Representantes exclusivos
Sul: **RIMA — RACIONALIZAÇÃO E MECANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA, LDA.**
Av. 5 de Outubro, 122 B — Lisboa Telef.: 76 51 11/2/3/4/5
Norte e Centro: **ARAÚJO & SOBRINHO SUCRS.** — Porto
Filiais em Coimbra, Covilhã, Guimarães e Viseu

O julgamento do abade de Macieira da Lixa

PORTO 22 — No Tribunal Plenário decorreu a décima sessão do julgamento do rev. Mário Pais de Oliveira, pároco de Macieira da Lixa, acusado no processo de actividade subversiva através de homilias feitas na sua igreja, incluindo críticas ao Governo e à luta no Ultramar.

O tribunal, com a mesma constituição presidido pelo desembargador dr. dr. Morais Caminho.

Foram ouvidas as testemunhas da defesa srs. Álvaro Fernandes da Silva, empregado de escritório; D. Maria Adelfa Teixeira de Sousa e Bernardino Teixeira, todos de Macieira da Lixa.

A testemunha de acusação dr. Amadeu da Vasconcelos continua a entregar ao tribunal documentos que tentam ter interesse para a acusação e o ajudante do promotor da República requereu que alguns desses documentos sejam lidos ao

processo.

O julgamento prossegue na segunda-feira e, de novo, ali voltará a referida testemunha de acusação, em consequência dos documentos agora enviados.

Castello Lopes dialoga com os jornais

Responsáveis de vários jornais da provincia estão em Lisboa para uma reunião com a distribuidora Filmes Castello Lopes que quer estabelecer com eles um diálogo vivo sobre problemas do Cinema.

O essencial da reunião decorre amanhã no cinema Condes. Esta noite, os convidados são obsequiados com um jantar e uma ida ao Monumental, para ver «A filha de Ryan».

Foi na conversa do vigésimo

PORTO, 22 — Em má hora aqui veio o sr. José Vieira Machado, de 25 anos, motorista, de São Pedro de Este (Braga), para tratar da documentação de emigrante. Na Rua do Heroísmo foi abordado por um desconhecido e de pois por outro personagem, os quais levaram o sr. José Machado a passar para a mão do primeiro 4000\$00 e documentos, em troca de um vigésimo, que eles diziam premiado em 100 contos... e estava «branco»!...

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O JAPÃO NA LINHA «INTERNACIONALISTA»

TÓQUIO, 22 — (A. N. I.) — O primeiro-ministro japonês referiu-se hoje publicamente à China Continental pelo seu nome completo, o que aconteceu pela primeira vez desde a segunda guerra mundial. Até agora todos os dirigentes japoneses usavam a abreviatura «Chukyo», embora isso desagradasse ao governo de Pequim.

Perante as duas câmaras do parlamento nipónico, Sato declarou que a questão chinesa é importante, não só para os interesses nacionais e para a paz como para o abrandamento da tensão no Extremo Oriente. O chefe do governo japonês salientou que um dos aspectos difíceis da questão é o facto de tanto o governo de Taipei como o de Pequim se intitularem representantes legítimos de todo o povo chinês.

Sato declarou que o seu governo está disposto a estabe-

lecer contactos a vários níveis com a China Continental e espera aumentar as transacções comerciais entre os dois países, fazendo ainda votos por que Pequim corresponda a este gesto de Tóquio. Sobre a diplomacia do Japão em geral, Sato declarou que o governo não tem outra alternativa senão persistir na que designou por «internacionalismo», para que o país sobreviva na comunidade mundial.

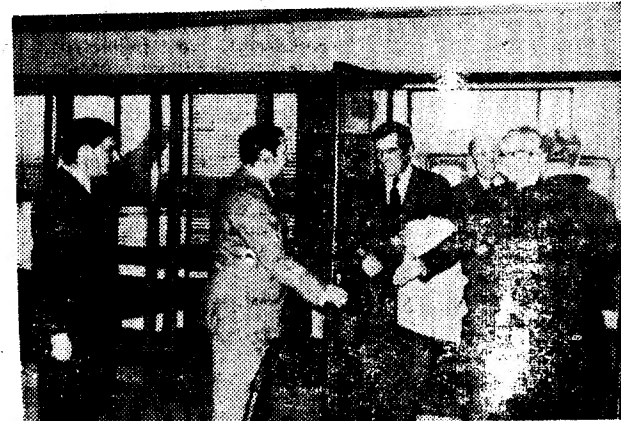
O primeiro-ministro chamou também a atenção para a importância que tem, para o Japão, a continuação das relações amigáveis com os Estados Unidos, e manifestou a esperança de se chegar brevemente a um acordo sobre a grave questão dos territórios.

«TU 144»: PRODUÇÃO EM SÉRIE

MOSCÓVIA, 22 (F. P.) — Os trabalhos com vista à produção em série do avião «TU 144», aparelho supersónico de transporte soviético, estão em vias de conclusão, e a sua utilização é encarada por parte da Aeroflot — escreve esta manhã na «Pravda» o sr. Bezboróvov, chefe da direcção política da Aviação Civil soviética.

Depois de ter dito que este «Tupolev» ligará Moscovo a Khabarovsk em três horas, Bezboróvov indicou que, entre os planos a curto prazo da Aeroflot, figuram a criação duma linha em torno do mundo e circuitos internacionais, nomeadamente uma ligação Moscovo-Nova Deli-Singapura-Tóquio-Moscovo.

REUNIÃO EM LISBOA DE ALTOS CARGOS DA FIRMA RANK XEROX



Alguns dirigentes da importante firma Rank Xerox, que se reunirão com a direcção portuguesa da Companhia para discutir os planos da expansão e lançamento de novos produtos da consagrada marca internacional. Os visitantes são os srs. R

rector-geral da empresa; J. C. Delafon, director das operações de mercado; A. Park, director do planeamento de informação e controle; Dr. A. Bordone, adjunto do director das operações de mercado, e R. Chikis, adjunto do director dos serviços de comercialização.

FALTA DE ENERGIA E OUTROS EFEITOS DO MAU TEMPO

O violento temporal que ontem se fez sentir, especialmente nas zonas do Norte, está na base das causas da falta de energia eléctrica que se verificou em quase todo o País. Com efeito devido a uma trovoadas produziu-se um disparo na linha de interligação no troço entre Ermesinde e Vermoim, provocando a abertura de um dos anéis da rede, cerca das 19 e 15 horas. A corrente foi estabelecida 20 minutos depois. Na região de Lisboa, só não sofreram a falta de energia as áreas abastecidas pela Central Tejo. A vida da cidade foi muito afectada, nomeadamente no respeitante a transportes públicos. No entanto, o temporal tem causado prejuízos em todo o País.

Entretanto, há notícias de diversos acidentes em linhas férreas, alguns dos quais

provocaram atrasos e danos: na linha do Douro, entre Pala e Juncal, uma automotora chocou com uma pedra que caíra à via, na linha da Póvoa de Varzim um comboio chocou com uma árvore atravancada na via; idêntico perigo correu uma composição na linha de Guimarães, mas o maquinista avistou a árvore e parou.

O mau tempo agravou também a ameaça de desabamento de um prédio de quatro andares na Rua Tomás da Anunciação, no Jardim da Parada, em Campo de Ourique. O referido prédio, o n.º 49, estava já sob a vigilância do B. S. B. e dos técnicos camarários há um mês. A Câmara Municipal mandou abrir um inquérito tendo transferido ontem os 33 moradores do prédio para o Bairro do Casalinho, à Ajuda.

Ford

EXPO 71

a maior exposição automóvel jamais realizada em Portugal

com a nova estrela Ford-o novo Cortina na FIL-Feira Internacional de Lisboa*

GANHE UM CORTINA 1300 L E MUITOS OUTROS VALIOSOS PRÊMIOS. SORTEIOS DIÁRIOS. SEMPRE GRATUITOS.

TODA A GAMA FORD em exposição: automóveis-comerciais ligeiros-camiões-tractores.

Presente, a contribuição que os produtos nacionais têm na montagem do seu Ford.

Sessões de cinema. Leve a família. Pode jantar no Restaurante da FIL a preço especial.

PARA O RECEBER OS CONCESSIONÁRIOS FORD EM LISBOA: AUTO-BOAVISTA, AUTO-RALI, J. MENDES COELHO, LINCURI, STAND MODERNO, SINDUL TRACTORES.

A Ford Expo 71 manter-se-á até ao dia 23...visite-a as vezes que quiser — nos dias úteis das 10h às 23.30h, e aos sábados e domingos, desde as 15h.

* Ambiente climatizado. Entrada livre. Facilidade de estacionamento.



Ford à frente!



CANAL DA CRÍTICA

por MARIO CASTRIM

«BALLET»: QUE BOM, NÃO HAVER PALAVRAS...

Deixo-os com o Royal Ballet, com a Margot e o Nureev. Deixo-os nesta desesperada tentativa, que será igualmente a minha, de recuperar alguns «salvados» do «ballet» chegado até nós através da televisão, que não é amante do bailado, não percebe muito disso e até se encontram, muitas vezes, de relações cortadas. Com o «ballet», a Televisão perde-se num terrível dilema: ou nos dá o conjunto, e se perde a expressão individual, ou nos dá o grande plano (é o dás!) e lá se vai o valor do conjunto. Acrescente-se a tudo isto a ausência da cor, o empastelamento dos «tutus» e do cenário e, ainda, as deficiências do som (tão frequentes nas «Sifides», tão enervantemente frequentes...) e, ainda, a cópia gasta (quando se voltar a falar da corrosão no *Curto-Circuito*, não se há-de esquecer o exemplo daquela cópia do «Corsário», onde se atingiu o nível de pirataria corrosiva).

Deixo-os para ver e ouvir Margarida de Abreu a «apresentar» os bailados, a falar da «tradição pura e escolástica» do Royal Ballet. Ninguém lucrará grandemente com essa «apresentação» — mas

a verdade é que os telespectadores estarão ali para ver a Margot e o Nureev, e não para ouvir Margarida de Abreu. Embora esta nos pudesse dizer alguma coisa de quanto se passava em cena no último bailado «O casamento da princesa Aurora». Ai, os ingleses puseram uma legenda a contar a anedota. Mas a nossa superioridade sobre os ingleses, quanto ao conhecimento das histórias bailadas, é tal, que dispensa perfeitamente todas as explicações. Só o que nos faltava saber era não sei que 1890...

Ah, mas que bom, que bom, que bom, não haver palavras, passar um serão inteiro a ver, só a ver, nada mais, do que haver... Lembro-me da peça de quinta-feira passada, aquela da gaveta com o segredo lá dentro, e dou de repente a dizer com os meus botões: «Era tão bom guardarem sempre um bocadinho de «ballet» para as quintas-feiras...»

A crítica por hoje termina aqui. Foi «ballet» e mais nada. Sobre as «imagens da Poesia Europeia» nenhuma palavra a acrescentar. O curso segue o seu curso, com uma ligeira tentativa para melhorar o discurso através do recurso à me-

mória, no decurso do qual ouvimos versos entalados (e é que estamos mesmo entalados, sabe-se lá por quanto tempo mais!) no discurso, segundo um processo literário de itálicos que a oralidade não consente, mas de que o responsável da rubrica não abdica, numa olímpica ignorância das exigências de uma comunicação (de uma convivência) pela TV.

Sobre o «Olho Vivo» também nada de especial a acrescentar. A piada do costume, farsa, ou melhor dizendo: a cegada do costume, com a novidade (não frequente na série) de continuar no próximo número, depois de ter vindo do número anterior — e sempre dentro do maior «suspense», está claro. Como se vê, a mania dos cursos persegue toda a gente, incluindo o Maxwell Smart.

Era meu desejo falar hoje de outro curso: o de música, da TV Educativa, a cargo de José Atalaya. Imaginem que a meio, no melhor da festa, depois de Atalaya se ter esforçado por nos fazer compreender que um *improvisado* não é necessariamente... um *improvisado*, de sú-

bito, fadou a corrente eléctrica. A muita gente pode parecer acidente de pouca monta. A verdade é que nem mesmo assim pude continuar em comunicação com Atalaya. E lá se foi o Schubert...

Por outro lado, a minha experiência do programa da hora do almoço é igualmente pouco feliz. Estava eu muito desprevenido, depois de ter evitado «Os meus sobrinhos», quando fui apanhado pelo Manuel Poppe, que, em estilo «Meditação» de fim de programa, se referiu à escritora Natália Nunes. Entre outras coisas, vimos algumas fotografias da romancista, tiradas de album familiar, despropositadas no programa, em alarde abusivo de presença muito lamentável e, sobretudo, muito «pires», muito ridículo. Tudo isso enquanto o pobre Poppe se enfiava por atalhos igualmente ridículos, através dos quais desbravava os aspectos cósmicos na obra de Natália Nunes...

Uma indigestão destas quando uma pessoa começa a fazer a digestão — é triste.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — As 16: Noticiário 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: Vida e Trabalho; 18 e 05: Ao encontro da melodia; 18 e 30: Conjuntos lígeiros; 18 e 30: Melodias de cinema; 19 e 30: Passatempo musical; 20: Diálogo sonoro; 20 e 20: Um instrumentista: Boi Shank; 20 e 30: 15.º Episódio do Folhetim «Enarazinhadas»; 20 e 50: O organista: Ray Charles; 21: Momento 71; 21 e 20: Interlúdio; 22: Música da Europa; 22 e 30: Música e cadência; 23 e 05: Grande desfile; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 16: Ciclo do Barroco Italiano 16 e 45: Música de vanguarda; 17: Música de piano 19: Música portuguesa — Obras de João Domingos Bomtempo; 20: Diário So-

noro; 20 e 30: 2 Obras de João Sebastião Bach, para solo, coro e orquestra; 21: Concerto Sinfónico — 1.ª parte; 22: Conções de Schubert; 22 e 10: Concerto Sinfónico — 2.ª parte; 22 e 58: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: 45 rotações; 20 e 30: Semanário 7; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música para meditar; 21 e 32: Impacto 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Telenôva.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 9 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa 66-66; 0 e 02: Em órbita-dos; 0 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Pensativa; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois

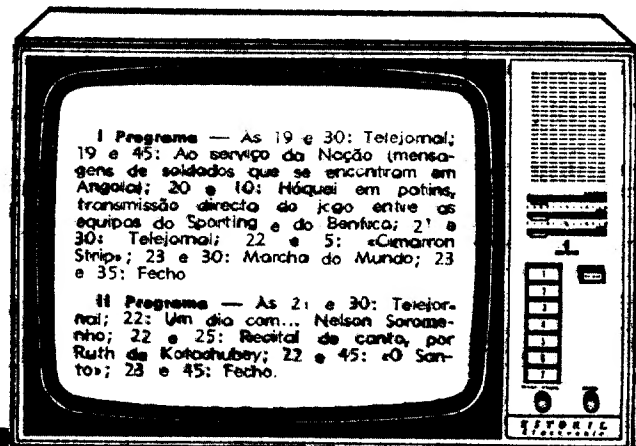
do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Martins teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudo 64; 20 e 10: Noite da a dia; 21 e 05: 56-Rádio; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensagem do evangelho; 22 e 03: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de Alegria; 22 e 30: Carrusel; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Radiograma; 18 e 05: Mariana Tha; 18 e 30: Transmissão da Missa Solene em honra de São Vicente, do Sé Patriarcal de Lisboa; 10 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 20: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Programa dos sábados; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música vândica; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 168 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — Rádio Península — Das 7 às 8, das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22: Rádio Voz de Lisboa — Das 17 às 19 e 30 e das 22 às 2: Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30: Rádio Graça — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17.

TV dia a dia

HOJE PODE VER



I Programa — As 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Ao serviço da Nação (mensagem de soldados que se encontram em Angola); 20 e 10: Hóquei em patins, transmissão directa do jogo entre as equipas do Sporting e do Benfica; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: «Cinamarron Strip»; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 35: Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Um dia com... Nelson Saraminho; 22 e 25: Recital de canto, por Ruth de Kothahubry; 22 e 45: «O Santor»; 23 e 45: Fecho.

SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Filme de série «Os Meus Sobrinhos», com Brian Keith, Sebastian Cabot; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Ao serviço da Nação; 14 e 45: Dô-Lê-Si; 15 e 15: Universalidade na TV — «A Era Jónion e a era Ya Yoi», da série Pré-história. Um documentário da NBK para a URTI; 16 e 10: TV infantil; 16 e 35: As flores e o seu mundo; 17: Programa feminino; 17 e 20: Estúdio sem marcação; 18 e 10: Série juvenil; 18 e 25: Teledeporto; 18 e 50: Homens e avóes; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Cartaz TV; 20 e 10: ...E a vida continua...; 20 e 25: TV Mundo, com Ella Fitzgerald; 21 e 30: Telejornal; 22: Folhetim «O Pequeno Mundo de Marie-Plaisance»; 22 e 30: Reportagem do exterior; 23 e 45: Marcha do Mundo, e 23 e 50: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de cinema «Casa Blanca», com Ingrid Bergman, Paul Henreid e Humphrey Bogart, e 23 e 40: Fecho.



ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR
DE PINTURA E DESENHO
CINNE
RECEPÇÃO: ATÉ 11 MARÇO 71

MINISTÉRIO DA SAÚDE
E ASSISTENCIA

**HOSPITAL
DE SANTA MARIA**

CONCURSO PARA O ANO
DE 1971

CONGRESSOS «REGAL»
e «SOFNET»
Canc. Público n.º 34/71

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados, em que o horário será das 9 às 12,30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicadas nos respectivos Cader-nos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, em 20 de Janeiro de 1971.

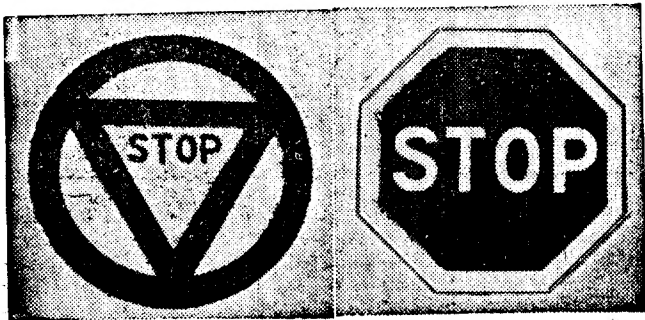
O CHEFE DO SERVIÇO
DE AQUISIÇÕES,
Dr. Manuel Brício Fins
Dr. João...

SERVIÇO INTERNACIONAL

HORÁRIO DOS COMBOIOS

Para transporte, em 2.ª classe, de trabalhadores portugueses destinados ao estrangeiro e, com partida de Castelo Branco às Terças e Sextas-feiras, efectua-se no período de 7 de Janeiro a 5 de Abril de 1971, o seguinte serviço especial:

ESTAÇÕES	99217/1005 2.ª classe
Castelo Branco	P. 11-30
Alpedrinha	• 12-31
Fundão	• 13-07
Covilhã	• 13-40
Guarda	{ C. 15-00 P. 16-28
Cerdeira	• 16-47
Vilar Formoso	{ C. 17-17 P. 18-12
Fuentes d'Oñoro	{ C. 18-15 P. 19-05
Medina del Campo	{ C. 22-59 P. 23-15
Irún	{ C. 6-16 P. 6-20
Reus	{ C. 6-25 P. 9-11
Paris-Austerlitz	C. 17-18



O antigo sinal

O sinal agora adoptado

DOIS NOVOS SINAIS DE PARAGEM OBRIGATÓRIA

Novos sinais de «paragem obrigatória no cruzamento ou entroncamento» foram recentemente adoptados em Portugal, estando a decorrer a sua colocação em diversos locais.

Os referidos sinais, previstos a nível internacional, no Acordo Europeu sobre Sinalização Rodoviária, são o da «paragem obrigatória no cruzamento e entroncamento» e o de «pré-sinalização de para-

gem obrigatória no cruzamento ou entroncamento».

Segundo uma nota distribuída à imprensa pelo gabinete do ministro das Obras Públicas, «estes sinais encontram-se hoje por toda a Europa, e Portugal não poderia demorar a sua adesão ao Acordo Internacional», embora esteja a decorrer a tarefa de adaptação da legislação nacional às disposições daquela Acordo.

Uma nota oficiosa do M. E. N. sobre a situação na Universidade

O Ministério da Educação Nacional distribuiu a seguinte nota oficiosa:

«1. O País conhece já, através dos órgãos da Informação, a situação anormal que se gerou nos últimos dias nas Universidades de Lisboa e de Coimbra.

O Ministério da Educação Nacional tem seguido atentamente a evolução dos acontecimentos, mas quis aguardar o relato e ouvir o parecer das autoridades académicas, antes de fixar a orientação que lhe compete traçar.

2. Os graves incidentes ocorridos durante o presente ano lectivo têm sido provocados por alguns alunos decididos a criar um clima de permanente violência e agitação. E, segundo informam as autoridades académicas, para além de muitas e variadas infracções disciplinares, foram mes-

mo praticados, em alguns casos, delitos que configuram crimes comuns, chegando-se até a injúria pessoal, à ameaça contra a integridade física de professores e estudantes e à danificação de instalações e equipamento.

Ora, de todos é sabido que esta agitação prossegue, como os seus promotores expressamente afirmam, objectivos exclusivamente políticos; e, lançada neste preciso momento, serve além do mais para tentar paralisar e impedir a reforma do ensino superior, há dias anunciada ao País.

Verifica-se, por outro lado, que as Associações de Estudantes, nomeadamente através das publicações que elaboram e distribuem, têm vindo a desenvolver cada vez mais intensamente actividades de natureza política, fazendo propaganda revolucio-

nária e destrutiva, com sistemático recurso à prática de ilegalidades e progressivo abandono da defesa dos interesses dos seus sócios e de um diálogo construtivo que o Ministério da Educação Nacional tem incessantemente procurado que se estabeleça.

Urge, pois, tomar providências eficazes para pôr termo a esta situação e para defesa das liberdades individuais de professores e alunos, prejudicados pela interrupção dos trabalhos escolares, providências essas que, aliás, a opinião pública tem vindo com justiça a reclamar.

3. Perante o que resumidamente fica exposto, o Ministério da Educação Nacional informa que, ouvidas as autoridades académicas, foi decidido adoptar uma linha unificada de conduta, que vai ser imediatamente comunicada, com as respectivas instruções, a todas as Universidades.

Entre outros, salientam-se os seguintes aspectos:

a) A condição de estudante não pode isentar ninguém da aplicação do direito comum do País, pelo que todos os crimes praticados devem ser comunicados à Polícia Judiciária.

b) A ordem e a disciplina são essenciais ao funcionamento normal do serviço público escolar, pelo que todas as infracções disciplinares cometidas darão lugar aos correspondentes processos disciplinares.

c) A gravidade de certas infracções não consente que os seus autores continuem a frequentar os estabelecimentos onde estão matriculados, pelo que determinarão a suspensão imediata dos responsáveis.

d) A obstrução deliberada à realização das aulas não pode servir para beneficiar os infractores, reduzindo a matéria do programa, pelo que deve ser sempre observado o disposto no artigo 64.º, § único, do Estatuto da Instrução Universitária, que manda afixar o sumário da lição, considerando o seu conteúdo, matéria de exame.

e) As Associações de Estudantes não podem continuar a exorbitar dos seus fins, pelo que deverão cessar toda a actividade de propaganda política e toda a acção ilegal, que nada têm a ver com a vida da Universidade, sem o que se sujeitarão automaticamente às sanções previstas na lei.

f) Os edifícios de utilização comum pelos estudantes, designadamente as cantinas, não podem servir para fins diferentes daqueles a que se destinam, pelo que terão de ser encerrados, embora com manifesto prejuízo da maioria dos estudantes que muito se desejaria evitar, se forem usados para outros fins.

g) Desde que as autoridades académicas se vejam impossibilitadas de manter a disciplina nos edifícios públicos que lhes estão confiados, o restabelecimento da ordem será assegurado pela autoridade competente, ficando os responsáveis pelos actos de indisciplina ocorridos sujeitos a todas as consequências legais.

4. Não é sem profunda mágoa que o Ministério da Educação Nacional encara esta triste situação a que o activismo de uns e a passividade de outros conduziram certas Faculdades e Institutos Superiores.

Aos primeiros cumpre re-provar as atitudes que adoptam e mostrar, com firmeza, as consequências do caminho que estão a trilhar.

Aos segundos há que exortá-los ao regresso à normalidade dos seus trabalhos, lamentando a indiferença com que muitos se abstêm de tomar posição, colectivamente, nos momentos e nos locais em que a inteligência e o bom-senso certamente triunfariam.

Enfim, neste momento decisivo para a Universidade em Portugal, não se pode deixar de fazer um veemente apelo para que, na serenidade dos comportamentos e na rectidão das atitudes, os universitários portugueses possam dedicar-se à reflexão e ao estudo, permitindo o funcionamento e colaborando na reforma da instituição a que pertencem.

Nesta linha de orientação, o Ministério da Educação Nacional não deixará de fazer tudo quanto estiver ao seu alcance.»

DESAPARECIDO

BARREIRO, 22 — Desapareceu da casa de seus pais, à Rua D. Leonor, 3, r/c.,



nesta vila, o menor José António do Carmo Pires. Tem 15 anos, mede 1,70 m de altura, é forte de aspecto e vestia, à data do desaparecimento (18 do corrente), camisa de quadradinhos, casaco preto e calças verdes de bombazina. Sapatos castanhos com fivela de metal.

Qualquer indicação que puderá para localizar o jovem pode ser transmitida aos pais pelo telefone 2272231 (Barreiro).

SECRETARIA NOTARIAL DE ALMADA

CERTIFICADO:

Que, por escritura de 7 de Janeiro corrente, lavrada de folhas 40 a 41 v.º do L.º de notas para escrituras diversas n.º C-19 do 2.º Cartório da Secretaria Notarial de Almada, a cargo do notário Dr. José Barata Correia e Silva, Amélia Lopes, viúva, natural de Lisboa, freguesia de Santos, residente em Almada, na Avenida D. Nuno Álvares Pereira, n.º 4, r/c., Dt.º, foi declarada única herdeira de seu filho Salvador Lopes da Veiga, natural de Lisboa, freguesia da Encarnação, solteiro, falecido no dia 13 de Novembro de 1970, na sua casa de residência, em Colónia Merheimerstr. 125, Alemanha Federal, sem testamento ou qualquer outra disposição de última vontade, e sem descendentes.

E certidão narrativa que fiz extrair e vai conforme.

Almada, nove de Janeiro de mil novecentos setenta e um.

O Ajudante:

(a) Guilhermina da Costa Guerreiro Cortes

Tempo de aguaceiros até 5 de Fevereiro

Segundo o Boletim Meteorológico para a Agricultura, é a seguinte a previsão das condições meteorológicas médias no Continente:

Até segunda-feira: período

de céu muito nublado; vento geralmente moderado, predominando do quadrante oeste; aguaceiros ou períodos de chuva, especialmente nas regiões Norte e Centro.

De 26 a 31: céu pouco nublado, vento geralmente fraco.

De 1 a 5 de Fevereiro: céu geralmente muito nublado; vento moderado predominan-

do de oeste; períodos de chuva ou aguaceiros.

Em todo o período: temperatura média do ar próxima dos valores normais da época.

Serviços Sociais das Forças Armadas

Lugar de porteiro

De preferência a reformados.

Aceitam-se inscrições na R. Pedro Nunes, n.º 8, 6.º andar, Lisboa.

Cofres de aluguel

Av. República, 3

BANCO DO ALENTEJO

Tagide

BOITE

M/21 anos

SENSACIONAL «SHOW»

Conjunto: JOSÉ PEDRO

— WILSON DE VASCONCELOS

— BALLET SANTIAGO DANCER'S

— Em estrea BEATRIZ DA CONCEIÇÃO

Largo Biblioteca Pública, 18-20 — Tels.: 35328/362123

Junta de Freguesia de Nossa Senhora de Fátima

3.º BAIRRO ADMINISTRATIVO DE LISBOA
AVENIDA MARQUES DE TOMAR, 106-B
Telefone 77 88 81
LISBOA

Recenseamento Eleitoral dos Chefes de Família EDITAL

António Martins da Cruz, licenciado em Letras e Direito pela Universidade de Lisboa, presidente da Junta de Freguesia de Nossa Senhora de Fátima, do 3.º Bairro Administrativo do Concelho de Lisboa:

Faz publico, nos termos e para os efeitos do disposto no art.º 203 e seguintes do Código Administrativo, que a partir do dia 1 de Fevereiro e até 15 de Março do corrente ano, poderão os Chefes de Família requerer a sua própria inscrição ou de terceiros no recenseamento eleitoral desta Freguesia, se uns e outros, reunindo as condições de capacidade eleitoral, não estiverem inscritos.

Têm capacidade eleitoral e como tal podem ser inscritos no recenseamento:

1.º—O cidadão português com família legitimamente constituída que com ele viva em comunhão de mesa e habitação e sob a sua autoridade;

2.º—A mulher portuguesa, viúva, divorciada ou judicialmente separada de pessoas e bens, ou solteira, maior ou emancipada, quando de reconhecida idoneidade moral, que viva inteiramente sobre si e tenha a seu cargo ascendentes, descendentes ou colaterais;

3.º—O cidadão português, maior ou emancipado, com mesa, habitação e lar próprios.

Para constar se passa este e outros de igual teor que serão afixados nos lugares do estilo.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1971.

O presidente da Junta
ANTÓNIO MARTINS DA CRUZ

BOM APETITE

TONI DOS BIFES

Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 536080

AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ DE PATO NO Forno
Diariamente SARRABULHO
ABERTO AOS DOMINGOS

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

PROGRESSO

Restaurante * Snack-Bar
* Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 1
Telef. 401 5
Aos domingos especialidade do caso

JANTE NA TARANTEL

EM AMBIENTE FAMILIAR
Largo D. Estefânia, 22
SALA NO 1.º ANDAR PARA LANCHES DE CASAMENTOS

A FURNA RESTAURANTE

R. Ferreira Lapa, 38-D

Previne os seus Ex.ªs Clientes que, no próximo sábado, dia 23, tem, aos almoços, a sua sala reservada, voltando a funcionar, normalmente, já para os jantares desse dia.

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

BANCO DO BRASIL Banco do Estado de S. Paulo

AÇÕES DIREITOS DE SUBSCRIÇÃO

Compro para mim. Cartas para

J. Ferreira dos Santos

Rua dos Combatentes, 122-6.º — COIMBRA — ou pessoalmente

O PROBLEMA DA DROGA NA SOCIEDADE ACTUAL

A Associação Católica dos Profissionais de Enfermagem e Saúde promove a realização de Jornadas de Estudo sobre o «Problema da droga na sociedade actual» que decorrerá amanhã e no domingo.

Dão a sua colaboração a estas jornadas o prof. Y. Nuyens, professor de Sociologia da Universidade Católica de Lovaina, e director do Serviço de Investigação Sociológica e Médica; o prof. P. J. de Schepper, professor da Universidade Católica de Lovaina, titular da cadeira de Farmacologia da Faculdade de Medicina daquela cidade suíça; o dr. J. Casselman, neuropediatra do Instituto de Ste. Comme, Bierbeck; e a sr. Gh. van Massenhove, licenciada em Ciências Médico-Sociais e Administração Hospitalar e secretária internacional do C.I.C.I.A.M.S.; além do dr. Fragoço Mendes, professor auxiliar da Faculdade de Medicina de Lisboa e o dr. José António Veloso, assistente da Faculdade de Direito de Lisboa.

Após a sessão de abertura, às 10 h, de amanhã, realiza-se a primeira conferência,

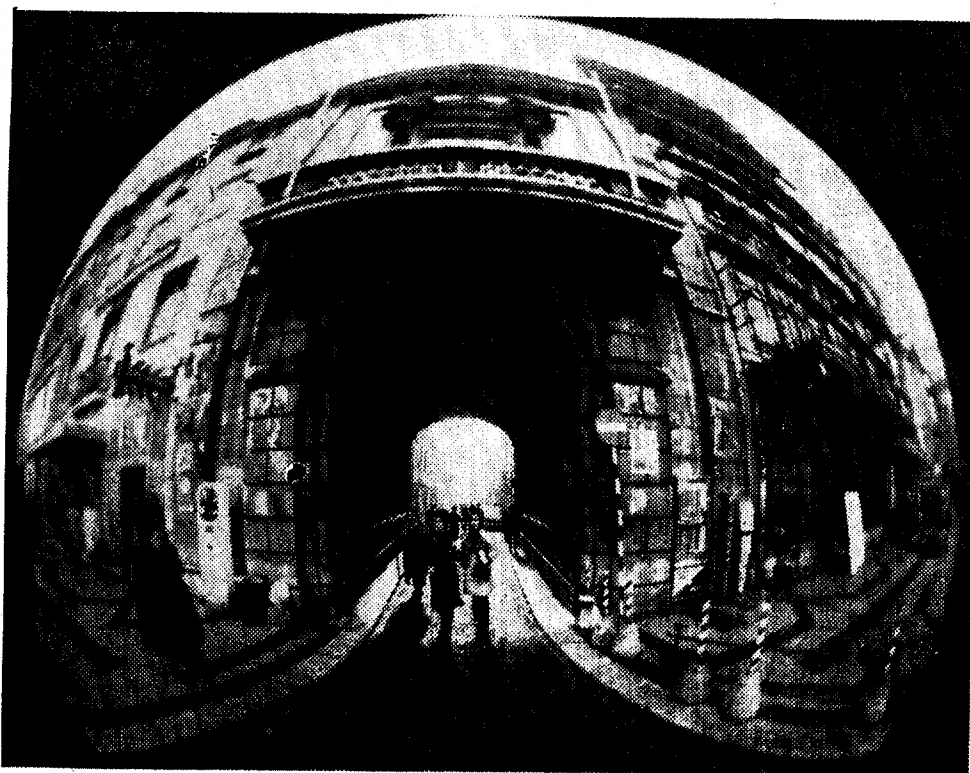
intitulada «A sociedade actual: Tendências e perspectivas», pelo prof. Y. Nuyens, seguindo-se o prof. De Schepper, que fala de «Panorâmica geral das drogas — Problema da sua utilização e do seu abuso». Às 15 horas, o dr. Fragoço Mendes fala sobre «Aspectos actuais das Toxicomanias»; e às 16, o prof. De Schepper, ocupando-se de «L. S. D. e Marijuana». Finalmente, às 17 e 30, o dr. Fragoço Mendes volta a falar para dissertar sobre «L. S. D.», seu uso em psiquiatria experimental e perigos de Toxicomania.

Os trabalhos do dia encerram-se com missa vespertina, às 19 horas.

O segundo e ultimo dia de trabalhos é preenchido com o seguinte programa: às 10 horas, conferência do dr. Casselman, sobre «Personalidade dos consumidores de drogas»; às 11 e 30, o dr. Casselman volta a falar desta vez sobre «Assistência e tratamento dos consumidores de drogas». De tarde, às 15 horas, fala o dr. José António Veloso, sobre «Prevenção e repressão do tráfico de estupefacientes»; e às 16 horas a sr. Gh. van Massenhove ocupa-se de «A evolução da profissão de enfermagem — Contribuição do C. I. C. I. A. M. S.».

A sessão do encerramento efectua-se às 17 e 30, falando o dr. António J. Sousa Franco, secretário-geral da Acção Católica.

As conferências, que são seguidas de discussão com tradução simultânea do francês para português, realizam-se no Colégio da Sagrada Coração de Maria, Avenida Manuel da Maia 2.



A objectiva fantasista do repórter-fotográfico fixou esta bela imagem, que nos dá o Arco do Bandeira, no Rossio, como se fosse a entrada para um amplo edifício hemisférico. Este é, no entanto, um dos pontos mais conhecidos da cidade, à qual os nossos olhos, muitas vezes, recusam a fantasia metálica e fria de uma objectiva fotográfica.

O Município dá teatro às crianças

A Câmara Municipal de Lisboa resolveu adquirir, através dos seus Serviços Culturais, bilhetes para «A gata borralheira» (que a Metral apresenta todos os sábados à tarde no ABC) e distribuí-los a crianças de poucos recursos.

O acordo prevê a aquisição, duas vezes por mês e até Março, de 570 ingressos a repartir por crianças do Recreatório de S. José, Patronato da Infância, Asilo da Ajuda, Asilo de S. Vicente, Parque Infantil de Santa Catarina, Obra das Crianças, Florinhas da Rua, Albergue das Crianças Abandonadas, Asilo de Santana, Associação dos Parques Infantis de Alcântara, Asilo de José António Nunes, Asilo de S. João, Instituto Médico Pedagógico Condessa de Rivas, Albergue da Mondicidade, Casa Pia e de várias escolas primárias.

SALÃO NACIONAL DE FILATELIA

No próximo dia 25, pelas 18 horas, efectua-se a cerimónia inaugural, presidida pelo secretário de Estado da Informação e Turismo, do «Salão Nacional de Filatelia», que a direcção da Federação Portuguesa de Filatelia, com o apoio daquela Secretaria de Estado e dos C. T. T., leva a efeito no Palácio Foz.

Três peças no Villaret (e um Miller na forja)

O Grupo de Acção Teatral, dirigido por Artur Ramos e Luís-Francisco Rebelo, está a apresentar no Villaret três espectáculos de características diferentes, embora todos eles integrados no plano de trabalho previsto.

Trata-se de «O processo», teatralização do romance ho-

mónimo de Franz Kafka feita por André Gide e Jean-Louis Barrault (de que há uma versão portuguesa nas edições Presença), e que é ali apresentada nas «matinées» (16 horas) de sábado e domingo; a comédia inglesa «Sexta-feira, 4 e um quarto», no cartaz todas as noites

às 21 e 45; e o espectáculo infantil «Emílio e os detectives», de Erich Kästner, com sessões às quintas-feiras (17 e 30), sábados (18 e 30) e domingos (15 horas).

Entretanto o G. A. T. prepara, sob a direcção de Artur Ramos a versão portu-

guesa de «O processo» de Arthur Miller — «After the Fall» («Depois da queda») — com a participação de Rogério Paulo, recém-regressado de Cuba.

Os estudantes têm descontos de 50 por cento nos programas em cena.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Francisco Martinho, Maria Amélia Proença, Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos, António Proença. Rua Diário de Notícias, 107. Telefone 328307. Encerra aos domingos.

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Argentina Santos, Julia Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: Manuel Martins e Miguel Ramos. Consumo mínimo 50\$00. Beca do Espírito Santo 1. Telef. 868209.

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Cidália Moreira, Ana Rosmaninho e António da Mello-Correia. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos. Consumo mínimo 90\$00. Beca das Cortumes, 10. Telef. 860816.

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados:

Candido da Conceição, Julieta Maria e Aurora sobre locam: Alberto Vitor e António Pessoa. P. da Alegria, 58. Tel. 367093. Encerra à segunda-feira.

SOLAR DO MINHO

Cozinha minhota. Todos os dias almoços e jantares. Dose: 20\$00. Rua do Vigário 60. Telefone 866811.

FOLCLORE

elenco: Arminda Vitor, Fernando Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Mariana Rosa, Aménica Lima, António Chalhó, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Aveleiro, Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves. Cons. mín. 150\$00. Taxas incluídas. Rua Nova da Trindade, 22-A. Telef. 35007-323406. Encerra ao domingo. Reabre em 1 de fevereiro.

TIMPANAS

cantam: Trino Odemira, João Fernando, Emília Reis, Luís Braga e Benvidita Cruz. Tocam: Pedro Caldeira Cabra e Fernando Alvim.

Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções da Minho por Quim Barreiros. Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.). Rua Gilberto Rolz 24. Telefones 676655-672431.

A SEVERA

cantam: Alice Maria, Flávia Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarela de Portugal». Rua das Gáveas, 57. Telef. 384006. Encerra à quinta-feira.

MIL E UM

cantam: Henrique, Manuel, Fátima do Rosário, Zília Maria, Fernando Machado, Maria Eva, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos. Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto. Cons. mín. 40\$00. Travessa da Espera, 8. Telefone 35464. Encerra às 5 da madrugada.

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Emília, Odete Mendes, Plínio

Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (violão). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha. Trav. de Quelma, 10-16. Telefones: 362889-328503.

VIELA

cantam: Sérgio, Berto Cardoso, Beatriz Ferreira, Conceição Tavares e Lisete Maria. Tocam: Torquato Lopes e José Inácio. Cons. mín. 50\$00. R. das Taipas, 14. Telef. 327256.

A KAVERNA

cantam: Celeste Maria, Lina Santos, Renato Mota. Tocam: Armando Maria e José Maria Carvalho. Cons. mín. 90\$00. Travessa dos Fiéis de Deus 37. Telef. 35593.

LAR PORTUGUES

cantam: José Borges, Dina Cardoso, Armando Miranda. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Cons. mín. 50\$00. R. da Barraca, 133. Telef. 36960 e 30532. Encerra às terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Mano de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias. Cons. mín. 30\$00. Rua das Trinas, 67. Telef. 669857. Encerra ao domingo.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amadeo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Cons. mín. 70\$00. Rua do Norte, 91. Telef. 30095-328713. Encerra à segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Leonor Macedo, João Cabral, Rossana Lima. Tocam: Acácio Gomes e Armando Ferreira. Encerra aos domingos. Rua da Adifa 9. Telef. 86345.

O FORCADO

cantam: Anónimo Rocha, Mariana Silva, Coelho de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva.

Cons. mín. 40\$00. Rua do Resa 219. Telef. 368579.

GUIARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Lucho Moscardenas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Res. Encerra ao domingo. Cons. mín. 35\$00. Largo do Peneireiro 7 (Alfama). Telefone 868505.

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julieta Reis. Tocam: José Alves e Armando Silva. Encerra às segundas-feiras. Cons. mín. 40\$00. Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO). Telef. 213259.

O CASTIÇO

Rua Gilberto Rolz, 67-1. Alfama. Telef. 670463. cantam: Sílvia Pinto. tocamos: Jorge Canedo e Maria Cotrim.

TABUINHAS

Restaurante típico. Fados e guitarradas. Beca Esconso, 7 (à Rua Visconde da Luz). Cascais. Telef. 284060.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

A FURNA

Rua Ferreira Lapa 38-D (à Av. Duque de Loulé). Telefones 534466-561949. Música gravada. Ceiás até às 3 horas. Encerrado aos Domingos.

ARCHOTE-CLUB

Discos. Rua D. Filipe de Vilhena.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telef. 264521-264526-264594-264621-264946.

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Telef. 48384. Conj. Helder Reis. Encerrado aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28. Telef. 370889. Poesia com Cordeiro da Silva. Encerra às 3 e 30.

MAXIME

Conjunto 6. Música e Maximiliano. Show turístico. Va-

riedades internacionais. Praça da Alegria, 58. Telef. 55366.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro. SINTRA. Encerra à meia-noite. Telef. 981661. Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2. Campo Grande. Telef. 770172. Encerra às 3.30.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas. Avenida Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

BARBARELA

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto). Telef. 367136. Encerra às 3 horas.

SNOB

Rua de «O Século», 178. Telef. 33723.

TAGIDE

Variedades. Conjunto Zé Pedro. Largo da Biblioteca, 18-22. Aberto ao domingo.

CURTO-CIRCUITO

Rua dos Correios, 216. Telef. 363572. Aberto das 18 às 3.30.

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo repertório. Discos recebidos directamente de

Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Rua Carlos Reis, 51-A. Telef. 775695.

FORTE VELHO

Pago. S. João do Estoril. Telef. 261337.

TAMILA

Morão e s/. Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos.

A CÂMARA DO MONTIJO AMEAÇA DESTRUIR UM BAIRRO CLANDESTINO

A população de um mini-bairro clandestino do Montijo prepara-se para resistir passivamente ao despejo ordenado pelas autoridades municipais. Desde o Natal que os locatários de sete habitações construídas num quintal da Rua das Taipas esperam a chegada da Polícia, que os obrigará a sair das casas que arrendaram em fins de Novembro.

O caso — mais um da série «construções clandestinas» da área de Lisboa — tem sido diariamente acompanhado pelas camadas populares do Montijo. Perante a iminência da chegada das autoridades, têm-se formado sucessivos ajuntamentos na Rua das Taipas.

Eis o resumo do que passou:

D. Júlia Geraldês, proprietária, farmacêutica, habita com uma criada uma grande

casa — 17 divisões assoalhadas na Rua Candido dos Reis. Nas traseiras da casa há um grande quintal com porta para a Rua das Taipas. Há cerca de dois anos, a proprietária obteve licença camarária para a construção de um muro no quintal. Mandou construir o muro e, no interior do quintal, sete pequenas casas térreas para habitação. Três assoalhadas, cozinha, uma pequena casa de banho

estavam lançados. Famílias operárias e pequeno-burguesas de poucas posses e habitando em condições ímproas, candidataram-se ao rendimento: cerca de 30 propostas para as sete casas. «Um dos preteridos denunciou o caso ao presidente da Câmara», afirma um irmão da

A BANHEIRA

«Deixámos as nossas antigas casas sem sabermos que as novas eram clandestinas e agora a Câmara quer deitar estas abaixo. Não temos para onde ir» — lamentam-se os habitantes do bairro.

José António Frago, cozinheiro, vive com a mulher numa das casas. Ganha 75\$00 diários. Paga 35\$00 por mês de renda, tal como os outros locatários do bairro. Anteriormente, habitava um outro bairro clandestino das Areias; pagava 300\$00 de renda. Só soube que a nova casa era clandestina cerca de 15 dias depois de lá morar. Fez a mudança em 24 de Novembro; duas semanas depois, a Polícia batia-lhe à porta com o despejo.

António Manuel Feijó, cozinheiro, tem mulher e uma filha de 6 anos. Ganha 80\$00 por dia. A mulher trabalha a dias. Anteriormente moravam numa casa do centro da vila: pequena, sem casa de banho, uma pia ao pé da mesa onde a família comia.

António Jesus Almeida, mecânico, ganha 100\$00 por dia. Vive com a mulher (doente) e uma filha de seis anos. A criança está agora as de-



«Não sairemos. Não temos para onde ir»



Sete casas térreas (três assoalhadas, cozinha, casa de banho) no quintal de D. Júlia

não ir «de maneira nenhuma porque não tem para onde ir». O casal tem um filho de três anos, pagava 800\$00 por mês, não podia suportar a renda. Mudou-se em fins de Novembro, como todos os

presidentes da Câmara é preteridos: as sete casas serão destruídas; os habitantes têm que as abandonar. A electricidade que abastecia a casa da proprietária já foi cortada: era ela que ilumi-

nava as casas do «bairro». Na sua casa de 17 divisões D. Júlia e a criada, privadas de luz eléctrica, perdem-se todas as noites. Onde irão parar os dezanove da Rua das Taipas?



A fachada da casa de D. Júlia Geraldês na Rua Candido dos Reis. Dezanove divisões no primeiro andar. No rés-do-chão, agências da Philips e do B. N. U. Nas traseiras, sete casas clandestinas, que a Câmara do Montijo ameaça destruir

lhas de uma banheira «onde pode nadar». Pede que não lhe levem.

Maria José de Vasconcelos, outra das locatárias, não estava no «bairro» quando o repórter lá foi. Trabalha em Lisboa, nos C. T. T. E. solteira e vive sózinha. Uma vez, está no «bairro», outras em casa das irmãs.

A mulher de Francisco da Silva Samoreno (mecânico, ganha 95\$00 por dia) diz que

outros, e, tal como os vizinhos, só soube que a casa era clandestina quando a Polícia lho disse.

AS CASAS SERÃO DESTRUÍDAS

Dezanove pessoas vivem («com o credo na boca», diz um dos habitantes) no «bairro» clandestino, mandado construir por D. Júlia Geraldês no seu quintal da Rua das Taipas. A posição do

BAB

BIBLIOTECA ARCADIA
DE BOLSO

UMA BIBLIOTECA EM PERMANENTE ACTUALIZAÇÃO

A BAB, no oitavo ano de existência, é uma colecção destinada a todo o público e cobre a generalidade dos interesses culturais do homem moderno. Criada em função da era em que vivemos, o seu formato de bolso permite uma boa utilização do espaço exigido de que hoje dispomos. As suas características enciclopédicas resumem ao essencial e ao indispensável o tempo consagrado à leitura, considerando igualmente o poder muito importante do poder de compra. Vindo a abranger todos os ramos do conhecimento, a BAB pretende informar em termos concisos, claros e actualizados com o objectivo progressivo de inventariar a cultura universal.

O LIVRO DA QUINZENA

A CHINA ANTIGA, Jacques Gernet

Das origens da civilização chinesa, até à fundação do Império 221 anos A.D., cerca de 1500 anos perpassam neste livro que descreve a sua progressiva evolução conducente à formação de um vasto Império centralizado, comparável ao da Roma, mas muito mais povoado e muito mais evoluído nas suas técnicas. Esta é, portanto, das mais fabulosas histórias da humanidade, tão mal conhecida do mundo ocidental.

Vol. 128 — 20500



os bónus da quinzena

A título excepcional os bónus referentes a esta quinzena poderão ser adquiridos até 31 de Janeiro



TEMPO RAGUN

Enrico Zola

Vol. 28 — 15400

OS OLHOS E O SOL

R. Vavilov

Vol. 6 — 15400



FORMAR, SEM DEFORMAR, UMA CULTURA VIVA

PEÇA O PROGRAMA GRATUITO DA BAB PARA 1971 EM QUALQUER LIVRARIA OU DIRECTAMENTE A ESTA EDITORA

EDITORA ARCADIA S. A. R. L.

Campos de Santa Clara, 100 — Lisboa 2

PREÇOS ESPECIAIS

JOGOS TURCOS E TOALHAS SOLTAS — TOALHAS DE MESA — COLCHAS — COBERTORES

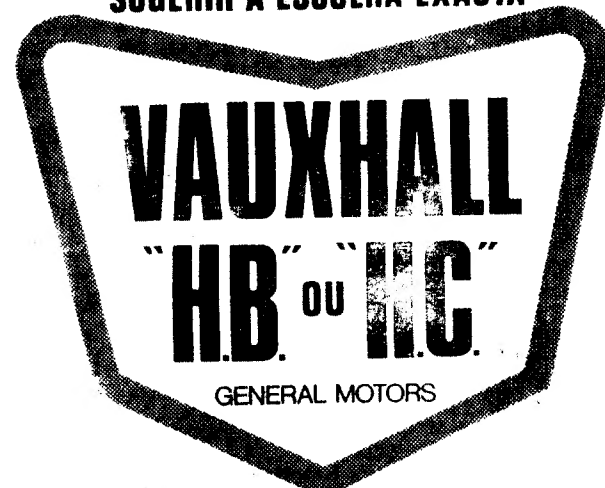
LAVORES FEMININOS

Avenida Guerra Junqueiro, 3-D

LAVORES

Rua Azeite, 179 — LISBOA

1971
MAIS DE 50 ANOS
DE EXPERIÊNCIA AUTORIZA-NOS A
SUGERIR A ESCOLHA EXACTA



PARA ENTREGA IMEDIATA
DE: 58.000\$00 A 79.500\$00

AUTO-INDUSTRIAL GM
Lisboa-Avenida Duque de Loulé, 93-95B-Telefones: 538082/562551
Coimbra-Leiria-Caldas da Rainha-Torres Vedras
Estoril-Avenida de Nice-Telefones: 263550/263396

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

TREZENTOS E NOVENTA E DOIS MIL CONTOS RENDERÁ O IMPOSTO DA CERVEJA EM 1971 SE A VENDA CORRESPONDER ÀS PREVISÕES

O ARREDONDAMENTO FEITO PELOS RETALHISTAS EQUIVALE A NOVO «IMPOSTO»

Se se cumprirem as previsões de venda de cerveja a fazer este ano pelas três fábricas existentes em Portugal (Lisboa, Porto e Coimbra) o respectivo imposto de transacções renderá ao Estado uma importância da ordem dos 392 mil contos.

Com efeito, aquelas previsões situam as vendas de 1971, entre os 140 e os 150 milhões de litros, sendo de 2\$80/litro a taxa específica atribuída à cerveja pelo Decreto-Lei n.º 653/70, de 28 de Dezembro de 1970, que entrou em vigor no passado dia 1.

Quer isto dizer que aquele diploma vem onerar sobremaneira o imposto sobre a cerveja: se as previsões forem cumpridas, o aumento será de cerca de 98 mil contos, em relação à taxa em vigor até 31 de Dezembro.

Designado anteriormente de Imposto de Fabricação e Consumo, o imposto que incide sobre a cerveja tem sofrido várias alterações ao longo dos anos: fixado em \$40/litro (\$15/garrafa), era de \$60/litro (\$20/garrafa) em 1946, tendo passado para 2\$10/litro (\$70/garrafa) em 1961. Pelo Decreto-Lei n.º 653/70 já referido o imposto de Fabricação e Consumo deixou de existir, sendo substituído pelo imposto de Transacções com a taxa específica de 2\$80/litro ou, seja, de \$93/garrafa.

Por sua vez, o preço da cerveja na fábrica man-

tém-se desde 1946. Segundo informações dos serviços Comerciais da Sociedade Central de Cervejas e tomando como exemplo a «Sagres» (70 por cento do mercado) o preço praticado, desde aquele ano, é de 2\$20/garrafa e de 4\$80/litro, excluídos os impostos. Acrescentando as respectivas taxas, temos, a partir de 1 de Janeiro, 2\$20+\$93 e 4\$80+2\$80, para a cerveja em garrafa ou em barril, o que nos leva a concluir que o imposto é de mais de 42% e 58% respectivamente em relação ao preço. Muito elevado diga-se.

O imposto e o resto

Mas o comércio da cerveja tem ainda mais que se lhe diga e que interessa directamente ao consumidor.

De acordo com os números referidos, o retalhista compra a garrafa de cerveja (o exemplo continua a ser a «Sagres») por 3\$15 e o litro por 7\$60. Assim, teoricamente, nos preços praticados ao consumidor, devia ser acrescentada apenas a taxa do imposto correspondente (\$25 na garrafa e \$20 na «imperial»), independentemente do lu-

cro devido por lei, como é óbvio.

Acontece, porém, que tanto num caso como no outro, está a verificar-se a generalização de um arredondamento para \$50, como, de resto, acontece sempre que há aumento de imposto deste tipo.

A primeira vista, o arredondamento é insignificante e quase nem mere-

cia uma referência. Acrescenta-se, no entanto, que, a cumprirem-se as referidas previsões de vendas, tal prática acaba por pedir ao consumidor um sacrifício tão importante como o que o Estado lhe pediu. Se o leitor não acreditar, pense no que paga habitualmente, pegue nos números que aí ficam, faça as contas e, depois, verá.

SUPRESSÃO DA PENSÃO DE INVALIDEZ

Foi homologado, pelo secretário de Estado do Trabalho, Previdência e da Habitação, Económica sobre o problema da situação dos beneficiários inválidos que voltam a ser considerados aptos para o trabalho. É do seguinte teor o parecer:

«A determinação dos efeitos ou das consequências que a supressão da pensão de invalidez em face da verificação da recuperação da capacidade de trabalho tem no condicionamento legal dos direitos às prestações imediatas e às prestações diferidas constitui um caso omissivo, que deve ser integrado nos termos do artigo 202.º do Decreto n.º 45 266.

A verificação da recuperação da capacidade de trabalho afigura-se análoga à cessação da alta numa situação de doença, pelo que os seus efeitos devem ser idênticos.

Consequentemente, sempre que a duração da situação de invalidez tenha atingido o limite de tempo fixado no n.º 1 do artigo 50.º do Decreto n.º 15 266, o beneficiário só poderá receber subsídio de doença seis meses após aquele em que lhe tenha sido comunicado o reconhecimento da recuperação da sua capacidade de trabalho.

Quando a duração da situação de invalidez não tenha atingido o limite de tempo fixado no n.º 1 do artigo 50.º do Decreto n.º 45 266, o beneficiário poderá receber subsídio de doença, em conexão com as prestações em espécie do seguro de doença, considerando-se como baixa nos termos e para os efeitos do artigo 18.º do mesmo diploma, a verificação da capacidade para o trabalho que tenha conferido o direito à pensão de invalidez ou nos

casos em que a situação de invalidez tenha sido precedida de um período de doença, a própria baixa que tenha aberto o direito ao subsídio de doença.

Só a partir da supressão da pensão de invalidez é que se deverá considerar como relevante a falta de entrada de contribuições em nome do beneficiário, nos termos e para os efeitos do n.º 2 do artigo 33.º do n.º 2 do artigo 55.º e do n.º 2 do artigo 70.º do Decreto n.º 15 266.

O beneficiário considerado, novamente apto para o trabalho conservará durante os três meses seguintes àquele em que tenha sido suprimida a pensão de invalidez, e independentemente da entrada em seu nome de novas contribuições o direito às prestações em espécie do seguro de doença e do seguro

trecho compreendido entre o lugar de Simão Palha e a zona da concessão da de ...

Segundo teste dedigno de várias pessoas, voga o peixe à superfície, narcotizado e indolente, constituindo testam para os numerosos bandos de aves aquáticas.

Perguntamos: a concessão das fossas sépticas que apetrecham os lagares não obedecerá, porventura, a determinadas requisitos técnicos, impostos por lei, de molde a tornar eficiente o seu funcionamento e convertendo as chamadas «águas russas» em líquido útil e sivo no momento em que é vazado no leito das r-ras? Se assim é...

de maternidade e o direito às prestações complementares do abono de família com excepção do subsídio de altação

Só a partir da supressão da pensão de invalidez é que se deverá considerar como relevante a cessação do pagamento de contribuições ou a interrupção de contribuições nos termos e para os efeitos do n.º 2 do artigo 77.º e do n.º 3 do artigo 100.º do Decreto n.º 15 266.

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham
GRANDE OU RIVENSARIA DA MODA
RUA DA PRATA 257

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA AS OBRAS
DE ACABAMENTO DA AMPLIAÇÃO
DO REFEITÓRIO, NA AV. MANUEL DA MAIA, 40
LISBOA

Faz-se público que às 15 horas do dia 15 de Fevereiro do corrente ano, se procederá ao concurso público acima designado.

Depósito provisório 12 500\$00

O caderno de encargos encontra-se patente, todos os dias úteis, durante as horas normais de expediente, na Sede da Caixa, no 4.º andar esquerdo, nos Serviços de Património, onde serão prestados mais quaisquer esclarecimentos necessários.

Os concorrentes deverão prever nas suas propostas a aplicação de alguns materiais existentes na obra.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1971.

A DIRECÇÃO

ANDARES

250 e 290 CONTOS

Em prédio de construção moderna, revestido a evinél, composto por 2 e 3 gr. div. soalhadas, cozinha, marquise, despensa e casa de banho; equipado com elevador.
RUA CAMILO CASTELO BRANCO, LOTE 4-B
(Junto à estação de OF de Santa Cruz de Benfica) a 5 mts. do autocarro da Carris).

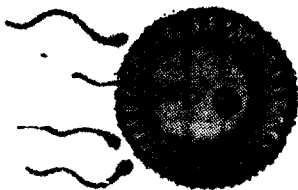
MOSTRA NO LOCAL

«A CONFIDENTE»

ROSSIO, 3-2.º — TELEFS. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

Pois jamais rei algum teve outro começo...

SALOMÃO



Pois jamais rei algum teve outro começo
e todos os homens entram da igual maneira na vida
"Donde vim", "como nasci", são as perguntas
que toda a criança faz mais tarde ou mais cedo
Se lhe disser "que veio de França",
ela ou ele acreditará porque é uma criança
Mais tarde, no entanto, verificará
que o pai ou a mãe mentaram
E da pior maneira

Não conta histórias aos seus filhos? Pois bem,
se eles estão entre os 5 e os 9 anos, leia-lhes
A MARAVILHOSA HISTÓRIA DO NASCIMENTO
É a "história" mais cativante que existe
Se eles têm mais de 9 anos, ofereça-lhes o livro
A MARAVILHOSA HISTÓRIA DO NASCIMENTO,
uma história que se repete em cada momento, em todo o mundo.
Uma edição de Publicações Europa-América

Citroën
GS.

O CARRO DO ANO

BREVEMENTE
EM PORTUGAL

Os Peanuts

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Janeiro de 1941 publicava:

(SIDNEY, 22 — O ministro da Guerra, Spender, comunicou a queda de Tobruk. Esta notícia foi recebida do Quartel-General das tropas australianas na frente do Deserto Ocidental.

«O ataque decisivo foi conduzido por um dos mais famosos regimentos britânicos acompanhado por tropas australianas e apoiado por «tanks» enquanto as nossas barragens de artilharia iam aumentando a obra destruidora iniciada pelos canhões da esquadra e pelas bombas dos aviões.»

Carol Day

CAROL DAY

by KENNETH INNS

TORNAREI A VER O TIM SE O "CARIOCA" FOR APANHADO PELA ONDA DE MARÉ, NÃO TERÁ SALVAÇÃO!



346

NESSA NOITE... PIOR

ROBERT (ROBERT!) ONDE ESTÁ A VOZ ESTÁ A ENFRAQUECER... QUE HAVEMOS DE FAZER?



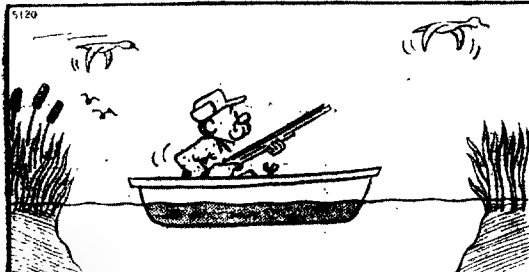
NADA MAIS PODEMOS TENTAR, "MISS" CAROL!

O DOUTOR PRECISA DE SER OPERADO COM URGÊNCIA...



QUE HORROR! FEZ TANTO PELOS OUTROS E AGORA QUE PRECISA DE AJUDA, NINGUÉM PODE DAR-LHA!

Aventuras do Tio Carlos



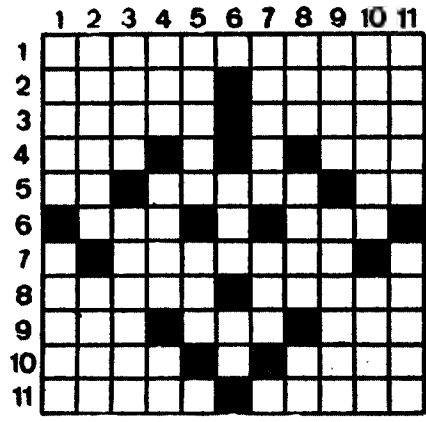
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIOS)

PROBLEMA N.º 5782

HORIZONTAIS: 1 — Tivera arrependimento. 2 — Belga. Naípe das cartas de jogar. 3 — Caminhar. Época avançada. 4 — Prefixo que designa terra. Antigo definido. 5 — Voz (s. q.). 6 — Cansada. Satélite de Júpiter. 7 — Vazia. Pêlos de certos animais. 8 — Despacharam. 9 — Chama a si. Perfuma. 10 — Um dos pontos cardeais. Uma das Cidades Ver. 11 — Bolo de farinha e sal que os Romanos usavam nos sacrifícios. Chuva. 12 — Nome de flores. Escrevo em prosa.

VERTICAIS: 1 — Inunda. Unir por casamento. 2 — Descreio. O essencial, o indispensável. 3 — Sorrido. Nome de homem. 4 — Época. Chama. Rádio (s. q.). 5 — Pámpano. Terceiro. 6 — Ecoa. Alternativa. 7 — Defeitos. Chefe etíope. 8 — Alameda. Igual. 9 — Vagueia. Achato. 10 — Rolais. Pronome possessivo (pl.). 11 — Termo usado para designar crustáceos, isópodes do género Asellus. Homem ilustre pelos seus feitos.



Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PRO-VERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5781

HORIZONTAIS: 1 — Bates. Mudar. 2 — Afim. Mira. 3 — NÃO. Aos. Ant. 4 — As. Antes. Ia. 5 — Lista. Cisma. 6 — Areal. Oalo. 7 — As. SE. 8 — Srs. FEZ. MII. 9 — Ao. Filam. Az. 10 — Impia. Roera. 11 — Sais. Armão.

VERTICAIS: 1 — Tio. Sras. Pai. 2 — Afás. ROMA. 3 — Tio. Sras. Pai. 4 — As. Antes. Fia. 5 — Anal. Fias. 6 — Lot. Fel. 7 — Seco. Zoro. 8 — Um. Sias. Mor. 9 — DIA. Siem. Em. 10 — Arrimo. Iara. 11 — Rato. Rizo.

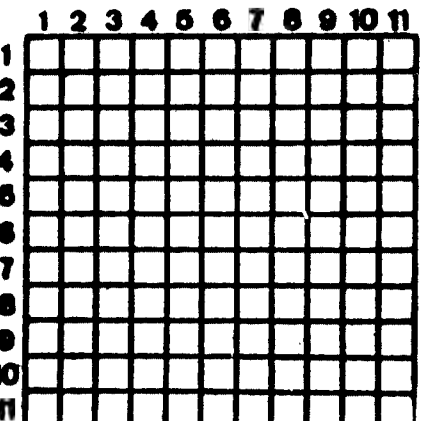
Provérbio: NÃO SE FEZ ROMA EM UM DIA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9625

HORIZONTAIS: 1 — Povo da Guiné Portuguesa. Cidade de Espanha. 2 — A Pérsia. Lavrem. 3 — Acrescente. Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Nome de mulher. 4 — Troça. Afia. Cento e um em romano. 5 — Parte de uma casa onde se guarda o vinho ou azeite envasilhado. Engano. 6 — Mulher de baixa estatura. Lista. 7 — Pega. Prefixo que designa or. 8 — Campeão. Farnusca. Erbio (s. q.). 9 — Aerostato. Meta em atletismo. 10 — Escavar. Lavrar. 11 — Inulgares. Empregar.

VERTICAIS: 1 — Reduzir a fio. Rio de Portugal. 2 — Tecido. Exportação. 3 — Pequeno. Poema da Idade Média, narrativo ou lírico. Eial. Família. 4 — Preposição e artigo definido. Causa agostamento a. 5 — Magnete natural. Escudeiro. 6 — Antepassado. 7 — Ice. Ave palmípede. 8 — Caminha. Rédeas. 9 — Caminhada. Grande quantidade. Agora. 10 — Mortalha (pop). Prender com elos. 11 — Estíreis. Pontal de areia em frente de Setúbal.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9624

HORIZONTAIS: 1 — Parat. Alirão. 2 — Acorrentado. 3 — Sua. Ira. Sus. 4 — Ta. Paris. Ri. 5 — Gasosas. 6 — Val. Dio. 7 — S. Santo. Lã. 8 — Ora. Sua. Lis. 9 — Lapa. Siva. 10 — Adama. Rumar. 11 — Raras. Adela.

VERTICAIS: 1 — Pasta. Solar. 2 — Agua. Virada. 3 — Raa. Ga. Apar. 4 — Ar. Pais. Ama. 5 — Irios. As. Os. 6 — Erra. Nua. 7 — Anais. Ta. Ra. 8 — It. Sado. Sud. 9 — Ras. Si. Lima. 10 — Adur. Olival. 11 — Oásis. Asara.

PENSÕES MILITARES DE RESERVA E REFORMA

O sr. coronel de artilharia José Joaquim da Silva e Costa, na situação de reforma, recorreu, para a Procuradoria-Geral da República, da deliberação do conselho de administração da Caixa Geral de Depósitos de 27 de Dezembro de 1969, que lhe fixou a respectiva pensão sem o acréscimo da percentagem de 0.14 por cento a que se refere o artigo 9.º do Decreto n.º 20 247, de 24 de Agosto de 1931. Alega, em resumo, que, na situação de reserva, percebia a pensão de 9750\$00 mensais, enquanto a pensão de reforma lhe foi fixada em 78 792\$00 anuais, ou seja no quantitativo mensal de 6566\$00.

Consoante o parecer votado no conselho consultivo da Procuradoria, «a irrelevância desse facto resulta, apenas, de a lei, na interpretação do mesmo alto Tribunal, prescrever a igualdade entre as pensões (de reserva e de reforma)».

Deste modo, refere o acórdão: «Ainda que a pensão de reserva tenha sido apurada levando em conta o acrésci-

mo previsto no artigo 9.º do Decreto n.º 20 247, de 24 de Agosto de 1931, sem o limite do vencimento do militar de igual patente do activo, a Caixa Geral de Aposentações, ao fixar a pensão de reforma, deve obedecer ao referido limite, e, a face do regime estabelecido no Decreto-Lei n.º 41 654, de 28 de Maio de 1958».

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JA A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172.
Rua 1.º de Dezembro, 45

ANDARES
Vendem-se para rendimento em Lisboa c/ 3 e 4 casas assoalh., hall, coz., desp., 1 e 2 casas de banho, etc. Preços desde 210 000\$00. Mostra a port.ª todos os dias no local Rua Eng.º Martin Graça, n.º 49, à Calçada de Carriche. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda. Av. Almirante Reis, 104-2.º. Telefs. 536111/2.

faça um teste dos TRAVÕES do seu carro no BANCO DE ENSAIOS da Frécar
R. da Cruz Vermelha 13-D Lisboa
Fels. 760220 760224 760256
AV. 28 DE MAIO CAMPO GRANDE
R. DA CRUZ VERMELHA
FEIRA POPULAR
AV. 5 DE OUTUBRO
AV. DA REPÚBLICA

Amanhã alterações ao trânsito na cidade do Porto

PORTO, 22 — As alterações introduzidas, como o «Diário de Lisboa» se referiu, na postura municipal de trânsito, e que foram aprovadas na reunião da Câmara, em Dezembro findo, passam a vigorar, em definitivo, a partir de amanhã, nas ruas das artérias citadinas.

O marido em tribunal defende agora a mulher que tentou envenená-lo

No 1.º Juízo Criminal da Boa Hora, prosseguiu, esta tarde, o julgamento, ontem iniciado, de Maria Luísa Cândido Pinto Pereira, de 25 anos, casada, servicial, natural de Fátima, Sábão, acusada, como noticiámos, do assassinio, por envenenamento, de D. Josefa Gomes, Herrera e da sogra desta, D. Piedade da Silva Lemos, factos que ocor-

reram em Momenta da Beira, na altura em que a ré trabalhava em casa das falecidas. É, ainda, acusada de tentativa de envenenamento de José Pereira da Glória, com quem casou em 14 de Janeiro de 1968, e de vários furtos.

O tribunal começou por ouvir o marido da inculpada, que, surpreendentemente afirmou não acreditar ter sido envenenado pela mulher, embora não soubesse a que atribuir a causa do mal-estar físico que o levou a ser internado no hospital. Confirmou que um médico lhe dissera ter ele sido vítima de tentativa de envenenamento.

A certa altura, o declarante fez certas afirmações relacionadas com as investigações, as quais levaram o Ministério Público a pedir uma certidão para o devido procedimento contra o Pereira da Glória. O tribunal ordenou a passagem do documento requerido.

Depuseram, em seguida, as testemunhas de acusação Maria Adélia Ferreira de Almeida, Céia de Jesus Paulo e Ilda Maria Ferreira Paulo. Foram unânimes em afirmar a despreocupação e a falta de carinho da mulher pelo marido quando este manifestou os sintomas que mais tarde se verificou serem devidos ao envenenamento.

Por último foi ouvido Imídio da Costa Henriques, empregado na drogaria onde a ré adquiriu o ratocida.

PAÇO DE ARCOS FALOU NO VET CLUB

Durante a reunião mensal do Vet Club de Lisboa, que decorreu num hotel da capital, e em que tomaram parte algumas dezenas de convivas, o escritor Joaquim Paço d'Arcos, convidado de honra, fez uma palestra versando o tema «Bichos e Homens».

Disse que se lembrara de intitular a palestra de «Bichos e Homens», para «poder dela tirar alguma conclusão sobre a crueldade e desvario da conduta dos humanos, em confronto com a conduta habitual dos irracionais». Narrou algumas recordações suas e algumas experiências que se reflectiram na sua obra de escritor, para que dessa narração resultasse o objectivo que teve em vista.

Necrologia

FUNERAIS

Prof. Francisco Nazaré
COIMBRA, 22 — Para jazigo de família no cemitério



MANOEL FREYRE DE ANDRADE

MISSA DO 30.º DIA

Sua família tem a maior mágoa de participar que Deus o chamou a Si no passado dia 23 de Dezembro, e que será rezada missa por sua intenção no próximo sábado, 23, ao meio-dia e meia hora, na igreja das Chagas.

ASSEMBLEIA NACIONAL

Apenas três deputados, oujas intervenções estavam previstas para ontem se enconravam inscritos hoje para usar a palavra no período antes da ordem do dia dos trabalhos da Assembleia Nacional, em virtude de o Presidente Amaral Netto ter resolvido acelerar a conclusão do debate e a votação da lei de Teatro.

Assim, foram transferidas para hoje as já anunciadas intervenções dos deputados David Laine, Malafala Novais e Santos de Almeida, respectivamente sobre «Providência no Ultramar», «O problema da batata» e «Pro-

blema universitário de Moçambique».

Ontem, o presidente da Assembleia Nacional voltou a pedir aos deputados que sejam parcimoniosos nas intervenções no período antes da ordem do dia, não se alongando tanto nos seus discursos.

O SECRETÁRIO DO TRABALHO EM ÉVORA

ÉVORA, 22 — O secretário de Estado do Trabalho, dr. Silva Pinto, estudou, hoje, nesta cidade, em reuniões a que presidiu, vários problemas dependentes do seu departamento, nomeadamente a construção do novo bairro da Providência e do novo edifício das Caixas.

O dr. Silva Pinto esteve ainda em Borba, onde visitou a Casa do Povo, regressando a Lisboa ao fim da tarde.

A VISITA MINISTERIAL À CIDADE DO PORTO

PORTO, 22 — O sr. ministro das Obras Públicas e os secretários de Estado da mesma pasta e das Comunicações e Transportes, que desde ontem aqui estão, em visita de estudo e trabalho, prosseguiram, esta manhã, no seu programa de apreciação de obras projectadas e trabalhos em curso.

FIM DE TARDE EM S.BENTO

☆ A sessão de ontem da Assembleia Nacional começou com a voz forte do deputado Casal-Ribeiro contra o que considerou subversivo na crise académica e expondo a sua dúvida de que se esteja a agir para com os «cabecilhas dos distúrbios provocados nos últimos dias em quase todas as Faculdades da Universidade de Lisboa e no Instituto Industrial» com «demasiada e inexplicável brandura».

☆ Mais adiante, «como português e como político, com espírito verdadeiramente legionário», o orador apelou para o País para que se mantenha «unido em volta do seu Supremo Magistrado, do Governo e do seu Chefe, das Forças Armadas e de todos aqueles que têm dentro de si o sentimento da honra e do dever».

☆ Quando afirmava que «a Pátria voltou a estar em perigo», o deputado Casal-Ribeiro foi interrompido, sucessivamente, pelos deputados Cunha Araújo, Pinto Machado e Ricardo Horta. Todos louvaram o patriotismo do orador. O dr. Pinto Machado disse que além dos aspectos abordados pelo orador, havia que ter em conta que um país é um ser vivo e que pode morrer não só por actos destrutivos, mas também por atrofamento. Além da defesa, havia que impulsionar as reformas que conduzem ao desenvolvimento.

☆ A terminar, o deputado Casal-Ribeiro esclareceu que não queria dramatizar nem afirmar menos confiança «em quem tem o superior encargo de nos orientar». Queria dar o seu inteiro apoio às Forças Armadas e pedir ao Governo «a maior firmeza» na defesa dos trabalhadores que querem trabalhar, dos estudantes que querem estudar e dos portugueses que pretendem continuar a sê-lo.

☆ O problema da revisão da Concor-data foi de novo levantado na Câmara.

mara, desta vez pelo deputado Agostinho Cardoso, que se apoiou na entrevista do cardeal-patriarca, publicada pelas «Novidades», que considerou «notável».

☆ Entrando-se na ordem do dia, prosseguiu a discussão da proposta de lei sobre actividade teatral. A base XV, que dera origem a larga controvérsia, foi aprovada, com uma ligeira emenda no seu n.º 2, que ficou assim redigido: «Das cláusulas dos contratos de assistência financeira constarão também condições relativas à frequência do público, podendo a Direcção-Geral fazer cessar os espectáculos sempre que tais condições não sejam observadas». A Câmara voltou a dividir-se na votação. Sentados e de pé. Como ninguém solicitou votação nominal, foi considerada aprovada a emenda. Parece que eram menos os que desejavam a eliminação do n.º 2.

☆ Entre outras alterações ao texto governamental dignas de referência conta-se a eliminação da base XXII, que obrigava os cine-teatros de Lisboa e Porto ao pagamento de uma taxa anual para o Fundo de Teatro, se não apresentassem espectáculos teatrais (120 dias por ano). A comissão parlamentar de Educação Nacional optou, assim, pelo parecer da Câmara Corporativa. Com esta decisão, ficam em igualdade de circunstâncias os cine-teatros e os cinemas, no que se refere a este aspecto.

☆ A proposta de lei sobre actividade teatral ficou aprovada até à base XXX, que institui prémios, a definir em regulamento.

☆ Hoje deve terminar a discussão da proposta de lei sobre actividade teatral, sendo possível que se inicie também a discussão da proposta de lei sobre «Protecção ao Cinema Nacional». Os seguros virão depois.

MANUEL DE AZEVEDO

CONCURSO «FORD EXPO 71»

SORTEIO RELATIVO AOS CONCORRENTES DE 19 JAN. 71

N.º	PREMIO	CONCORRENTE
30100	1 porta de vidro standard — Covina	MARIA MANUELA ALVES GAVIAO RODRIGUES R. Prof. Gomes Teixeira, n.º 7, 3.º Esq. — LISBOA
27771	1 sofá «Barbarela» — Molaflex	JOSÉ ANTUNES CALÇADA R. C — Lote 1 — r/c Dt.º — ALHANDRA
29114	1 ex. com 50 carteiras de luvas depilatórias «Depiluva»	AURELIANO O. M. C. MELO R. Mirante, n.º 1, 1.º Dt.º — Algés — LISBOA
29333	1 ex. com 50 carteiras de luvas depilatórias «Depiluva»	ANTÓNIO JOAQUIM PINHEIRO MIRANDA Calçada da Boa-Hora, n.º 65, 2.º Dt.º — LISBOA
27911	1 ex. com 50 carteiras de luvas depilatórias «Depiluva»	JOSÉ EURICO GONÇALVES GARCIA Rua de Luanda, n.º 13, 2.º Esq. — PAREDE
29557	1 ex. com 50 carteiras de luvas depilatórias «Depiluva»	GILBERTO DA SILVA BAPTISTA R. Paiva Couceiro, n.º 8, 3.º Dt.º — ODIVELAS
28933	1 ex. com 50 carteiras de luvas depilatórias «Depiluva»	JOSÉ MANUEL MATEUS LOURENÇO Rua de Santa Marta, n.º 84, 2.º Esq. — LISBOA
28115	1 conjunto «Tinco» para pintura	JOÃO CARLOS VIEIRA TOMAZ Rua S. Bruno, n.º 27 — CAXIAS
30593	1 capa para assento de automóvel — Sunviauto	ALEU ANTÓNIO AIRES DE OLIVEIRA Torre I — 1.º Frente — NOVA OELRAS
29553	1 almofada — Sundlete	CARLOS TOMAZ PEREIRA Bairro Dr. Mário Madeira, 203 — PONTINHA
29668	1 almofada — Sundlete	MARIA DA CONCEIÇÃO DE ASSUNÇÃO HENRIQUES R. da Piedade, n.º 29, 2.º — ALGÉS
27689	1 apoio de cabeça para automóvel — Sunviauto	JOSÉ DA CRUZ GIL Rua João Saraiva, n.º 4 — LISBOA
29653	5 latas de litro de óleo Ford para motor	FRANCISCO MANUEL AUGUSTO PALMA Rua Bernardim Ribeiro, n.º 7, 2.º Dt.º — LISBOA
30123	1 convector portátil J. F./Valor	AUZENDA MONTEIRO GONÇALVES NASCIMENTO Rua Soeiros — Lote B2 — 3.º Frente — LISBOA

Os prémios deverão ser reclamados pelos concorrentes até 19/7/1971, na Ford Lusitana, R. Rosa Araújo, 2-2.º, LISBOA

Bombardeado o centro de Phnom Penh

PHNOM PENH, 22 — (R.) — O Vietcong bombardeou hoje pela primeira vez o centro desta capital e, ao mesmo tempo, pelotões suicidas penetraram no aeroporto internacional e devastaram a sua secção militar. Fontes diplomáticas fidélgias disseram que, pelo menos, dez aviões foram danificados ou destruídos num holocausto que transformou a noite em dia numa parte da capital do Camboja.

Num ataque desencadeado em muitas frentes, o Vietcong bombardeou, também, a base naval de Chran Chanvar, do outro lado do rio Tonle Sap, defronte de Phnom Penh, com 30 foguetões e descargas de fogo de morteiros, ferindo quatro pessoas.

Ao mesmo tempo, morteiros do Vietcong caíram pela primeira vez perto do centro da própria Phnom Penh na estação de obras públicas, junto dos armazéns de petróleo da Shell. Não se conheceram imediatamente notícias acerca de baixas.

Fontes diplomáticas afirmaram que este primeiro ataque do Vietcong contra Phnom Penh representava uma decisão política consciente em virtude do facto de se encontrarem ainda na capital embaixadas soviética e europeias orientais.

O ataque mais dramático ocorreu contra o aeroporto de Pochentong.

Foguetões e morteiros caíram no aeroporto, a oito quilómetros da auto-estrada numero quatro do Camboja.

Mais a baixo, ao longo dessa auto-estrada, forças cambojanas e sul-vietnamitas tentavam romper o anel de ferro do Vietcong sobre esse caminho — rota vital de Phnom Penh para o mar.

SURPRESA

O ataque desta manhã deixou a capital do Camboja praticamente isolada do exterior, sem comunicações aéreas, com a estrada numero 4 que liga ao mar ainda bloqueada pelo Vietcong, o qual ameaça também a navegação no rio Mekong e ataca os navios que ali tentam passar sem uma forte escolta militar.

O ataque a Phnom Penh surpreendeu os observadores locais, que não esperavam esta ofensiva em larga escala do Vietcong e das forças populares cambojanas fiéis ao Governo no exílio do príncipe Siha-nouk. Os observadores americanos estavam convencidos de que o Vietcong continuaria a concentrar os seus principais esforços no Vietnam.

Dois helicópteros perdidos no Vietnam

SAIGÃO, 22 — (A. N. I.) — Seis «marines» norte-americanos morreram e 16 ficaram feridos ao despennar-se, ontem, um helicóptero CH 46 na provincia de Quíng Nam, a 35 quilómetros a sudoeste de Da Nang. Desconhecem-se as causas do desastre.

Anuncia-se também que os comunistas derrubaram um helicóptero de observação norte-americano CH6 tendo ficado feridos os dois ocupantes.

O Lunokhod voltou a hibernar

MOSCÓVO, 22 — (A. N. I.) — O carro lunar russo Lunokhod entrou ontem na sua hibernação mecânica, para suportar o frio cortante da noite lunar de duas semanas, — anunciou a Tass.

Declara a agência que o Lunokhod ficou estacionado a poucos metros do foguetão transportador, o Luna-17, que anelou ao mar da Terra em 17 de Novembro do ano passado.

Os sistemas interiores do veículo estão a funcionar normalmente — revela a Tass.

NÓS AJUDAMOS A

GANHÁ-
POUPÁ-
AUMENTÁ-
APLICÁ-
MULTIPLICÁ-



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta.

Actualidade internacional**AFIRMA SIHANOUK:****A situação agrava-se no Camboja devido à intervenção dos EUA**

HONG-KONG, 22 — (R.) — O príncipe Sihanouk disse que devido à intervenção americana no Camboja a situação naquele país é mais grave do que quando as tropas americanas ali entraram pela primeira vez, em Maio do ano passado.

Numa declaração distribuída pela agência Nova China, o chefe de Estado deposto, que se encontra em Pequim, afirma que a sétima Esquadra americana está a dar apoio às forças anti-Sihanouk e as canhoneiras americanas penetram profundamente no

país através dos rios e canais.

Por outro lado, aviões de caça, bombardeiros pesados e helicópteros americanos participam na agressão de uma forma ainda mais grave do que aquela iniciada a 1 de Maio de 1970.

CRÍTICAS NO CONGRESSO DOS E.U.A.

WASHINGTON, 22 — (R.) — Sessenta e quatro membros democráticos da Câmara dos Representantes tentaram a noite passada impedir o Governo de Nixon de empregar o seu poderio aéreo ou marítimo no Camboja.

Os deputados apresentaram legislação que alargaria a denominada emenda Cooper-Church de Dezembro passado, proibindo a utilização de fundos «para fornecer apoio de combate aéreo ou naval americano

a quaisquer operações militares no Camboja».

Treze outros democráticos da Câmara apresentaram, também, uma resolução, após o novo Congresso se reunir ontem em sessão, pedindo a suspensão imediata de todas as acções ofensivas americanas no Sueste da Ásia e a retirada de todas as forças americanas até Junho próximo.



EDMUND MUSKIE, o provável opositor de Nixon nas eleições do ano que vem nos E.U.A., deu uma conferência de imprensa ao regressar de uma viagem a Israel, Egito, U.R.S.S. e Alemanha Ocidental. Muskie afirmou que já não era favorável a uma retirada unilateral das forças americanas na Europa.

Morte misteriosa de milhares de ovelhas

ANTELOPE VALLEY (UTAH), 22 — (A. N. I.) — Médicos civis e militares e cientistas atômicos procuram determinar as causas da misteriosa morte de 1250 ovelhas numa região isolada, a 240 quilómetros de Antelope Valley onde 6000 animais morreram devido a uma infiltração de gás dos nervos em 1968.

A área fica a sudoeste do local utilizado pelo Exército norte-americano para as experiências com o referido gás.

Caracas apoia Argel e a Líbia na questão do petróleo**UMA EXPLOÇÃO PARTIU AO MEIO UM PETROLEIRO**

CAGLIARI (Sardenha), 22 — (R.) — O petroleiro libiano «Universe Patriot», de 83 000 toneladas, partiu-se ao meio, devido a uma explosão, ao largo da costa da Sardenha, ontem, à noite.

Mensagens enviadas pela rádio dizem que os primeiros navios a chegarem ao local do naufrágio já recolheram 16 homens.

Outros navios dirigem-se para o local, navegando com dificuldade, devido ao mau tempo.

PORTUGUESES NA TRIPULAÇÃO

Um informador do porto de Cagliari revelou que a tripulação do petroleiro totaliza 33 homens, entre os quais portugueses, japoneses, gregos, alemães e suecos.

O mesmo informador disse haver indicações de que toda a tripulação foi salva, mas, até agora, só há confirmação da recolha de 16 homens.

Sindicato Nacional dos Construtores Cívicos

Calçada do Combro, 127-2.º
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Em conformidade com o n.º 1 do art.º 28.º do Estatuto, convoco a Assembleia Geral Ordinária para reunir no dia 28 de Janeiro de 1971, pelas 20,30 horas, em primeira convocação, com a seguinte ordem dos trabalhos:

DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DO RELATÓRIO E CONTAS DA DIRECÇÃO

Não havendo número legal de sócios, fica a Assembleia Geral desde já convocada para as 21,30 horas do mesmo dia, reunindo legalmente com qualquer número de sócios presentes.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Arménio Pires Seixo

Possível compromisso sobre a venda de armas à África do Sul

SINGAPURA, 22 — (F. P.) — Um compromisso, entre a Grã-Bretanha e os seus parceiros africanos da «Commonwealth», a respeito das exportações de armas para a África do Sul, seria, indica-se hoje nas esferas da delegação canadiana, uma espécie de «modus vivendi» entre o primeiro-ministro britânico, Edward Heath, e os seus críticos do terceiro mundo, obra largamente do primeiro-ministro do Canadá.

A impressão é que o texto será aceite pelo menos pela maioria. São já conhecidos, de fonte informada, alguns pormenores da plataforma a que se chegou esta manhã na conferência do Commonwealth. Assim, o projecto de declaração do presidente Kenneth Kaunda, objecto da controversa, denunciava a discriminação racial como um «mal abso-

luto da sociedade», e acrescentava: «Não prestaremos aos regimes que praticam essa discriminação nenhuma assistência susceptível de consolidá-los ou fortificá-los». Texto emendado: «Combatemos vigorosamente esse mal (o racismo) dentro da nossa nação. Nenhum país abalará os regimes que praticam a discriminação racial, nem oferecerá assistência que, em sua opinião, seja susceptível de contribuir para o prosseguimento dessa política aviltante». Essa versão — indicam os observadores — seria aceitável para a Grã-Bretanha.

CONDENACÃO DO RACISMO

SINGAPURA, 22 — (R.) — Os chefes dos governos dos países membros da Commonwealth divulgaram hoje uma declaração de princípios condenando o racismo.

RUI PATRÍCIO EM FRANÇA

(Continuação da 1.ª página)

dependência branca» — prosseguiu o estadista português, que se encontra em Paris numa visita oficial de quatro dias.

«Portugal pretende hoje

derrubar essas novas barreiras que se denominam a si próprias de orgulho «racial», egoísmo dos países ricos e frustração das nações subdesenvolvidas».

Maurice Schumann acentuou no seu discurso a importância do ano de 1970 para Portugal. O presidente Caetano, favorável à opção europeia do seu país, poderá contar com o apoio da França. «Portugal sabe», declarou Schumann, «que encontrará na França uma amiga compreensiva, pronta a secundar os esforços do seu governo para participar na comunidade inteira».

Todos os dias pretos típicos no

RESTAURANTE DO ABIDIS HOTEL SANTARÉM

Teherão, que o Governo de Caracas apoia totalmente a posição líbia e argelina «perante a recente conspiração dos Estados Unidos, dos países industrializados e dos monopólios petrolíferos ocidentais» — anunciou a agência líbia de imprensa.

Os três países decidiram manter-se firmemente lado a lado perante «a frente ocidente que os Estados industrializados e os monopólios tentam erguer» e dirigir contra a Venezuela e a OPEP — concluiu a agência líbia.

CENTRO PERMANENTE DE COORDENAÇÃO DAS COMPANHIAS

NOVA YORK, 22 — (F. P.) — A criação em Lon-

dres de um centro permanente de coordenação para as grandes sociedades petrolíferas internacionais é a consequência lógica da «declaração de Nova York» — pensa-se nos meios petrolíferos americanos.

Não há verdadeira frente comum sem um mínimo de organização comum e a criação de um «posto» entre Teherão, onde decorrem as negociações, e as sedes das várias signatárias da «declaração de Nova York», parecia desejável. A escolha de Londres parecia indicada, tal como a de J. Addisson, que, devido à sua posição à frente do consórcio dos petróleos iranianos, é um dos homens mais ao corrente dos problemas que

se apresentam, segundo se diz.

Do ponto de vista das companhias americanas, a criação deste centro não levanta problemas no plano da legislação anti-«trust», visto que o departamento da Justiça lhes fez saber que esta legislação não se aplicava na situação presente e que a administração de Nixon apoiava a sua frente comum.

As atribuições do centro dizem, aliás, respeito apenas às relações com a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e não está em causa fazer-se dele uma espécie de cartel internacional do petróleo — salienta-se.

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL DO DISTRITO DE LISBOA
ABERTURA DO POSTO CLÍNICO N.º 105 061 (BOBADELA)

A Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa — Entidade responsável pelos Serviços de Acção Médico-Social no Distrito de Lisboa — comunica que abrirá, no próximo dia 23 de Janeiro, o Posto Clínico n.º 105 061 (Bobadela), sito na Quinta das Guaridas, Bloco Central, Lote 2, Lugar de Bobadela, Freguesia de S. João da Talha, Concelho de Loures.

A área abrangida por esta nova unidade médico-social, constituída exclusivamente pela Freguesia de S. João da Talha, é retirada do Posto Clínico N.º 105 016 (Sacavém), conforme aviso afixado neste Posto.

A DIRECÇÃO

- Como programar a acção comercial?
- Quais as técnicas mais utilizadas?
- Como aplicá-las na sua empresa?

Organização e Programação Comercial

curso de 1 a 5 de Fevereiro

Apresentação sistematizada dos temas e da utilização das modernas técnicas de acção comercial.
Discussão e estudo de casos que permitem:

- Alargar e aprofundar a sua visão dos problemas comerciais da empresa
- Familiarizar-se com as técnicas mais usadas na acção comercial e sua aplicação

INTERESSA A:

Responsáveis pelo sector comercial.
Chefes de vendas.
Outros responsáveis da função comercial nos sectores de organização, programação e gestão.

NORMIA

CENTRO DE FORMAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO

INFORMAÇÕES
E INSCRIÇÕES:

AV. 5 DE OUTUBRO, 122 — LISBOA
TELEFONES 767608-767711/12

NCR

Computadores

Departamento de Educação

CURSOS (Início em 25 de Janeiro)

- INTRODUÇÃO À PROGRAMAÇÃO
- COBOL USASI
- NEAT/3

Horário das 18,30 às 21 horas.

Informações:

Pessoalmente, das 15 às 17 horas, na NCR
Rua dos Anjos, 79, ou pelos telefones 539911 (10 linhas)

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

J. pimenta

CASCAIS

APARTAMENTOS MOBILADOS

ANDARES-VIVENDAS

6.000

Clientes satisfeitos

Informações para aluguer e venda:

Lisboa - Pr. Marquês de Pombal, 15 - Telef. 45843-47843

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 13/70

Faz-se saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnicos-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à EM-PRÉITADA N.º 268/70-CONSTRUÇÃO DE UM BLOCO SANITÁRIO TIPO 3 NO PARQUE MUNICIPAL DE CAMPISMO (P. F. M.), com a base de licitação de 729 212\$00. (Processo n.º 155/70/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 18 230\$30 e o definitivo de 5 % da importância da adjudicação, sendo o primeiro efec-

tuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Providência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do artigo 6.º do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição, nas horas de expediente e o seu programa e caderno de encargos foram publicados no «Diário Municipal» n.º 10 771, de 16/1/971.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de obras públicas na I Categoria (Construção Civil) ou 1.ª Subcategoria da I Categoria e de classe correspondente ou superior ao valor da proposta.

A abertura das propostas

realiza-se às 10 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 16 de Janeiro de 1971

O Presidente,

Fernando Augusto Santos e Castro

PRÉDIOS
ANDARES
MORADIAS
QUINTAS E
TERRENOS

COMPRAM-SE

ORCOSI

Rua 1. Dezembro, 45-3
LISBOA

A BAIXA DE PREÇOS
CONTINUA

ELECTRODOMESTICOS
AS MELHORES MARCAS
AOS MELHORES PREÇOS

TUDO PARA SUA CASA
CASA MAX

2, Av. Praia da Vitória, 2-C
e Rua de D. Estefânia, 1 a 3

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova do
Almada, 99 — LISBOA

COLÉGIO

NA PROVINCIA ADMITE
PREFEITOS COM BOM
VENCIMENTO, INCLUIN-
DO FÉRIAS GRANDES.

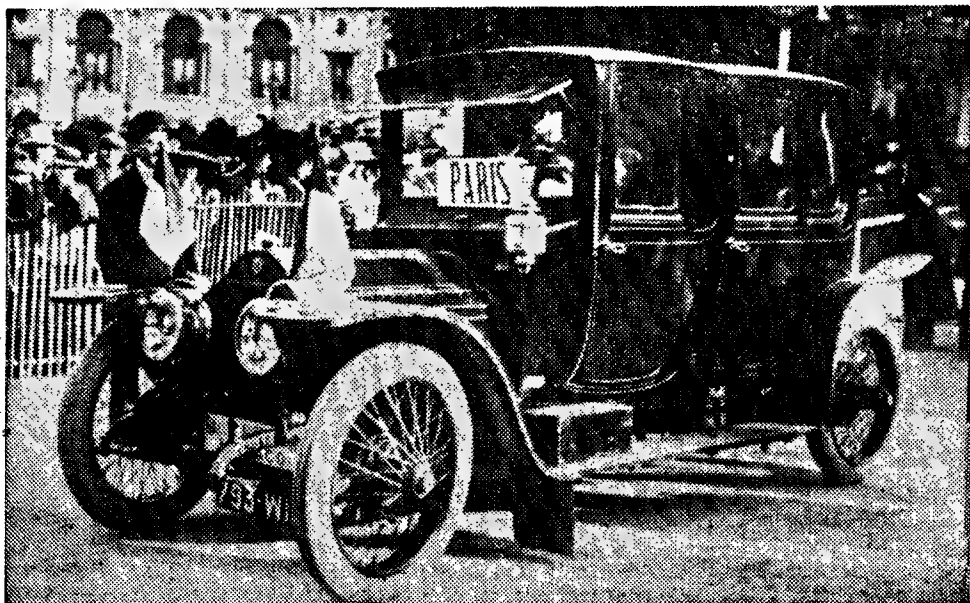
RESPOSTA AO N.º 699.



Dr. José Martins Soares Caiado

MISSA DO 30.º DIA

Os irmão e restantes familiares participam que, amanhã, dia 23, pelas 12 horas, na Igreja S. João de Brito, será celebrada missa pelo eterno descanso de sua alma, agradecendo, desde já, a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.



Esse é o «aurca-Mery» em que Henri Rougier venceu o 1.º «Rallye» Monte Carlo, em 1911. Com os seus 25 H. P. era nessa época uma «bomba». Os favoritos deste ano dispõem todos de carros com mais de 150 H. P.

Sairam de Oslo os primeiros concorrentes ao «Rallye» de Monte Carlo

Começou hoje o 40.º «Rallye» de Monte Carlo, uma das grandes provas de au-

tomobilismo mundial que abre o Campeonato da Europa de «Rallyes». Os pri-

meiros concorrentes a entrar em acção foram os do itinerário de Oslo que às 9 e 30 começaram a abandonar a capital norueguesa em direcção à Checoslováquia em que se juntam na madrugada de amanhã com os que partem de Varsóvia às 23 e 7. A partida dos restantes itinerários verificar-se-á hoje às 22 e 37 de Frankfurt, 20 e 11 de Glasgow 23 e 55 de Almeria e amanhã às 00,01 de Marrakech, 00,23 de Reims, 00,08 de Monte Carlo, 01,21 de Atenas e 00,46 de Bucareste. Os dez itinerários convergem para Gap. A chegada a Mônaco está prevista para segunda-feira das 10 às 13 e 30. Na terça-feira às 8 da manhã, será dada a partida para o percurso comum que será percorrido até às 10 horas do dia seguinte. As 60 equipas menos penalizadas disputam então o Circuito da Montanha, na extensão de 600 km pelas estradas montanhosas do norte do Principado.

O sueco Waldegaard, vencedor em 1969 e 1970 que tripulará um Porsche 914/6 reunido, juntamente com os pilotos da Alpine e da Lancia o maior favoritismo. Estão inscritas 283 equipas mas é natural que o número de concorrentes a iniciar a prova não exceda 250.

VOLEIBOL

O BENFICA VENCEU O LISBOA GINÁSIO

No Ginásio do Liceu D. Pedro V, iniciou-se o campeonato regional de seniores em voleibol, tendo o Benfica vencido o Lisboa Ginásio por 3-0 (15/13; 16/14; e 15/13). Sob a arbitragem de Almeida Tavares e Reinaldo Rodrigues, as equipas alinharam:

BENFICA — Artur Monteiro, Vítor Caroco, João Campelo, Vítor Carvalho, António Neves, Carlos Figueiredo e Fernando Almeida.

L. GINÁSIO — José Bor-

ges, Rodrigo Carvalho, Xara Brasil, Motas Carmo, José Augusto, António Ribeiro, Vilar Moreira (ex-Nacional) e José Pimpão (ex-Nacional). Embora sem atingir bom nível, o encontro foi emotivo dado o equilíbrio verificado nas duas últimas partidas já que na primeira, a superioridade dos vencedores foi evidente.

Os ginastas não souberam manter a vantagem adquirida na partida intermédia em que estiveram com as vantagens de 13/7 e 14/10.

Ginastas portuguesas em Barcelona

A Federação de Ginástica envia a Barcelona, para actuarem no «Torneio das Cinco Nações» (no próximo dia 1) as atletas Maria Manuela Contreiras, Maria Edite Rodrigues e Maria Paulino Cardoso, todas do Lisboa Ginásio Clube.

Na prova participam, ainda, representantes de Espanha, França, Itália e Holanda. A portuguesa Maria Helena Villalva Monteiro actua como juiz.

ESTA NOITE HÁ DESPORTO

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da III Divisão: Mercês.C. D. U. L., às 21,45; Costa do Sol-S. L. Águias, às 20 e 30; e Ateneu-Caramão, às 23, no pavilhão da Amadora.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da II Divisão (masculino): Nacional-Técnico, às 22,30; e Oriental-Montijo, às 21, ambos no pavilhão de Ajuda; e C. D. U. L. Carnide, às 21 e 30, no Estádio Universitário.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio de Qualificação para o Campeonato Metropolitano da I Divisão: Belenenses-Paredes, C. Ourique-Algés e F. Benfita-C. U. F., a partir das 20 e 15, no pavilhão da Luz; Oeiras-Cascais, Paço de Arcos-Saleslana e Sporting-Benfita, a partir das 20 e 15, no pavilhão da Saleslana.

TÊNIS DE MESA — Cam-

peonato de Lisboa de Juniores — Série A: Apolo B.Académia Verdi, Académica da Amadora-Arroios B e Ateneu-S. L. Águias, Série B: Palmeiras-Alunos Apolo C, Recordação Apolo-Sporting e D. Carmo-Rio Seco, nas mesas dos primeiros, às 21 e 30. Campeonato de Lisboa de Seniores: Palmeiras-Recordação Apolo, Paço de Arcos-Ateneu, Oeiras-Sporting e Ferroviário Benfita, nas mesas dos primeiros, às 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Seniores: Técnico-Sintrense, às 21 e 30 (honra), e 22 e 30 (reserva), no Técnico; e Nacional de Ginástica-Moscavide, no Liceu de Oeiras, às 22 (honra).

Campeonato de Lisboa Feminino: C. I. F. C. D. U. L. B., às 19 e 45, no Estádio Universitário.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Joaquinzinho não joga no Barreiro

A equipa do Futebol Clube do Porto, que, no domingo, defronta a do Barreirense, entra hoje em estágio num hotel de Miramar, de onde sairá amanhã, no avião das 15 e 5, para Lisboa.

O brasileiro Joaquinzinho não será integrado na caravana, devido à sua documentação ainda não estar totalmente em ordem.

HOMENAGEM A PINTO DE MAGALHÃES

Uma lista em que figuram os dois presidentes honorários do F. C. Porto, srs. Sebastião Ferreira Mendes e dr. Ângelo César, e os dez associados mais antigos, num total de duas mil assinaturas, foi entregue na secretaria portista com a finalidade de ser pedida uma reunião da Assembleia Delegada, para, ao abrigo do artigo 122.º dos Estatutos do Clube, ser nomeado presidente honorário da colectividade o sr. Afonso Pinto de Magalhães.

Entretanto, encerram, na próxima segunda-feira, as inscrições para o jantar de homenagem ao presidente da direcção do F. C. do Porto, que já ultrapassam as oito

centenas, e que se realizará no dia 30, no ginásio do Estádio das Antas.

BENÉ É PORTUGUÊS

O «Diário do Governo» regista a concessão da nacionalidade portuguesa, por naturalização, ao até aqui subdito brasileiro Benedito Lacerda Ribeiro, domiciliado em Matosinhos. Trata-se do futebolista Bené, actualmente jogando no F. C. Porto depois de algumas épocas ao serviço do Leixões.



PERES BANDEIRA, RESPONSÁVEL ÚNICO PELA SELECÇÃO DE JUNIORES — A vinte e poucos dias do encontro Portugal-França, a contar para o Torneio da U.E.F.A. de juniores, a F. P. F. conseguiu o concurso do técnico alcañterense Peres Bandeira para as funções de «responsável» único da selecção portuguesa. Escolha feliz, embora haja que lamentar o pouco tempo que restará para tarefa de tanta responsabilidade.

Marítimo-Lyon (0-1)

CASOS A MAIS FUTEBOL A MENOS

O Marítimo perdeu ontem com o Lyon (1-0), num encontro de características amigáveis mas fértil em desaguiados.

Três expulsões na segunda parte, todas do lado francês, retiraram à partida uma parte do brilho que ela poderia ter tido.

O Marítimo jogou reforçado de Coluna (que realizou magnífica exibição) e de Petita. Este falhou uma grande penalidade, a cinco minutos do fim, e com ela se foi o derradeiro ensejo dos funchalenses alcançarem o empate.

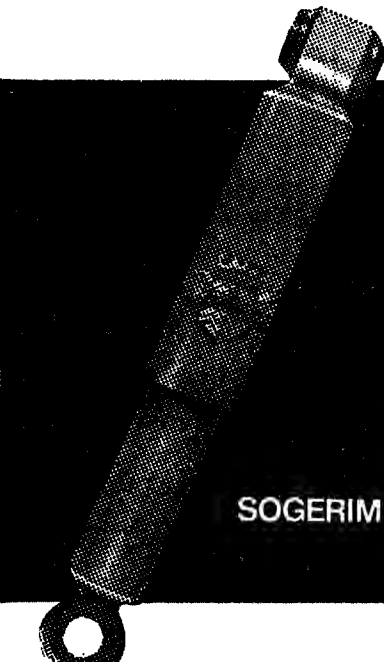
No entanto, a vitória dos gauleses aceita-se perfeitamente, tendo em conta o maior domínio que impuseram durante a maior parte dos noventa minutos.

O gol do Lyon foi marcado por Félix, aos 22 minutos.



Susana Abreu (à esquerda) e Dulce Gouveia estagiam na África do Sul, junto das vedetas da natação local. Com Susana e Dulce estão outros nadadores laurentinos: Graça Maia, Maria Clotilde Botelho de Melo, Carlos Oliveira e João Rocha.





KONI

O PREÇO ESQUECE A QUALIDADE FICA

Quando comprar os seus amortecedores KONI verá que o seu preço é um dos mais elevados do mercado. Temos, no entanto, argumentos suficientes para lhe provar que comprou os amortecedores mais baratos do mundo. E não só, aqueles que lhe darão maior satisfação e segurança, com melhor aderência das rodas sobre a superfície da estrada. Maior segurança nas curvas a média ou alta velocidade. Desgaste mínimo de pneus e molas. Carro em posição perfeitamente equilibrada, sem ceder ao peso da carga. Reguláveis, ajustáveis e reparáveis, os amortecedores KONI não acabam mais.

O amortecedor mais barato por Km percorrido

Representante em Portugal:
SOGERIM • SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 • LISBOA
TELEF. 560156

Artes plásticas

Expõem no Porto sete artistas seleccionados pela Quadrante

PORTO, 22 — Hoje à noite é inaugurada na Galeria Alvarez, desta cidade, uma exposição colectiva de artistas seleccionados pela Galeria Quadrante, de Lisboa. Estarão representados António Mendes de Oliveira, Teresa Medeiros de Almeida, Daniel Avignat, Mário Varella, Pires Vieira, Ana Vieira e Fátima.

Esta exposição integra-se num conjunto de realizações que as duas galerias têm vin-

do a promover nas respectivas cidades.

Harry A. McGrath expõe no Estoril

Esta patente, nas Arcadas do Parque, no Estoril, uma exposição do artista Harry A. McGrath, a qual, poderá ser visitada, todos os dias das 10 às 22 horas.

Mário de Oliveira no Palácio Foz

Numa das salas do Palácio Foz, foi inaugurada uma exposição de pintura de Mário de Oliveira.

CORPORAÇÃO DA IMPRENSA E ARTES GRÁFICAS

Realizou-se, mais uma reunião da direcção da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas, presidida pelo dr. Luís Borges de Castro.

Para além de vários assuntos de natureza administrativa, foi apreciada a problemática dos preços das pastas celulósicas, dimensionada pelos fabricantes de pasta e pelos fabricantes de papel, no sentido de um maior estímulo à exportação. Também foram consideradas, em formação a estudar, as previsíveis desvantagens resultantes das medidas restritas quanto à importação pelas províncias ultramarinas de Angola e de Moçambique de certos produtos, de origem metropolitana, das actividades representadas pela Corporação da Imprensa e Artes Gráficas. Foi, apreciada, igualmente, a temática dos meios audiovisuais de comunicação e examinada a possibilidade de melhor conciliação de esforço das entidades dos sectores abrangidos pela Corporação interes-

sadas na promoção de estudos técnicos. Tomou-se conhecimento, ainda, do êxito da tentativa de conciliação da Federação Nacional dos Sindicatos dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos e do Grémio Nacional dos Industriais de Fotografia e ratificou-se o parecer sobre o eventual alargamento de âmbito do contrato colectivo de trabalho da indústria de fabricação de papel, nos termos preconizados pelo respectivo conselho.

Sociedade «ESTORIL» NOVO HORÁRIO COMUNICADO

Foram recebidas 35 cartas, contendo 42 pedidos de alteração ao horário projectado. Todos foram estudados detalhadamente.

Sob o ponto de vista técnico, algumas dessas sugestões podiam ser atendidas. Mas iriam prejudicar outros senhores passageiros que, por sua vez, poderiam apresentar, então também, as suas reclamações. Estamos convencidos de que em muito maior número.

Embora consciente de não ter conseguido dar satisfação completa a todos os senhores utentes — o que muito lamenta — a Sociedade «Estoril» porá em vigor o novo horário tal como projectado, na próxima segunda-feira, 25 de Janeiro.

CARDEAL CEREJEIRA

A assinar o dia de hoje, em que passaram 41 anos sobre a data em que o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira deu entrada, por procuração, no Patriarcado de Lisboa como seu bispo, o que viria a fazer efectiva e solenemente no dia 2 de Fevereiro, foram durante o dia recebidos no Paço do Campo de Santana, muitos cartões e telegramas de felicitações.

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

No colectivo do 1. Juízo Criminal da Boa Hora, continuou o julgamento do processo referente ao caso da herança Sommer.

No início dos trabalhos o dr. Sidónio Rito, patrono da indústria, António Champalimaud, ausente no estrangeiro para a acta um protesto contra factos ocorridos na sessão anterior. Depois de o juiz presidente sr. corregedor Bernardino de Sousa, ter lido as impressões com os seus juizes assessores srs. drs. Marques Cordeiro e Saraiva Lima, ficou exarado na acta o seguinte:

«Foi pedida a palavra pelo ilustre advogado do réu revel, dr. Sidónio Rito, o qual declarou que desejava ditar um protesto. Como se esta no início da sessão foi o douto advogado do réu convidado a esclarecer o assunto a que respeito o protesto, tendo o mesmo respondido que o protesto respeitava a factos ocorridos na parte final da sessão da passada segunda-feira.

«Após reunião do colectivo o presidente disse que, tendo em consideração que o protesto, por sua natureza, só se justifica se for formulado imediatamente a seguir aos actos sobre que recaia, e considerando como acaba de ser referido, que se pretende protestar relativamente a actos ocorridos na anterior sessão de julgamento, rejeita o protesto indeferindo a pretensão e ordena que o julgamento prossiga.»

«Seguidamente, foi pedida novamente a palavra pelo sr. dr. Sidónio Rito, para protestar contra a decisão que acaba de ser proferida, em face do critério diferente seguido pelo douto tribunal.

O VOUGA CHEIO DE TRUTAS

WISEU, 22 — Uma novidade para os «garfos» nacionais: a Visturig vai repovoar a sua concessão de 10 km no Vouga com 200 mil ovos de truta. A notícia transpirou agora na cidade e o menos que poderemos dizer é que encheu muita gente de apetite.

na sessão de 4 de Dezembro de 1970, em que foram admitidos dois protestos formulados pelos ilustres advogados dos assistentes, logo no início dessa sessão. O presidente interrompeu o sr. dr. Sidónio Rito e mandou que o escrivão riscasse da acta as palavras acabadas de ditar pelo advogado afirmando que da decisão do tribunal podia recorrer, mas não protestar.

«Em seguida ditou para a acta que o tribunal não admitia este protesto por o considerar um expediente dilatório ordenando de novo que o julgamento prosseguisse.»

Logo a seguir, o juiz presidente correu a ouvir o declarante sobre a matéria constante dos autos. O sr. Henrique Champalimaud re-

feriu então pormenores sobre o comportamento de seu irmão António que, a seguir à morte de tio Henrique e como por sucessão natural, assumiu imediatamente, sem rodeios e sem dúvidas ou qualquer oposição o lugar daquele passando a falar noutro tom, isto é como chefe. Mas adiante, o sr. Henrique Champalimaud pormenorizou.

«Tendo assumido as funções do tio Henrique, o sr. irmão António chama a si a gestão de todos os interesses do agregado familiar agindo até com muito mais autoridade do que aquela que era manifestada pelo tio Henrique dada a maneira de ser deste.

«Esses interesses do agregado familiar diziam respei-

to às sociedades chamadas do lado paterno e materno. «Quando, do lado materno, esses interesses traduziam-se essencialmente nas posições quotistas que os membros da família tinham em Sommer & C.ª, Lda, na posição accionista desta sociedade na Empresa de Cimentos de Leiria e nas posições accionistas dos familiares na Empresa de Cimentos de Leiria, incluindo as acções da Empresa de Cimentos de Leiria, haviadas de seu tio Henrique, e que pertenciam aos seus herdeiros — António o declarante, Carlos, Maria Ana Champalimaud e Maria Helena Brazão de Sommer»

A audiência continuou esta tarde.

Boisa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Éfec	Compra	Venda	Ultramarinas	Éfec	Compra	Venda
Consolidado 3 1/4%	—	—	500\$	Ag. e T.ome e Príncipe	—	220\$	240\$
Consolidado 3 1/4%	—	—	500\$	Ag. e T.ome e Príncipe	—	130\$	60\$
Consolidado 3 1/4%	612\$	—	612\$	Ag. e T.ome e Príncipe	—	69\$	70\$
Consolidado 3 1/4%	—	—	1.400\$	Ag. e T.ome e Príncipe	—	198\$	205\$
Consolidado 3 1/4%	—	—	1.000\$	Ag. e T.ome e Príncipe	2.300\$	2.295\$	3.000\$
Obrigações Tesouro 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
Ext. no 1.ª Série	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
Ext. no 2.ª Série	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
Ext. no 3.ª Série	—	—	700\$	Ag. e T.ome e Príncipe	186\$	186\$	87\$
Ext. no 4.ª Série	—	—	800\$	Ag. e T.ome e Príncipe	—	410\$	430\$
Ext. no 5.ª Série	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	430\$	440\$
Ext. no 6.ª Série	—	—	145\$	Ag. e T.ome e Príncipe	76\$	76\$	77\$
OBRIGAÇÕES				Diversas			
Agua Lisboa 5%	—	—	860\$	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	6.850\$
A. P. 1.ª Série 5%	850\$	850\$	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 2.ª Série 5%	810\$	810\$	820\$	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 3.ª Série 5%	910\$	910\$	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 4.ª Série 5%	910\$	910\$	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 5.ª Série 5%	—	—	842\$	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 6.ª Série 5%	—	—	830\$	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 7.ª Série 5%	—	—	845\$	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 8.ª Série 5%	—	—	740\$	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 9.ª Série 5%	760\$	760\$	760\$	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 10.ª Série 5%	940\$	940\$	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 11.ª Série 5%	920\$	920\$	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 12.ª Série 5%	920\$	950\$	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 13.ª Série 5%	780\$	800\$	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 14.ª Série 5%	710\$	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 15.ª Série 5%	945\$	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 16.ª Série 5%	710\$	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 17.ª Série 5%	945\$	950\$	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 18.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 19.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 20.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 21.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 22.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 23.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 24.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 25.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 26.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 27.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 28.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 29.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 30.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 31.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 32.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 33.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 34.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 35.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 36.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 37.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 38.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 39.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 40.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 41.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 42.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 43.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 44.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 45.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 46.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 47.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 48.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 49.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 50.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 51.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 52.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 53.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 54.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 55.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 56.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 57.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 58.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 59.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 60.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 61.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 62.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 63.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 64.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 65.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 66.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 67.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 68.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 69.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 70.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 71.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 72.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 73.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 74.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 75.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 76.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 77.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 78.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 79.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 80.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 81.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 82.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 83.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 84.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 85.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 86.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 87.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 88.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 89.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 90.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 91.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 92.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 93.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 94.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 95.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 96.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 97.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 98.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 99.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—
A. P. 100.ª Série 5%	—	—	—	Ag. e T.ome e Príncipe	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO COTAÇÃO DAS ACCOES (Base: Dez. 65=100)

	15/1/71	21/1/71	22/1/71
GERAL	154,0	154,3	154,3
METROPOL	149,2	149,4	149,4
ULTRAM.	189,6	190,0	190,3

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35\$50	38\$00
Álemanha — Marco	7\$70	8\$00
— Dólares de E. U.	28\$00	28\$50
— de S. A. 20	28\$40	28\$80
— de S. A. 50 a 100	28\$50	28\$90
Argentina — Peso Nova	5\$50	7\$00
Austria — Schilling	1\$10	1\$16
Bélgica — Franco	5\$5	5\$9
Brasil — Cruzeiro	4\$50	5\$80
Canadá — Dólar	27\$70	28\$20
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$00
Espanha — Peseta	40\$3	54\$8
Francia — Franco	5\$00	5\$30
Holanda — Florim	1\$80	1\$90
Inglaterra — Libra	67\$50	69\$50
Italia — Lira	104\$4	104\$7
Marracos — Dirham	5\$00	5\$60
Noruega — Coroa	3\$85	4

CARTAZ DOS CINEMAS



TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
2.ª SEMANA
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.)
e 8.30 da noite
A maior obra de DICKENS
DAVID COPPERFIELD
em technicolor
com Richard Attenborough,
Cyril Cusack, Laurence Olivier,
Edith Evans e Pamela Franklin

EDEN
(Adultos) Tel. 340108
As 15.15, 18.30 e 21.45
Um filme dominado pela
acção!
5 valentes patifes e uma
missão arriscada
5 PARA O INFERNO
Scope — Eastmancolor
com John Garro, Margaret Lee e Klaus Kinski

MUNDIAL
(Adultos)
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
DE LOTAÇÕES ESGOTADAS!
Julie Andrews e Rock Hudson
pela primeira vez juntos numa
alta comédia musical!
DARLING LILI
Panavision e Technicolor
O mais surpreendente sucesso
da nova temporada!
(Metro: Estação Picoas)

LUMIAR
(Adultos) Tel. 538743
As 21 horas
MAIS MORTO QUE VIVO
REGRESSO AO PASSADO

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 903039
As 21.30 h.
Uma espectacular superprodução
interpretada por Richard Burton
e Genevieve Bujald
RAINHA POR MIL DIAS

RESTELO
(Adultos) Tel. 616375
As 21 e 30
O CERCO
de António Cunha Telles

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45833
As 15 e as 21 h.
UM HOMEM
DE QUEM EU GOSTO
DOUTOR... VAMOS A ISTO!

CONDES
ESTRELA AS 21.45 (Adultos)
O CARNICEIRO
com Stéphane Audran
e Jean Yanne
As 14 — 16 e 18.45 (Adultos)
O PASSAGEIRO DA CHUVA

AVIS
(Adultos) Tel. 47183
As 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Um filme de ROGER VADIM
com BRIGITTE BARDOT
**E DEUS... CRIOU
A MULHER**
Jean-Louis Trintignant
e Curd Jurgens
EASTMANCOLOR — SCOPE

BERNA
(M. 14 anos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45
John Philippe Law, Mimsy
Framer e Claudio Gora vivem,
nas famosas estepes russas,
uma grande e inesquecível
história de amor!
STROGOFF
Panavision e Technicolor
Nova versão do imortal ro-
manço de Julio Verne
(À Av. Marquês de Tomar)

DOMINGO, às 11 h. (M. 6 anos)
Grande manhã infantil com o
sugestivo e maravilhoso filme
O BOM GIGANTE
(Em Technicolor)

POLITEAMA
(Adultos) T. 326305
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
Em sensacional
continuação de estreia

BORSALINO
com Alain Delon e Jean-Paul
Belmondo
A HISTÓRIA DE UMA TRE-
MENDA AUCÁCIA NA SEN-
DA DO CRIME
(Eastmancolor)

DOMINGO — AS 11 HORAS
— SESSÃO INFANTIL, com
cinema, guloseimas e brindes
(M. 6 anos)

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 264621
As 21.30 h.
ORFEU NEGRO
com Breno Mello, Marpessa
Lamon, Lurdes de Oliveira
e Ademar da Silva

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
ESTRELA HOJE, AS 21.30
Um filme NÃO recomendado
a pessoas nervosas!
TERROR NO COLEGIO
As 15.15 — Adultos — Últimas
exibições — UM CLUBE SO
PARA CAVALHEIROS

SABADO E DOMINGO às 18.15
MATINEES INFANTIS
(M. 6 anos)
O homem mais engraçado do
mundo, o maior cómico de todos
os tempos
**CHARLOT em
O CIRCO**

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 320283
As 15.15 e 18.15 (p. r.)
e às 21.30
2.ª MES TRIUNFAL
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
com a admirável comédia
musical
**A VIDA E SEMPRE
IGUAL**
com o famoso ídolo
da Eurovisão
JULIO IGLESIAS
na história de um amor sublime,
com a formosa
JEAN HARRINGTON
(Eastmancolor)

ROYAL
(Adultos) Tel. 868637
As 15 e 21 h.
OS INTOCAVEIS
com John Cassavetes
— Britt Ekland
**O SEGREDO
DAS CATACUMBAS**

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 778004
3.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
O filme que devolve ao
tismo o seu lugar de honra
O SILENCIO DO AMOR
com Marie Dubois
e Matthieu Carrière
EASTMANCOLOR

CHIADO TERRASSE
As 15 e 21 h. (M. 17 anos)
CIUMES, CIUMES
E CIUMES
AL CAPONE

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
CANHÕES PARA CORDOVA

VOX
(Adultos) Tel. 720088
As 15.15, 18.30 e 21.45
11.ª e ÚLTIMA SEMANA!
Eastmancolor
O filme decisivo de
Claude Chabrol
**REQUIEM PARA UM
DESCONHECIDO**
com Michel Duchaussey, Ca-
relaine Cellier e Jean Yanne

DOMINGO, às 11 h.
(M. 6 anos)
O maior herói de todos os tem-
pos, numa aventura sensacional!
ASTÉRIX, O GAULES
— Desenhos coloridos —

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
As 15 e 21 horas
5.ª SEMANA
Uma história de amor filmada
por David Lean
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum
QUINZENA WESTERN
HOJE — 18.45 — (M. 12 anos)
CAÇADORES DE ESCALPES,
de Syd. J. Pollack
com Russ Lancaster e Shelley
Winters

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS
MARIA MATOS — As 21 e 45:
«O Inocente» (17 anos).
LAURA ALVES — As 2 e 45:
«O Prego» (17 anos).
VARIADADES — As 20 e 45 e às
23: «E o Zé fez tudo» (17
anos).
VILLARET — As 21 e às 23:
«Sento-festa, quatro e um quater»
(17 anos).
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A
quando morre» (17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 45: «A
casa das cobras» (17 anos).
GH. VICENTE — As 22: «Breve
sumário da vida de Jesus» (17
anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45
e às 23: «Pimenta na língua»
(17 anos).

CINEMAS
OLIMPIA — As 9: «Hércules
contra o Filho do Sol» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Pequeno al-
moço em casa de cosca» (17
anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Maria
Isabel» (12 anos).
ARCO IRIS — As 21: «A Rapariga
e o General» (17 anos).
SALÃO ILIBOIA — As 19: «Uma
Rapariga de Gritos» (17 anos).
PARIS — As 21: «O Cerco» (17
anos).
PROMOTORA — As 21: «Quando
a Primavera acaba» (17 anos).

CINEARTE — As 21: «O Céu dos
Sicilianos» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21
e 30: «O por do sol» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «O Clã
dos Homens Violentos» (17
anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL —
As 21 e 15: «Gigantes no in-
ferno» (12 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e
30: «Os Para-queidistas» (17
anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e
às 21 e 30: «O Rei Negro» (17
anos).
PALACIO — As 21 e 30:
«O grande mestre do crime»
(17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e
30: «O Bom Pastor» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21
e 15: «John, o barbaresco» (17
anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E
RECREIO — As 21 e 30: «Mu-
lheres e recusas» (12 anos).

● PORTO

TEATROS
SAO JOÃO — As 21 e 30: Con-
certo musical (12 anos).
SA DA BANDEIRA — As 21 e 45.

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134/5
As 15.15 — 21.30 horas
Lee Marvin, Jeanne Moreau
e Jack Palance
**MONTE WALSE,
UM HOMEM DIFÍCIL
DE MORRER**
Panavision — Color

ESTUDIO
(Adultos)
3.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
Segundo a obra de Dostoiévski
um filme de Robert Bresson
UMA MULHER MEIGA

(Adultos) Tel. 787778
As 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Um filme de ROGER VADIM
com BRIGITTE BARDOT
**E DEUS... CRIOU
A MULHER**
Jean-Louis Trintignant
e Curd Jurgens
EASTMANCOLOR — SCOPE

CINEMAS

COLISEU — As 2 e 30: «A Ponte
de Remagosa» (7 anos).
RIVOL — As 4 e 30: «Inação
invernal» (7 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «O se-
nhor das Ilhas» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «Com
jeito vai, compaiteiro» (17 anos).
ESTUDIO — As 2 e 30: «Os co-
valos também se abatem»
(7 anos).
AGUIA D'OURO — As 21 e 30:
«Gigantes no inferno» (12 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Doze
mais umas» (17 anos).
OLIMPIA — As 21 e 30: «Pre-
vem o sangue de Drácula»
(17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21: «O
Tesouro dos Incas» e «Onde as
bolas assobiam!» (12 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30:
«Espíritos e min-sarvos» (17 anos).
NUN'ALVARES — As 21 e 30:
«O Beco» (17 anos).

● COIMBRA

GH. VICENTE — As 21 e 30: «As
Mulheres» (17 anos).
AVENIDA — As 21 e 30: «Chuva
na Primavera» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «Aero-
portos» (17 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

AJUDA — Lúcia, Calça-
da da Ajuda, 170 (telefone
637318).
ALCANTARA — Probi-
dade, Rua de Alcântara,
15-A (tel. 638589) * In-
fante Santa, Rua do Ovi-
val, 290 (tel. 661003).
ALFAMA — Anunciada,
Rua do Vigário, 74 (tel.
866360).
ALTO DO PINA — Eu-
sá, Rua Barão de Sabrosa,
104 (tel. 841912).
ALVALADE — Relígio
Santa, Rua Adolfo Lopes
Vieira, 57-B (à Avenida da
Brasil) (tel. 765262) *
Alentejo, Avenida da Igre-
ja, 28-B (tel. 712682) *
Bela, Avenida de Roma,
53-A (tel. 776314) * Es-
tados Unidos, Avenida das
Estações Unidas da Améri-
ca, 16-B (tel. 725859).
AMEIXOIRA — S. Bar-
tolomeu, Vila Paulo Jorge,
1 (tel. 661003) (telefone
790969).
ANJOS — Guerra, Rua
Andrade, 32 (tel. 845513).
AREIRO — Central, Av.
Paris, 2 (tel. 720820).
ARRIOLOS — Brasil, Rua
Alves Torga, 29-31 (tele-
fone 46843).
AVENIDAS NOVAS —

Santa Maria, Avenida 5 de
Outubro, 283-A (6 Feira
Popular) (tel. 790916) *
Castelo, Avenida Visconde
Vaimor, 28-A (à Avenida
da República) (tel. 772291).
* Salvação, Av. Praia do
Vidoeiro, 53 (tel. 499388).
BAIRRO ALTO — Du-
rão, Rua Garrett, 90 (tele-
one 324166).
**BAIRRO DA ENCARNA-
ÇÃO** — Assenso, Rua 27,
41 (tel. 311216).
BAIXA — França, Rua
das Portas de Santo António
72 (tel. 328180).
BENFICA — Marques, Es-
trada de Benfica, 648 (tele-
fone 700096) * Vilas,
Estrada de Benfica, 373-B
(tel. 780548) * S. João,
Estrada da Luz, 124-A
(tel. 789179).
CAMINHOS DE FERRO
— Alves de Carvalho, Rua
Vale de Santo António,
7-9, (tel. 840125).
CAMPOLIDE — Impar-
cial, Rua General Taborda,
26 (tel. 680931) * Ruafra,
Alo de Carvalho, 5-B (tel.
651721).
CAMPO DE OURIQUE —
Condestável, Rua Coelho
do Rocha, 119 (tel. 66606).
* Almeida, R. Silva Car-
valho, 136 (tel. 681726).
CHARNECA DO LUMIAR

— S. Bartolomeu, Vila
Paulo Jorge, 1 (tel. 790969).
CHIADO — Durão, Rua
Garrett, 92 (tel. 324166).
CONDE REDONDO —
Brasão, Avenida Duque de
Louís, 61 (tel. 45046).
ESTRELA — Gama, Cal-
çada da Estrela, 130 (tel.
660839).
GRACA — Monte (de),
Rua Senhora do Monte,
30-A/B (tel. 867842) *
Progressiva, Rua de Santa
Marinha, 18 (tel. 863619).
GRILLO — Grilo, Rua do
Grilo, 25.
LUMIAR — Pateleta, R.
do Lumiar, 122 (telefone
790832).
MADRUGA — Lys, R.
da Esperança, 17 (telefo-
ne 660913).
OLIVAIS — Fernandes
Borges, Rua Cidade de
Bragança, lote 300 (Oli-
vais Sul) (tel. 311091) *
Central, Rua Azeiteiros Boni-
fário Ruas, 7-C (Olivais
Norte) (tel. 315539).
PEDROUÇOS — Res-
ta, Rua Duarte Pacheco Pe-
reira, 11-C (tel. 610741).
PENHA DE FRANÇA —
Dimer, R. Conde de Mon-
saraz, 17-B (tel. 842533).
PICHELEIRA — Mendes,
Calçada da Picheleira,

140-B (tel. 720708-728391).
RESTELO — Restelo, R.
Duarte Pacheco Pereira,
11-C (tel. 610741).
SANTO AMAR — San-
ta Amara, Rua Filipe Es-
ta, 29-A (tel. 637070).
S. MAMEDE — Cunha,
Rua da Escola Politécnica,
16 (tel. 325495).
S. PAULO — Ulteamer-
na, R. de S. Paulo, 99-101
(tel. 321771).
**S. SEBASTIÃO DA PE-
DREIRA** — S. Sebastião, Rua Fi-
lho de Almeida, 38-A (tel.
44000).
● Linha de Cascais
ALGÉS — Almeida Melo
— Av. Lopo G. Guerra, 64
(tel. 41070).
CANHAS — Nova — R.
Bomfim, Rua Nova, 1-A
(tel. 41070).
PAÇO DE ARCOS — Go-
dinho da Silva — Aven-
da Patrão Lopes, 4 (tele-
fone 243203).
QUEIRAS — Central — R.
João Teixeira Simões, 18
(tel. 430058).
PARÉDE — Brando, Av.
da República, 77-C (tel.
14705).
ESTORIL — S. João —
S. João de Estoril (tele-
fone 261186).

MONTE ESTORIL — Su-
sa, Cruzes (tel. 260087).
CASCAIS — Misericor-
dia, R. Regimento 9, 4.
(tel. 2844) * Cascais,
3.ª Cadeia de Monte Rei-
Barro Coxas (tel. 282407).
S. PEDRO DO ESTORIL —
S. Pedro (tel. 263052).
● Linha de Sintra
AMADORA — Dias, Av.
Marquês de Pombal, lote 9
(tel. 934589) * Campos,
R. Elias Garcia, 185 (tel.
930072) * Claret — R.
António S. da Cunha, 28-B
(tel. 988551).
DAMAIA — Confiança —
Est. Militar, Lote D (tel.
971023).
QUELUZ — Zeller — R.
da Repub. ca. 83 (tel.
950045) * Cascais — R.
do Mercado, 211 (tel. 950905).
CACÉM — Central — R.
Bos. Garcia, 55 (telefone
094034).
M. MARTINS — Quim-
ta, Rua Martins, 483 (tel.
291001).
S. PEDRO DE SINTRA —
Valente, 11 (tel. 980456).
SINTRA — Sintra, Rua
Miguel Bogaça, 26 (tel.
980832).
COLARES — Colares, Av.
da (tel. 299088).

● Outra Banda
ALCOCHETE — Camelo,
L. António dos Santos Jon-
so, 5 (tel. 234100).
ALNOS VEDROS — Gu-
mões — R. Carvalhal, 100
Rua, 30 (tel. 444020).
ALMADA — Castro Re-
dondo, Rua do Lado, 12-
Lote, 21-A (tel. 270076).
BAIXA DA BANHEIRA —
Nova Fátima, Estrada
Nacional, 221-B (tel. 224141).
BARREIRO — S.ª Maria —
R. da Lavadeira, 77-C (tel.
227241).
COVA DA PIEDADE —
Cerveira Afonso — P. 5
de Outubro, 18 (telefo-
ne 270254).
MOITA — Silva Rocha —
P. da República, 16 (tel.
239029).
MONTIJO — Glória,
R. Almirante Reis, 45 (tel.
230008).
SESIMBRA — Lobo, Av.
Salazar (tel. 229471).
SETÚBAL — Infante, R.
Fre. Agostinho do Cruz
(tel. 22438) * Portugal,
Rua Camilo Castelo Branco
(tel. 23211).
SEIXAL — S.ª Maria,
Rua Paiva Coelho, 38 (tel.
2218560).

● PORTO
Alberte Ferreira, Rua do
Estoril, 100 (tel. 51302).
* Antunes, Rua do Bon-
jardim, 485 (tel. 27936).
Campe Alegre, Rua de
Campo Alegre, 723 (tele-
fone 62245) * Fátima, R.
Oliveira, Monte, 475
(tel. 65406) * Ferreira da
Silva, Rua Márt. da Liber-
dade, 150 (tel. 24023) *
Marques Mendonça, Rua
do Ameal, 251 (tel. 47118).
* Pereira, Rua do Preci-
so, 35 (tel. 681027) *
S. Jerónimo, Rua de San-
tos Pousado, 622 (telefo-
ne 54526) * S. Lázaro,
Av. Rodrigues de Freitas,
297 (tel. 27043) * S.º
Bandeira, L. dos Lóios, 36
(tel. 21701) * Saúde, Av.
Comb. G. Guerra, 689 (te-
lefone 40376) * S.º
Severina, Rua de Santa Ca-
tarina, 41 (tel. 22145).
* Vitória, R. S. R. da La-
meira, 756 (tel. 52255) *
Gondarém, Rua de Gondar-
ém, 360-Foz.

● COIMBRA

Dias Ferreira — Rua do
Brasil (tel. 25046) * Silva
Marques — Rua do Sol
(tel. 23067) * Santa Cruz
R. das Pedras (tel. 28569).

Diário de Lisboa Renascença Gráfica S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1
Telex 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano 44
Telex 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

Recebida com júbilo a notícia de que o «Diário de Lisboa» vai dar prémios aos seus vendedores e agentes

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, vento era fraco a moderado de Sudoeste; o céu estava encoberto e chovia em todas as regiões, com excepção do Algarve.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 6,2; mínima: Penhas da Saúde, -4,8.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 9°; Penhas da Saúde, 0°; Coimbra, 9°; Portalegre, 6°; Lisboa, 10°; Faro, 10° e Funchal, 17°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL, AS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera, 12,5; na água do mar: 14,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu encoberto, por vezes com abertas durante a noite; vento fraco a moderado de Sudoeste, podendo soprar por vezes forte para o fim da tarde; chuva.



Amãhã
Nascer às 8 e 51
Ocorer às 18 e 47



Dia 26 Dia 2 Dia 10 Dia 18

MARÉS:

PREIA-MAR: Hoje — 12 e 25 (3,1 m); Dia 23 — 1 e 08 (3,3 m); 13 e 42 (3,3 m); Dia 24 — 2 e 12 (3,6 m); 14 e 43 (3,5 m).

BAIXA-MAR: Hoje — 5 e 45 (1,7 m); 18 e 12 (1,6 m); Dia 23 — 6 e 53 (1,5 m); 19 e 19 (1,4 m); Dia 24 — 7 e 49 (1,3 m); 20 e 06 (1,2 m).



Os vendedores dizem da sua satisfação ao repórter do nosso jornal

São, evidentemente, os vendedores de jornais quem sentem, em primeiro lugar, a emoção dos diários ainda frescos de tinta, saídos há momentos da rotativa. São eles quem os apregoam com entusiasmo pelas ruas da cidade. Justifica-se, pois, que o «Diário de Lisboa», os inclua na primeira das iniciativas com que comemoramos o nosso cinquentário. Assim, para os vendedores e agentes do nosso jornal, instituímos prémios valiosos (o primeiro dos quais é o magnífico automóvel «Honda» a que nos referimos na 1.ª página) que serão atribuídos no âmbito da nossa iniciativa (Lector do «Diário de Lisboa»).

Para tanto, basta que os compradores habituais inscrevam os nomes dos vendedores, a quem adquirem diariamente o nosso jornal, nos cupões-duplos de identificação que enviam para os nossos serviços como participantes da referida iniciativa. Depois, a sorte poderá ou não sorrir mas a verdade é que, vendedores e agentes, só por esse simples facto do leitor referir os seus nomes, ficam habilitados a prémios excelentes.

VENDI O PRIMEIRO NÚMERO!

Registámos as declarações de alguns vendedores sobre a iniciativa e ouvimos, em primeiro lugar Francisco Paiva, que conta 71 anos de idade e 63 de ofício. Disse-nos:

— Vendi o primeiro número do «Diário de Lisboa», ainda saia no Largo de São Roque. Sou solteiro — sabe — mas ficava todo contente se ganhasse um prémio. Oxalá os fregueses não se esqueçam de pôr o meu nome.

Falou depois o «Manjerico» (todos o conhecem assim) por ter sido jardineiro — mas que se chama, afinal, José Maria Vilar. Vende o «Diário de Lisboa» há 15 anos e anda acompanhado do filho, o José Francisco que fez há pouco os oito e já «canta» o nosso jornal. Também o «Manjerico» se mostrou entusiasmado com a iniciativa do «Diário de Lisboa».

— Nunca outro jornal se lembrou de nós — assegurou.

António Roda Valente — o «Ruço» — vende o nosso jornal há 20 anos e «pára» na Praça do Chile. Também se entusiasma com a iniciativa afirmando:

— Até aqui, só nos ofereceram sacas para os jornais. Agora, ficamos habilitados a grandes prémios.

Por último outro «veterano» da rua: Américo Martins, que conta 60 anos e vende jornais há 52.

— Também apregoei o primeiro número do «Diário de Lisboa». Corro todas as tardes a Rua Augusta — que é a minha zona — e tenho esperança de ganhar um prémio. Reforça: Tenho, sim senhor.

Há, pois, entusiasmo entre os vendedores do «Diário de Lisboa» que, tal como os agentes espalhados pelo país, podem acreditar numa certeza: não foram esquecidos nesta iniciativa. Também podem conquistar prémios valiosos — basta que os leitores, repetimos, não se esqueçam de referir os seus nomes nos cupões-duplos de identificação que nos enviarem.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Por necessidade de melhorar alguns elementos da rede em serviço, será cortada a corrente no próximo Domingo, nos seguintes locais:

4.ª — Sector — Concelho de Lisboa: Av.º Grão Vasco, Rua das Garridas, Rua do Parque. (Das 8 às 12 horas).

6.ª Sector — Rua do Arsenal, lotas G-G—lado ímpares. (Das 8 às 12 horas).

8.ª Sector — Rua Gomes Freire entre 179 e 181, Rua Conde Redondo 1. (Das 8 às 12 horas).

9.ª — Cd.º da Picheleira, Rua Silvério Peixoto, Rua João Nascimento Costa, Rua Capitão Roby e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — Concelho de Oeiras: ALGÉS: Bairro Miraflores-Sul. (Das 8 às 15 horas).

2.ª Zona — ALGÉS: Rua Luís

de Camões, Rua General Vicente de Freitas, Av.º Combatentes da G. Guerra (parte), Rua Elias Garcia, Rua Latino Coelho, Rua Dr. António Granjo, Rua Ernesto da Silva, Rua D. João de Castro, Rua dos Anjos, Cd.º do Rio, Av.º da República, Rua José Duarte Pedrosa, Rua Filipe Duarte Pedrosa e imediações. (Das 8 às 15 horas).

3.ª Zona — DAFUNDO: Rua Sacadura Cabral, Rua Joseph Bleck, Rua Paulo Duque, Rua José Maria da Costa, Rua 7 de Junho de 1759, Rua Direita, Estr. Marginal, Rua São João de Deus, Rua Egas Moniz e imediações. (Das 8 às 15 horas).

4.ª Zona — PAÇO DE ARCOS: Jardim Paço de Arcos, e zona das imediações do Quartel incluindo Praça 5 de Outubro. (Das 9 às 15 horas).

5.ª Zona — AMADORA: Av.º de Ceuta e imediações. (Das 10 às 15 horas).

6.ª Zona — Concelho de Sintra: RAMALHÃO / COSTA DO

PÓ / Colónia Penal Agrícola e parte Norte do Linho. (Das 8 às 15 horas).

7.ª Zona — Concelho de Mafra: VILA FRANCA DO ROSÁRIO. (Das 8 às 15 horas).

8.ª Zona — Concelho de Cascais: PAREDE: Rua Dr. Flávio Resende, Rua Trindade Coelho, Rua Dr. António Granjo, Av.º da República, Rua 5 de Outubro, Rua Capitão Leão, Rua Luís de Camões, Rua Aresta Branco, Rua Heliodoro Salgado. (Das 8 às 15 horas).

9.ª Zona — CARCAVELOS: Estrada da Cartoeira, L.º da República, Rua Sacadura Cabral e imediações. (Das 8 às 15 horas).

10.ª Zona — CASCAIS: Av.º Frederico Ulrich, Rua Padre Moisés da Silva e imediações. (Das 8 às 15 horas).

11.ª Zona — Concelho de Torres Vedras: FREIXIA / S. DOMINGOS DE CARMOES / BOIQUÊIRA / CARREIRAS / CARVOEIRA (Das 8.30 às 14 horas).

12.ª Zona — Concelho do Sobral de Monte Agraço: CORUJEIRA. (Das 8.30 às 14 horas).

13.ª Zona — Concelho de Alenquer: MECA / CATEM / ESPICANDEIRA / M. R. CEANA / PAIOL / VALE BENFEITO / BARBAS / FREIXIAL DE CIMA / FREIXIAL DO MEIO / FREIXIAL DE BAIXO / PENUZHINHOS / CORTEGANA / ATALAIA / A-DOS-QUENTES / LABRUJEIRA / POCARICA / OLHALVO / PENAFRME / MONTA RGIL. (Das 8.30 às 14 horas).

ÁRBITROS PROFISSIONAIS, POR EXEMPLO...

Meirim quer mudar o futebol português

Um projecto do técnico Joaquim Meirim, tendente a uma remodelação verdadeiramente sensacional de toda a orgânica do futebol português e abrangendo a totalidade dos seus múltiplos sectores, deu já entrada na Direcção-Geral dos Desportos, e constitui uma realidade em estudo.

No que respeita às selecções nacionais — A, B, «Esperanças» e «Promessas» — Meirim tenta estabelecer uma contra partida de modo a oferecer um máximo de possibilidades tendentes a exigir, depois, a maior rentabilidade e responsabilidade. Os interesses dos clubes a que pertencem jogadores convocados são levados em conta, sendo, também, devidamente acautelados os interesses do próprio jogador, mas todo o projecto implica, fundamentalmente, e neste aspecto, uma defesa cerrada e particularmente dura do prestígio do futebol luso além-fronteiras.

Outro dos pontos focados

no extenso e pormenorizado «memorial» do discutido técnico belenense, relaciona-se com a causa da arbitragem. A concretizar-se, teremos árbitros inteiramente profissionais, com uma vasta gama de direitos e deveres. Também aqui se nota o cunho de excepção: a severidade que ressaltará de todo o projecto de Meirim — embora, da mesma forma, seja absolutamente nítida a intenção de proporcionar primeiro os meios necessários para a posterior colheita dos resultados pretendidos.

O ministro recebeu o reitor de Coimbra

O ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão, recebeu hoje, em audiência, o prof. Gouveia Monteiro, reitor da Universidade de Coimbra, e os profs. Butelo Nélva e Redinha, respectivamente director e professor da Faculdade de Ciências da mesma Universidade.

tendidos. Em linhas gerais — mesmo muito gerais — a «nova vaga» dos árbitros de futebol resultará de uma série de testes e apuramentos iniciados através de cursos regionais e culminada num curso nacional, para o qual seriam convidadas figuras de renome da arbitragem internacional. Além de subsídios de vária ordem, os árbitros escolhidos desse curso nacional aufeririam uma mensalidade de dez mil escudos.

Entretanto, esta manhã, no Restelo, Meirim declarou-nos:

— Não estou autorizado a confirmar ou não aquilo que me diz saber. Esbocei, é certo, um plano que já apresentei na Direcção-Geral dos Desportos, na tentativa de elevar o nível do nosso futebol em todos os seus sectores.

Faqueiros de Prata

TODOS OS ESTILOS
FABRICA ESPECIALIZADA
Ourivesaria PIMENTA
R. AUGUSTA, 253 — LISBOA

EMPREGADAS DE CONTABILIDADE

PRECISA GRANDE EMPRESA

Bons conhecimentos, com prática de máquinas de contabilidade OLIVETTI.

Resposta a este jornal ao n.º 684.

Do «western» à integração Europeia

DANIEL RODRIGUES



Decididamente, os problemas da emigração não mais acabam de nos preocupar, tantas são as incidências e os ângulos que apresentam de momento à sociedade portuguesa. No entanto, o nosso ponto de vista de portugueses não é o único e ainda bem. Os responsáveis e a própria opinião pública dos países que acolhem os nossos compatriotas também se preocupam e têm a sua palavra a dizer sobre o fenómeno.

Ouvimos o depoimento lúcido do rev. Robert Merilhou, sacerdote católico e doutor em Medicina Psiquiátrica, grande amigo de Portugal e que há seis anos vem consecutivamente até nós para estudar a mentalidade portuguesa. O rev. dr. Merilhou surpreendeu-nos pelos conhecimentos e pela visão que tem do problema. É que alia ao trabalho de investigador psicossocial a dedicação e uma extraordinária simpatia pelos nossos compatriotas. Tem colaborado em várias iniciativas francesas tendentes a consciencializar em França o caso da emigração portuguesa e é, sem dúvida, uma pessoa qualificada cujo ponto de

vista registamos com interesse.

A FRANÇA — UM PAÍS DE REFÚGIO

P. — Que características encontra no fenómeno emigratório dos portugueses para França?

R. — Deu-se na emigração portuguesa para França uma evolução considerável nestes últimos dez anos, evolução

essa que se tem vindo a acelerar ultimamente até tornar presentemente a presença dos portugueses um fenómeno, se não natural, ao menos familiar à vida francesa; não devemos, no entanto, esquecer que ainda há dois anos «ir para França» era uma aventura fora das leis, arriscada e como que às escondidas, na maioria dos casos uma aventura inutilmente heroica e catástrofica; do lado de cá da fronteira

parecia um qualquer «Western» para qualquer Eldorado.

E a opinião pública francesa foi intuitivamente pensando em termos de intrusão, ao menos lastimosa, mas legítima, nos já consideráveis problemas dos franceses. Para muitos, parecia a consequência inevitável do regime aqui vigente. No fundo, uma vez mais, a França era um País de refúgio para emigrantes ou, mais genéri-

camente, para quem deixava o seu País por qualquer razão.

... COM MIRA NO LUCRO E NÃO POR QUALQUER SENTIMENTO COMUNITÁRIO OU FRATERNAL...

P. — Qual costuma ser a reacção dos franceses à emigração portuguesa?

R. — A reacção ambiental dos franceses é um ponto que exige certa análise, sob pena de incompreensão; é certo que cada emigração para a nossa terra teve no seu tempo causas próprias. Por exemplo, o que sucedeu com os espanhóis depois de 1936 não foi o mesmo que se passou com os italianos, primeiro nos anos 20 e depois nos anos 37 e seguintes. O mesmo pode dizer-se dos polacos ou dos árabes antes da guerra da Argélia.

No caso português: antes de 1960 a emigração era um fenómeno de causas quase exclusivamente económicas. Tratava-se de fugir a uma situação de penúria indo naturalmente para onde as capacidades portuguesas podiam encontrar emprego imediato. Uma vez ultrapassado o risco da viagem, da passagem da fronteira e encontradas todas as categorias de especuladores, a chegada à França (os guias, os ladrões de passaportes, cartas de trabalho, fontes de emprego e alojamento, etc.), especuladores por vezes franceses mas sobretudo estrangeiros, já instalados, o português, mercê da sua capacidade de adaptação e da formidável capacidade de sofrer, e aguentar apesar de tudo, sem qualquer preparação, sem saber a língua, e entre mil dificuldades, conseguia algo do que ambicionava: conseguia encontrar emprego, ocupando sobretudo a força muscular em trabalhos que nenhum francês se sujeitava a fazer; fazia-o fora das leis mas conseguia um lugar para dormir e comer e ainda enviar algum dinheiro à família...

Se nos perguntarmos qual a reacção dos franceses a tudo isto, há que perguntar também: quais franceses? Os patrões? Excelente, é certo. Todos apreciavam o trabalho português, sério, rápido, em quantidade, sem horários e com o qual contavam até aos sábados e domingos. E, sobretudo, era um trabalho pelo qual se pagava muito pouco. É que os patrões não são loucos! Mas, à excepção de alguns casos, tudo o que foi feito para melhorar a vida ao emigrante português por parte das entidades patronais, foi feito com mira no lucro e não baseado em qualquer sentimento humanitário ou fraterno. E como nada há de novo debaixo do sol, a situação que os alemães presentemente oferecem, parecendo um sonho, é também uma oferta patronal baseada no interesse pelo lucro e nas necessidades do funcionamento das empresas. Os patrões alemães são como os outros e não são mais acolhedores. Simplesmente as circunstâncias evoluíram... Mas, voltando aos franceses, há ainda a reacção dos chefes de oficina ou de

Cont. na pág. 9

MESA REDONDA

PLANO DE REGA DO ALENTEJO

Nos campos de Mira está localizado o último perímetro integrado no plano de irrigação do Alentejo. É um problema grave se levante, aliás extensivo a todo o importante projecto provincial: Os resultados são compensadores? As barragens contemplam os melhores terrenos? Quem beneficia do regadio? Qual a capacidade de adaptação da Lavoura local? Que lucrou o País com o dispêndio de importâncias enormes?

(Análise a um inquérito na pág. central)

ENSINO, DIVÓRCIO...

Um ministro (Veiga Simão) e um deputado (Sá Carneiro) preencheram lugar importante na actualidade portuguesa: o primeiro, anunciando e abrindo o debate em torno da Reforma Geral do Ensino. O segundo, pedindo em S. Bento a revisão da Concordata com a Santa Sé. De qualquer dos casos damos notícia e comentário.

(Pág. 3)

COMÉRCIO RETALHISTA

São dezenas de milhares os pequenos comerciantes alarmados com a concorrência de novos gigantes na venda a retalho. Tempo de transformações, de concentrações, de crise para um largo sector do comércio tradicional. Publicamos hoje o primeiro de uma série de inquéritos junto dos interessados e do público.

(Pág. 11)

OS TUPAMAROS

Pouco sabemos dos Tupamaros, nome porque é conhecida uma organização revolucionária uruguaia. Não sabemos nós, nem o Governo de Montevideo, nem a Polícia, nem a C. I. A. Por estranho que pareça... Do pouco que sabemos, damos conta na última página.



ASSIM VAI MUNDO

Experiência

A semana de quatro dias foi adoptada, pela primeira vez, na República Federal da Alemanha: Trata-se da firma de matérias plásticas «Eurocan», contando 280 operários e 100 empregados, dos quais 70% mulheres e 60% estrangeiros. De segunda a quinta, estes trabalhadores cumprem um horário de 37,5 a 40 horas, portanto 9 h. e 30 m. diários, com uma hora para almoço, contado em tempo de trabalho. Além disso, no sector de empregados, os horários são móveis: entrada entre as 7 e 8 horas da manhã e saída entre as 17.30 e 18.30.

Já nos Estados Unidos aconteceu que numa dúzia de firmas em que operários e empregados praticam a semana de 4 dias, se registou um aumento de produção de 12 a 26%.



país que mais tem sofrido com estas medidas. Por motivo dessas restrições em relação aos critérios, a Espanha reduziu para 50 por cento os quantitativos exportados.

Actualmente os espanhóis terão de suportar uma taxa de compensação de 3,80 dólares por cada 100 quilos de citrinos exportados. Na Alemanha estas diminuições influram imediatamente nos preços. A Associação de Consumidores da R. F. A. insurgiu-se contra o aumento dos preços de citrinos, motivados pela redução de quotas de exportação e aumento de direitos aduaneiros.

Coincidência ?

No mesmo dia (23 de Dezembro) em que o Governo boliviano libertou Régis Debray, Ciro Bustos e mais quatro bolivianos, o Governo peruano libertou Hugo Blanco, Héctor Bejar, Ricardo Gadea e mais nove peruanos, que cumpriam pena pelas suas actividades guerrilheiras, actividades que tiveram lugar há já alguns anos. (Hugo Blanco, por exemplo, estava preso há sete anos).

Esta coincidência faz pensar num gesto combinado pelos dois governos, boliviano e peruano. Para quê? Para obter o apoio, ou mais apoio, dos grupos revolucionários à política do «nacionalismo de esquerda»?

Trinta

As mulheres com mais de 30 anos têm dificuldade de arranjar trabalho na Alemanha. A oferta de trabalho fixa o «máximo de 30 anos», como condição em 19,3 por cento dos casos. Em apenas 10,5 por cento dos casos, surge para os trabalhadores femininos, a condição de não terem mais de 40 anos.

«Dez libras»

O Ministério do Trabalho inglês informou que 300 000 trabalhadores masculinos ganham menos de 15 libras por semana e perto de 600 000 mulheres ainda ganham somente 10 libras semanais.

Em contraste, os «quadros» britânicos eram bem pagos. O salário médio anual era de 3942 libras, tendo tido um aumento de 10,3 por cento durante o ano, o que ultrapassava consideravelmente a taxa de inflação.

Desemprego

A crise de desemprego mantém-se nos principais países capitalistas. Seiscentos mil trabalhadores estavam sem

trabalho, nos finais de 1970, na Inglaterra. O ano passado existiam 572 000 desempregados, na mesma época do ano. A situação nos Estados Unidos, é a mais grave desde há sete anos. A taxa de desemprego, da ordem dos 5,6 por cento, constitui uma decepção para os economistas do Governo dos Estados Unidos. Os «homens bons» previam uma importante diminuição de taxa de desemprego.

Estrangeiros

A imigração em França tem cada vez mais, um papel na vida económica. A imigração estrangeira contribui actualmente com perto de 50 por cento, no acréscimo anual da população francesa. A mão-de-obra estrangeira representa 20 por cento dos efectivos operários do sector industrial. Três milhões de estrangeiros, 6 por cento da população activa, estabeleceram-se em França. A

natalidade estrangeira contribui com 12 por cento, no número de nascimentos anuais.

Itália

Segundo uma pesquisa realizada pelo Conselho Nacional de Economia e do Trabalho, a 5011 dos 27 125 licenciados do ensino superior, no ano de 1965-66, escasseia o trabalho.

Assim, 7,6 por cento dos 5011 inquiridos encontravam-se desempregados ou à procura do primeiro emprego, 24 e 30 meses após a obtenção do diploma. A situação agravava-se para os licenciados em direito: 21,3 por cento não tinham emprego, enquanto no conjunto de engenheiros recém-formados, somente 3,7 por cento não se encontravam a trabalhar.

Dos novos licenciados, 13,6 por cento encontravam-se empregados na indústria privada e 67 por cento no sector público, onde a relação entre o tipo de diploma atribuído e o tipo de profissão oferecida, é de uma incoerência total. Dos jovens licenciados, 41,5 por cento acabavam inevitavelmente na carreira de professorado, dado o receio de não encontrarem emprego nas indústrias privadas.

Educação

«O exército, que tornou possível a Espanha em paz, a Espanha da concórdia, a Espanha de 18 de Julho, quer estar também na pri-



meira linha, nesta incruenta batalha contra a incultura, a falta de capacidade profissional, a desigualdade das oportunidades, para enfrentar a formosa aventura de viver num país dinâmico e seguro do seu próprio destino histórico». Afirmou muito recentemente, o Ministro de Trabalho espanhol, Licino de La Fuente. Um dia depois, o prof. Villar Palasi, ministro de Educação e Ciência, afirmou acerca da lei de Educação Geral Básica: «A Espanha inteira encontra-se embarcada na maior aventura que jamais se sonhou no que respeita à educação. Cumprir esta Lei é um dever que todos temos para com a Espanha e o Caudillo».

ASSIM VAMOS NÓS

Construções

Segundo o resultado do Censo de 1960, não considerando uma evolução muito acentuada do crescimento demográfico, seriam necessários na capital 115 071 fogos. Dado o ritmo da construção neste decénio de 1960-1970, nunca estas necessidades serão satisfeitas, ou na melhor das hipóteses, estarão absolutamente ultrapassadas antes da sua completa realização. Por outro lado, zonas vastas de Lisboa (Avenida de Ceuta, Segunda Circular, Avenida Marechal Gomes da Costa, e Avenida Gulbenkian e outras), somando quilómetros, encontram-se inexplicavelmente despoçadas de conjuntos habitacionais.

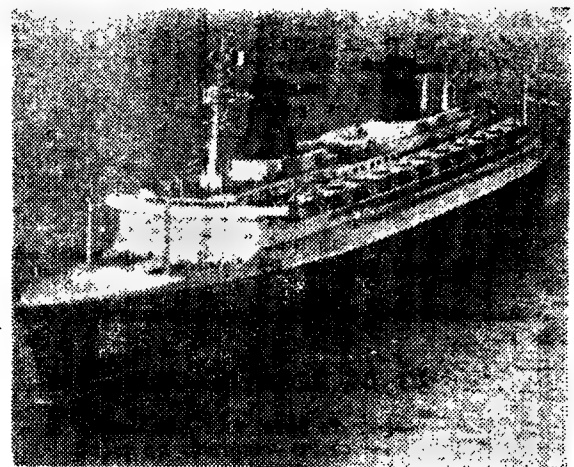


Aeródromo

Ao município de Vila Nova de Ourém acaba de ser concedido um subsídio de mil contos para a 1.ª fase da construção do aeródromo de Fátima. Está em curso o estudo definitivo do aeródromo que se pretende vir a servir os peregrinos estrangeiros.

Produtividade

No sector de plásticos, aumentou a produção média por estabelecimento e por operário. Em 12 anos, a produção por estabelecimento passou de 1222 contos a 5018, e a produção média por operário de 49 a 127 contos anuais.



Mão-de-obra

A falta de mão-de-obra, tema useiro na preocupação dos industriais portugueses, vem atingindo um sector até há pouco sem problemas deste género: a marinha comercial portuguesa já não seduz vocações. Assim, «umas vezes os barcos têm de esperar alguns dias, até completarem as tripulações; noutras têm de partir mesmo com pessoal a menos, por urgência de serviço». Os armadores e o Grémio, alarmados, procuram panaceias: em Março último, criaram a Comissão Nacional para o Estudo dos Problemas do Pessoal da Marinha de Comércio, na qual se preconiza, entre outras medidas, o aumento directo de salários e diversos benefícios de carácter social e de reestruturação do ensino profissional. Ir-se-á a tempo de equilibrar a mão-de-obra ou trata-se já de uma carência não sujeita a maré baixa?

Mármore

Também neste sector, a mão-de-obra levanta problemas. Os industriais de mármore de Estremoz, reunidos em assembleia extraordinária, consideraram de urgentíssima solução os seguintes problemas: celebração do contrato colectivo de trabalho, onde se vê a necessidade de ter em conta o aumento progressivo de salários; criação de incentivos à permanência dos trabalhadores nas diferentes empresas. Esta e outras matérias, que afectam os industriais dos mármore e de granitos da região, são expostas num relatório que se encontra em vias de conclusão.

Cerveja

Este ano, entre 2 e 28 de Maio, realiza-se, em Portugal, o Congresso da Convenção Europeia de Portugal, o Congresso da Convenção Europeia de em diversos pontos da Europa. As fábricas metropolitanas — C. U. F. P. e S. C. C. — têm já em curso trabalhos de investigação científica aplicada à indústria de cerveja. A indústria que, segundo um slogan publicitário, «dá de beber a um milhão de portugueses» busca meios, cada vez mais aperfeiçoados, de se fazer consumir...



Tema para um debate

HELENA NEVES

Ensino infantil: uma das muitas carências



Era manifesta entre nós a carência do ensino infantil. Bem o exprimiu a opinião pública, através de intervenções em jornais, em colóquios, em mesas-redondas, num autêntico movimento eminentemente feminino pró-reoficialização do ensino pré-primário.

Ainda recentemente, numa mesa-redonda sobre educação, efectuada num matutino, Maria Manuela Coutinho acentuava: «Há que começar pela base, isto é, pelo ensino pré-primário». Outro interveniente, o professor Fraústo da Silva, responsabilizava a reduzida eficácia

do ensino primário pelo alarmante rendimento interno do sistema educacional do ensino obrigatório, e concluía que «o problema da institucionalização do ensino pré-primário tem de ser equacionado no nosso País, elevando-o à categoria de ensino oficial».

A opinião pública manifestou-se, o ministro da Educação respondeu. Mas será com esta reforma que se atinge a institucionalização do ensino infantil?

Diz-se, no texto do Projecto do Sistema Escolar Português, que «se considera altamente aconselhável preceder o ensino bá-

sico de dois anos de educação pré-escolar». Portanto, não só se não sublinha a sua obrigatoriedade, como ainda se estabelece a dicotomia entre ensino infantil e «básico»... Mais adiante, lê-se: «...a preocupação primeira incide sobre os meios rurais e industriais, onde se deve incentivar a criação de jardins de infância, em estreita colaboração com outros Ministérios e entidades privadas». Se, por um lado, se advinha o intento de fixação de mão-de-obra nos meios de trabalho, por outro não se previne os perigos de deixar os deveres às entidades privadas, e até às oficiais, política que se tem revelado pouco fértil. Em 1957, por despacho do Subsecretariado da Assistência Social, promulgavam-se normas para os serviços de assistência materno-infantil «a serem observadas pelas empresas comerciais, industriais e rurais que empreguem 50, ou mais, mulheres», determinando que, «nessas empresas, sejam criadas, além de creches, jardins de infância para as crianças dos dois aos sete anos, onde será fornecida, pelo menos, uma refeição diária».

Mais tarde, por decreto-lei de 24 de Novembro de 1969, os termos ainda se aligeiravam mais: «...as entidades patronais que empreguem mão-de-obra feminina devem procurar criar, manter ou colaborar em obras de interesse social, nomeadamente infantários, jardins de infância e estabelecimentos semelhantes, quando a dimensão da empresa o justificar...». Como resultado desta política do «dever» (em relação às entidades patronais...), de 919 000 crianças com menos de 5 anos, apenas 9,4% eram abrangidas pela acção dos postos e dispensários materno-infantis, e Portugal continua com a menor relação jardins infantis/população registada na Europa.

Mas queremos ser optimistas: lógicas internas a certos países industrializados postulam a necessidade de ensino infantil, e a economia burguesa encara, cada vez mais, a despesa da educação como um investimento restituindo a sua rentabilidade social... obscurecendo o objecto da educação, que é, fundamentalmente, o de aumentar a capacidade intelectual do homem...

Não vamos, também, falar na ausência de infra-estruturas materiais e humanas. O ministro da Educação reconhece-as. O III Plano de Fomento (1968-1973) enuncia como objectivo promover o alargamento da rede escolar... segundo os melhores critérios de desenvolvimento regional da educação. Restam dois anos para se tornar esse esforço de alargamento visível. Em todo o Continente e Ilhas, existem 19 518 estabelecimentos, englobando todos os graus de ensino: infantil, primário,

normal. Isto parece-nos, em relação à população em idade escolar, menos que insuficiente

Inquérito

Além de imperativos internos, não duvidamos que a opinião pública agiu como um grupo de pressão firme, determinando muitos aspectos do actual Projecto de Ensino. Querendo contribuir para a «ampla discussão e análise pública», de que fala o prof. Veiga Simão, auscultamos a opinião de duas intervenientes de uma mesa-redonda aqui publicada, em que este tema foi largamente debatido.

Eugénia Moura, assistente social:

— Ensino pré-primário, sim. Mas para quando a sua efectivação? Quando poderá abranger a população mais carenciada e tornar-se gratuito? Não seria desejável ir programando a preparação do pessoal? Porque não aproveitar e formar em cursos intensivos o pessoal da própria região, que, uma vez em funções, seria enquadrado por técnicos de formação mais prolongada e responsável? E, no sentido de tornar o plano mais viável e económico, porque não aproveitar os locais das escolas primárias existentes, acrescentando um pavilhão prefabricado? Pensando nas condições em que vive a maioria das famílias portuguesas, seria extremamente útil a criação de cantinas escolares de que aproveitassem os alunos das escolas infantis e primárias. Mas será que as verbas do Estado chegam? Porque não começarmos uma campanha de mentalização no sentido de que o direito à educação é um direito de todos os

portugueses sem discriminação de classe, e os que têm de mais devem contribuir para que este direito se torne uma realidade?

Esmeralda Duarte, operária:

— Quando da extinção do ensino infantil, em 1937, esse encargo de educação passou para a Obra das Mães. Trinta e quatro anos depois, nada está feito. Acho importante para as mulheres trabalhadoras a criação do ensino infantil oficial. Isto sem falar na criança, que será a principal beneficiada. As dúvidas que ponho, parecem-me legítimas: onde se vão colocar as crianças em idade pré-escolar se nós nem temos escolas primárias suficientes? Quantos anos são necessários para preparar professores para um tipo de ensino tão delicado? Estarão eles dispostos a tal preparação, com os actuais ordenados? E quem acredita que as entidades privadas vão no conselho do ministro, criando jardins de infância?

nós escolhemos

Sá
Carneiro



Sá Carneiro, deputado, advogado católico, portuense, foi há dias apontado por um jornal da tarde como o «leader» do grupo liberal da Assembleia Nacional. Homem na casa dos 30, membro do Parlamento após as eleições de 69, o dr. Sá Carneiro militou nos grupos de intelectuais democratas-cristãos que, até à substituição governamental de Setembro de 1968 mantiveram uma posição crítica face ao Estado Novo. Após a tomada de posição de «um grupo de católicos» nas eleições presidenciais de 1958, após a carta e a saída do país do bispo do Porto, Salazar afirmou que a frente unida dos católicos em torno do regime se romperia. Os católicos liberais que nas eleições de 1969 acederam participar em lista pró-governamental (com Miller Guerra, Pinto Leite e o próprio Sá Carneiro à cabeça) e até alguns que (como Alcáide Baptista) participaram em listas de oposição à da União Nacional, esforçaram-se numa conjuntura diversa, por restaurar essa frente. Se o catolicismo pró-governamental anterior a 58 adquiriu um carácter marcadamente conservador, o actual significa a participação de uma pequena e de uma média burguesias (de quadros, médicos, advogados, engenheiros e profissionais dos serviços) num regime político-social que se reclama do desenvolvimento e do industrialismo. Digamos que essa participação convém a ambos os lados participantes e que radica no desenvolvimento das forças produtivas necessário à sobrevivência do modo de produção vigente em Portugal. Desde Setembro de 1968 que grupos sociais dotados de uma consciência de classe actualizada, moderna, participam do poder.

As mais recentes intervenções parlamentares do dr. Sá Carneiro tiveram por tema a «liberdade de imprensa» e a revisão da Concordata com a Santa Sé. Numa e noutra o deputado defendeu pontos de vista de uma burguesia radical, quase na tradição vintista, para utilizar um termo que o parlamentarismo monárquico pôs em circulação. A linguagem do deputado portuense atingiu uma contumácia que Pinto Leite, mais «político», teria evitado. Profissionalmente colocado em Lisboa, trabalhando na Câmara do Comércio Alemã, Pinto Leite estava talvez mais apto do que os seus sucessores a transaccionar com a maioria da A. N. P. as vitórias possíveis para o seu pequeno grupo. A menos que esse grupo esteja agora sobretudo interessado em dialogar com as forças da Oposição burguesa exteriores à Assembleia Nacional.

A.L. S.



Coisas importantes

Numa sessão anual (a segunda) ainda relativamente calma e que vive, como toda a nação, na expectativa de decisões tão importantes para todos como a revisão constitucional e a lei de imprensa e para lá mesmo do significado que envolve a discussão e votação da chamada lei de protecção ao cinema e teatro, anotemos uma intervenção, recente, do deputado portuense dr. Sá Carneiro. Referimo-nos àquela em que o objectivo caudaloso portuense pôs em causa os termos presentes da Concordata assinada entre o Governo português e a Santa Sé, cuja denúncia e revisão, no seu entender, se impõem.

Em causa, pois, um problema tão transcendente e delicado, numa sociedade tradicional e tradicionalista, como o do divórcio. Fiel à realidade concreta e ao rigor dos números e da própria lei, o deputado Sá Carneiro, que não nos custa admitir como dos mais capazes e interessados «representantes do eleitor» entre os que se encontram no Palácio de S. Bento, pôs o dedo na ferida (do pro-

blema objectivo: não se compreende que alguns portugueses se possam divorciar e outros não. Por outro lado, sendo o casamento religioso-católico uma instituição nacional, oficial e oficiosa (como a própria religião de que depende) é visível e evidente que a maior percentagem de casamentos realizados no País são católicos. Daí, também, uma percentagem maior de erros possíveis. E, em resultado, um número maior de situações, de facto, imorais, irrecuperáveis, desumanas: os lares desfeitos, os esposos separados, os filhos sem situação prática definida, as chamadas ligações ilícitas e que não podem ser legalizadas. Como se sabe, o divórcio é possível para os casamentos civis, aliás admitidos por lei.

Estes os factos objectivos apontados pelo deputado Sá Carneiro, e que restam apesar de todas as contradições: há milhares de católicos obrigados a viver em situação ilegítima e que, reconhecido o erro ou fracasso de uma ligação, tiveram a coragem de uma decisão difícil. E nem por isso terão

nem portugueses. Tenha quem pode a coragem e o saber de enfrentar a realidade com semelhante coragem e objectividade. Os tempos são outros, outras são as mentalidades. Mas o homem continua.

A. P. da S.

& etc...

Reaparece no dia 24, fresquinho e em força. Escreva um postal ao «Jornal do Fundão» e receberá gratuitamente um exemplar. Depois, pode assiná-lo (é barato): 60\$00 por ano. Também o pode comprar na Tabacaria Mónico do Rossio e na Livraria Quadrante. Vale a pena, & etc... é o magazine cultural mas não muito do «Jornal do Fundão».

O programa da SEDES

Em entrevista concedida ao diário «Madrid», o dr. Ataíde Ferreira, membro designado do Conselho Coordenador da SEDES, fez declarações importantes para um princípio de definição do programa e âmbito da referida associação. «Nem partido político nem associação católica» — afirmou — mas, «fundamentalmente um grupo de estudo, ainda que esta designação pouco signifique. Na realidade pensamos que o esclarecimento é inseparável da acção e que uma profunda transformação social e a evolução tecnológica só é possível com uma ampla participação popular e a promoção das pessoas».

QUEM FAZ PARTE

«No grupo de fundadores» — referiu também o dr. Ataíde Ferreira ao nosso camarada madrileno — «predominam os quadros médios e técnicos, tanto da Administração Pública como do sector privado — geralmente com formação universitária. Contamos também com quadros docentes, estudantes, sindicais, profissões liberais e qua-

dro da administração de empresas. Esta visão física da Associação será, naturalmente, modificada em curto prazo, com a adesão de outros sectores profissionais ainda pouco representados».

OS OBJECTIVOS

Em determinada altura, afirmou o entrevistado: «Os nossos objectivos são orientadores: a obtenção de níveis elevados de desenvolvimento técnico, económico e cultural no País e a correspondente satisfação das necessidades individuais e colectivas; a definição dos esquemas de participação activa das populações, através de estruturas pluralistas, na construção e gestão da comunidade económica, social e política, a obtenção de iguais oportunidades económicas e culturais para todo o povo e o desaparecimento de grupos sociais privilegiados; a organização de estruturas que permitam uma ampla e livre expressão das capacidades criadoras individuais, embora condicionada pelos limites da vida em sociedade; a colaboração activa da comunidade nacional na



Muitos problemas por solucionar

construção e funcionamento da ordem internacional. A Igreja e a Assembleia expõem por certo, as reflexões que a SEDES divulgue sobre as matérias que tenha examinado».

REFORMAS SOCIAIS

Depois de responder que a nova Associação não tem planos concretos, ainda, no que respeita à política ultramarina, desenvolvimento político, lei de imprensa, reforma social, relações com a Europa em geral e com a Espanha, o dr. Ataíde Ferreira respondeu assim à pergunta: Que reformas sociais e políticas consideramos possíveis no Portugal de hoje?

«Consideramos necessárias e urgentes as transformações sociais e económicas, que terão incidências políticas ineludíveis.

«No documento básico da SEDES estabelecemos como áreas prioritárias para o progresso social as seguintes:

«Sistemas de planeamento capazes de assegurar uma maior racionalidade no processo do desenvolvimento, e a participação das massas e seus representantes na eleição das grandes opções nacionais.

«Democratização autêntica, quantitativa e qualitativa de um sistema de ensino adequado às necessidades de educação permanente de toda a população.

«Desenvolvimento global e generalizado do espírito científico em todos os domínios da vida socioeconómica, como forma essencial de superar a ignorância e o subdesenvolvimento.

«Fomento de todas as formas de associação que contribuam para o dinamismo e equilíbrio das estruturas sociais, com especial relevo para os movimentos sindicais e cooperativos, criando assim processos de participação baseados em novas relações de produção e consumo.

«Reestruturação dos grandes ramos da actividade, com base em formas mais eficientes de promoção e controlo social.

«Revisão do sistema fiscal, de modo a assegurar uma mais equitativa distribuição dos rendimentos, contribuindo assim para a obtenção de

mento das actividades económicas e dos centros urbanos e rurais (desenvolvimento regional, planeamento urbanístico, equipamento rural, política de solos).

«Políticas gerais de progresso por meio de uma actuação coerente noutros aspectos destacados para a concretização do desenvolvimento económico e suas potencialidades de transformação social e cultural (políticas de cultura, de ciência e tecnologia, de investimentos, de consumo).

REACÇÕES

Acerca da maneira como foi recebida, no país e no estrangeiro, a constituição da SEDES, afirmou, entre outras coisas, o dr. Ataíde Ferreira:

«De um modo geral, o acolhimento foi positivo (...) Há que assinalar também posições desfavoráveis. Alguns jornais de «direita» publicaram comentários hostis, considerando a SEDES como uma organização subversiva.

A nível pessoal e no âmbito das minhas relações creio que existe uma enorme confusão no que respeita a esta Associação. Por outro lado, num país que tem imensa fome de Associações políticas é natural que se pretenda ver na SEDES um grupo político, esquecendo que, dada a estrutura pluralista da sua composição e a ausência de um estatuto doutrinário, aquele não teria sentido».



DIA E DATA
100% IMPERMEÁVEL
AUTOMÁTICO
CALENDARIO
INCABLOC
RESISTENTE

Mudança de data ultra-rápida

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

AKAI

SÍMBOLO DA TÉCNICA EM:

• alta-fidelidade

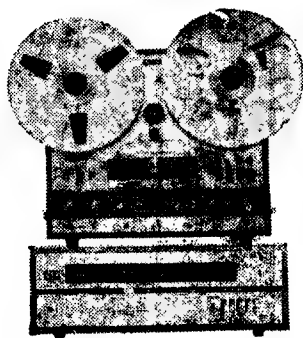
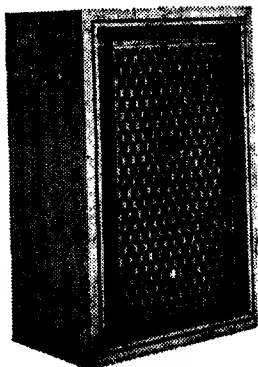
• gravadores de som

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:



Ondex-Representações Electrónicas, Lda

Reserva e exposição CAMPO DAS VELHAS 39 A 42 TEL. 864796 (2)
SERV. TÉCNICOS ARCO DE JESUS 2 TEL. 861517 - LISBOA 2



tem
a
palavra
o leitor

Uma sugestão política

«Acerca do problema constitucional da eleição do Chefe do Estado, que vem sendo tratado nesse jornal, permita V. lhe apresente uma solução que julgo combinar as razões da eleição directa pelos cidadãos com a indicação dos candidatos a serem submetidos àquela eleição, sem qualquer intervenção directa de partidos.

«A Assembleia Nacional dos deputados, um terço em numero igual por distrito e dois terços em numero proporcional às populações dividir-se-iam em duas secções eleitorais de igual numero de membros, por sorteio de numeros pares e impares; cada secção elegeria sucessivamente um candidato diferente e as minorias de ambas as secções elegeriam o terceiro.

«Estes três candidatos seriam submetidos, em lista unica, à eleição directa dos cidadãos, que riscariam na lista quem não quisessem eleitos.

«Por este processo, simples e que julgo inédito, licariam normalmente os candidatos extremistas em desvantagem sobre o candidato que saiba conjugar os objectivos daqueles com o interesse nacional.

«Esta a opinião de um velho liberal de 80 anos, em face das experiências já realizadas em Portugal e das que conhece do estrangeiro.»

JOAQUIM LUNA DE CARVALHO

MIRAGENS DA MINHA TERRA—3

Cooperativa
de espectadores

Em 1960 a empresa exploradora do cinema em S. Pedro do Sul fechou as suas portas. O negócio (diziam os seus responsáveis — e parece que com verdade) não dava pró petróleo, e pior do que isso punha em risco a própria candeia. Ora, quem exerce uma actividade com intuitos lucrativos, abandona-a, se lhe não vê jeitos de ganho.

Simplemente para uma vila (zinha) com fumaças de evoluida (!) o encerramento da sua casa de espectáculos, aberta desde 1926, foi considerado como um claro sintoma de marcha a ré. E a verdade é que ninguém gosta de andar para trás, mesmo quando anda (a não ser uma ou outra «avis rara» desligado de todo o movimento progressivo da própria vida).

Face a esta realidade (e até para que se não dissesse) tornou-se quase, um ponto de honra, salvar o cinema. E o cinema salvou-se. Não atacando as verdadeiras razões da crise, mas procurando dentro das condições concretas, superá-las, pelo menos, imediatamente.

(Depois, atacar a Crise via S. Pedro do Sul, só por graça!)

Formou-se uma espécie de sociedade (anónima? por quotas? — assim uma coisa): cada um entrou com x — mil, dois mil e até mais escudos; comprou-se a máquina; alugou-se a sala, elegeu-se uma direcção e a coisa continuou até ao presente. Mera situação de facto.

Durante o primeiro e segundo ano ainda se procurou atingir o lucro. Depois, progressivamente, a orientação foi mudando e a linha passou a ser: o cinema como um meio de promoção sociocultural num ambiente rural e, mais do que o lucro, interessava não ter prejuízo.

A programação foi-se alterando e as pessoas de toda a região tiveram oportunidade de ver filmes tais como «Faraó»; «8 1/2 de Fellini»; «O Evangelho Segundo S. Mateus»; «Mergulho no Passado»; «Blow up»; «Samurai»; «O Acidente», etc.

E podemos acrescentar que, para uma programação de 52 sessões (domingos) o ano passado (1970) foram escolhidos, entre outros, os seguintes filmes: «Quem tem medo de Virgínia Woolf»; «Este Difícil Amor»; «Canhões para S. Sebastian»; «Divórcio à Italiana»; «As Feiticeiras»; «O Presidiário»; «Johnny Renno»; «Petulia»; «Al Capone»; «A Raposa»; «Os Ossos do Ofício»; «Sandálias do Pescador»; «Pânico nas Ruas»; «Presa Humana»; «O Estrangeiro»; «O Detectives»; «Beau Geste»; «Bony e Clyde»; «5 Anos Depois»; «Bulit»; «Grau de Destruição»; «A Festa»; «A Sangue Frio»; «Cortina Rasgada»; «O Homem da Cabeça Rapada»; «O Sako»; «Raquel... Raquel»; «Caçador de Escalpes», etc.

Claro que não se trata de uma programação de cineclube nem tal se pretendeu. Mas supomos poder afirmar que se procurou dar cinema de qualidade a um público que não sabia ver outra coisa que não fosse «pum... pum... a gaja é minha».

Dada esta nova orientação a bilheteira, a princípio, ressentiu-se. Foi preciso criar um novo público. E esse público só podia ser de jovens, pois que, a maior parte dos velhos se tornou irreversível. Simplesmente os jovens não estão cá. E, por outro lado, não podíamos fugir ao decréscimo geral da frequência ao cinema nos últimos anos (600 000 espectadores a menos em 1969).

Este condicionalismo, fez-nos encarar, seriamente, a hipótese de transformar a sociedade irregular, até aqui existente, e onde apenas os economicamente mais desafogados têm participação, numa cooperativa de espectadores, à qual toda a gente, pudesse pertencer.

E esta ideia afigura-se-nos de fácil realização prática, através de um expediente técnico-jurídico muito simples. Assim: criar-se-iam duas categorias de sócios. Uns denominar-se-iam de benfeitores (por exemplo) e outros de efectivos. Os benfeitores, além de uma quota inicial, pagariam uma quota mensal (tudo coisa de pouca monta). Os efectivos pagariam apenas uma quota inicial simbólica: 5\$00 ou menos. Toda a gente deverá ser sócio efectivo.

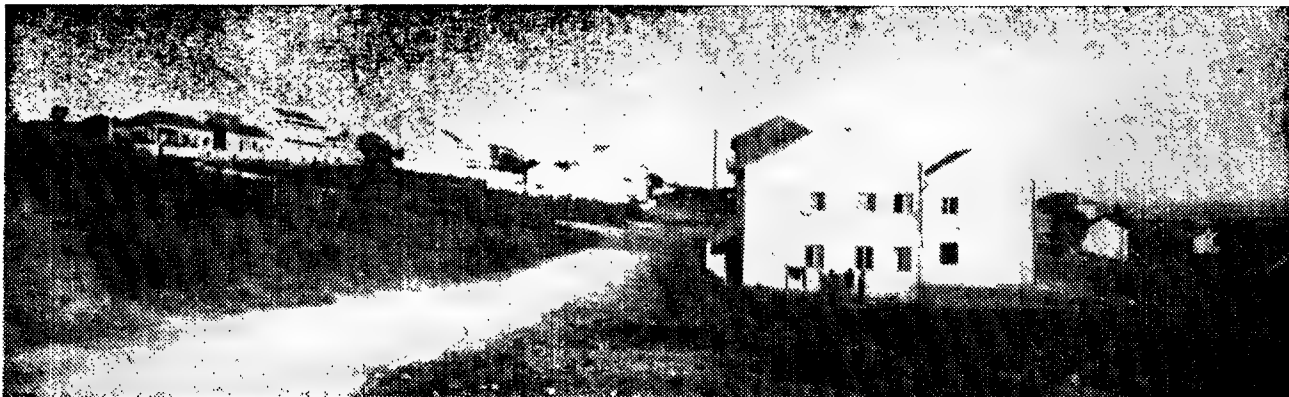
Isto feito, à entrada, cada um adquire um bilhete de ingresso, a preço reduzido. O resto é o funcionamento normal das cooperativas, com uma ou outra especialidade para se atender ao fim em vista.

Esta cooperativa como cooperativa de consumo que é (de bens espirituais ou culturais, ou lá o que for, mas bens que se consomem) está isenta de todos os impostos nos termos do n.º 10 do art.º 14 do Código das Contribuições e Impostos, combinado com o art.º 223 do Código Comercial. Nem se diga que só as cooperativas de consumo de bens materiais beneficiam de tal isenção. Com efeito «nem só de pão vive o homem...» e considerar os bens culturais bens de luxo assenta num pré-juízo obscurantista que há muito julgamos ter sido ultrapassado.

Porque esta experiência suscitou bastante interesse a quando da realização do II Encontro Nacional de Cinema realizado no Porto, a trazemos ao conhecimento do grande público. Se for boa, não a queremos só para nós.

JAIME GRALHEIRO

Ronda dos "dormitórios" de Lisboa

Bairro do Bom Sucesso:
com jeito de morro...

O Bairro do Bom Sucesso encavalita-se pelo monte de Alverca. A quem o vê, cá de longe, dá-se ares de coisa legal: uma paisagem um pouco sombria, de imóveis de dois a três andares. Mas ao r- gulharmos lá dentro, o bairro ganha fisionomia de morro, fogos sem esgotos, espalhados pela lama quebrada por tijolos e pedras. Em cada prédio, uma média de oito famílias. Em cada família, seis a oito pessoas vivendo em três divisões exíguas e uma casa de banho amíude sem janela. Vindas na maioria da província, as populações incrustaram-se no monte e o crescimento do bairro deu-se natural e inevitavelmente. Nos campos, de onde a ninguém os expulsou, as condições de vida eram más. Daí a sua indiferença às carências do bairro, à ausência do equipamento social mínimo.

— Mas lá porque na terra não vivíamos bem, não quer dizer que a gente não vá abrindo os olhos — diz, no seu sotaque alentejano, Maria Francisca António. — Há 12 anos que cá estou nesta ilha de sumiço. Alentejanos somos quase todos: nesta imensidão, haverá para aí uns vinte mesmo de Alverca. Os nossos homens lá vão convertendo algumas coisas, mas tomara eles o domingo, para descansar as costas. O meu homem é operário e os das outras também!

Apontando num gesto largo as mulheres que nos rodeiam na loja, pomposamente chamada «supermercado», a Francisca António dá a deixa a outra patriciá, Henriqueta C... Maximino:

— Sabe lá a gente, os milhares que cá vivem! Eu ainda fui das beneficiadas. Estou cá há 14 anos, pago 240 escudos mas tenho para mim, o marido e dois filhos, um quarto e uma cozinha. Isto foi julgado clandestino, mas eles continuam a levantar casas, sem jeito, aqui e acolá. As mais baratas são a 600 escudos e há cá algumas a 900. Vem a vistoria, vê que as casas não têm condições, mas com o pagamento de multas fica logo tudo óptimo. Como é que é afinal?

NECESSIDADES
PREMENTES

— Um telefone público é que a gente precisava. Acontece qualquer coisa de repente e então? Vamos por aí, em corrida até Alverca? De semana ainda há transportes não muito frequentes. Ao domingo param às 18 horas. Nem licença temos para espalhar um pouco!

— E então as ruas arranjadas, não é tão preciso? — lembra outra voz.

— E os esgotos? Os esgotos é que é o principal — acode, com aplauso, a Henriqueta Maximino. — Não podemos andar atrás das crianças, que andam a meias com as fossas de lixos e de porcaria. No Verão, então é um problema. Um cheiro terrível e bicharrada por todos os lados! Por isso, os miudos andam sempre doentes e com febres infecciosas. Ainda no ano passado, morreu um catraio.

— E a gente não vê jeitos de se porem esgotos. Como o bairro clandestino, a Camara não quer saber das nossas necessidades. — Fernanda Catarino agita os dois filhos, que pendurados nas saias fazem do pasmo, silêncio.

— Pago 700 escudos e o meu marido, operário na Fábrica da Cerveja, recebe 2600\$00. Viemos de Castelo Branco para Lisboa. Depois soubemos deste bairro. Bem nos preveniram que era clandestino, sem ruas, sem limpeza, sem esgotos. Mas para onde havíamos nós de ir?

UM HOMEM SO

É o Joaquim da Silva, porteiro nocturno nos Nitratos: 2850\$00 para uma renda de 310 escudos, três filhas e mulher. No rosto, as horas de vigília. No rosto, o sono roubado à manhã em que limpa a fo — Tudo se entope. O cheiro empestia. O senhorio não quer saber. Quer é dinheiro e a gente que se arranja.

H. N.

ARMANDO CASTRO

O que é
A INFLAÇÃO
(Porque sobem os preços)

2.ª EDIÇÃO — 8.ª MILHAR

NO ÍNDICE:

A subida ininterrupta dos preços ■ características da subida dos preços ■ factores susceptíveis de fazer variar os preços ■ como opera a desvalorização monetária ■ a elevação dos salários ■ consequências económicas e sociais da inflação, etc.

Volume de 208 páginas — 45\$00

OUTRO LANÇAMENTO IMPORTANTE:

O TRIUNFO

(Romance da diplomacia moderna)

de JOHN KENNETH GALBRAITH,

um livro saboroso e mordaz, crónica de uma revolução num país da América Latina

Volume de 272 páginas — 50\$00

Estas obras estão à venda nas Livrarias, e são distribuídas pela

LIVRARIA QUADRANTE
Avenida Luís Bivar, 85-C — LISBOA



Av. Duque d'Ávila, 69, 1.ª-E. — LISBOA



Contrastes num bairro «clandestino»

Irrigação do Alentejo: I

JOSÉ JOÃO LOUR

Num inquérito feito junto de 140 proprietários dos mais beneficiados com o Plano de Rega de Mira, os Serviços de Promoção Comunitária, da Direcção-Geral da Assistência, verificaram um grau elevado de analfabetismo (67,9 por cento dos proprietários não tinham qualquer grau de instrução), aspirações de instrução dos filhos de pequenos proprietários comprometida pela sua baixa capacidade económica, a existência dum terço de proprietários nunca tendo saído dos limites do concelho, baixos índices de audição radiofónica (16 por cento) e de leitura de jornais (13 por cento). Estes dados permitem verificar que a maioria dos proprietários, mesmo com mais de 200 hectares, beneficiados com o Plano de Rega de Mira, não estavam em condições culturais de se adaptarem ao processo de mudança económico-social que lhes era exigido, mantendo um baixo índice de mecanização agrícola, o repúdio de fertilizantes e de pesticidas, independentemente da dimensão económica da sua empresa.

Até onde uma solução económica (regadio ou outra), pode promover realmente as populações duma região? A esta questão parece querer responder José Luz Carvalho em «Instrução e Mudança Social — Resultados de um inquérito aos proprietários do perímetro de Rega de Mira» — publicado muito recentemente pela D. G. A. — Gabinete de Estudos Sociais.

O trabalho revela uma exemplar preocupação, em constatar objectivamente, não só as condições culturais actuais dos principais beneficiados pelo Plano de Rega, incluído no II Plano de Fomento, mas até a impossibilidade de criar uma política de fomento hidroagrícola pela simples realização de obras de rega:

«Como saldo — afirma o autor — temos na área, de momento, um aproveitamento em regadio que não atinge, 4 por cento, dos 12 519 hectares previstos, para quando da ocupação completa de todo o perímetro por culturas desse género».

AS JUSTIFICAÇÕES CULTURAIS

A falta de empenhamento dos proprietários abrangidos pelo Plano de Rega no aproveitamento dos benefícios da água, e a necessidade de garantir o investimento realizado levaram à constituição de uma equipa de Promoção Social Comunitária da D. G. A. Pretende-se, como trabalho base, realizar uma sondagem de que o autor fornece alguns dados e procura tirar certas conclusões. Fundamentalmente procurou-se sondar as justificações culturais, «aspectos que se prendem ao baixo nível cultural e de instrução de zona, e do que tal situação representa de condicionamento ao progresso agrícola».

Para um conjunto de 414 proprietários, o estudo son-

dou 140, incidindo especialmente nos proprietários com mais de 10 hectares.

Na amostra constata-se uma preocupação de auscultar a grande maioria dos grandes e médios proprietários: 50 por cento dos proprietários entre 10 e 50 hectares, 60 por cento dos proprietários entre 50 e 200 hectares e 75 por cento dos proprietários com mais de 200 hectares foram sondados. Inversamente entre os proprietários com menos de 10 hectares e mais de 5 hectares, apenas 30 por cento foram sondados, e entre os pequenos proprietários, com menos de 5 hectares, 19 por cento foram contactados.

Em síntese, para os 258 beneficiados com menos de 10 hectares, foram ouvidos apenas 55 proprietários, enquanto para os 156 beneficiados com mais de 10 hectares, foram ouvidos 85 beneficiados (54 por cento).

Esta incidência da amostra, parece mostrar uma preocupação dos autores do inquérito, em estudar mais detalhadamente ou quase completamente, o nível cultural dos principais proprietários.

DISTRIBUIÇÃO DA PROPRIEDADE

Acompanhando o estudo de José Luz Carvalho, é importante realçar primeiramente a distribuição da propriedade.

O perímetro de rega de Mira, veio, apenas, beneficiar o concelho de Odemira (14 por cento da área do concelho). São beneficiadas as freguesias de Odemira, S. Teotónio e Odeceixe.

Da área abrangida, apenas 52 por cento é considerada como efectivamente beneficiada. Em relação a isto, José Luz Carvalho, frisa:

«A área votada ao regadio, não tem a favorecida uma aptidão de solos,

da categoria que seria de desejar. Assim, só 1,6 por cento dos solos são considerados como aptidão de 1.ª classe para o regadio. Sendo respectivamente 42,7 por cento e 52 por cento de 2.ª e 3.ª classes.

— Cinquenta e um por cento da superfície total do perímetro, ocupando uma área de 11 955 hectares, encontrava-se distribuída no cadastro do concelho, por 24 propriedades, representando 4 por cento do total.»

O autor não faz, mas seria talvez importante, uma comparação entre os proprietários beneficiados, e a estrutura da propriedade segundo o cadastro. De qualquer modo uma primeira imagem, dá-nos a ideia de que se tem processado uma concentração de propriedade, que seria importante verificar.

O «universo» dos proprietários beneficiados já uma ideia da distribuição dos benefícios:

Escalões de propriedade (ha)	Número de proprietários beneficiados
Até 5	202
de 5 a 10	56
de 10 a 50	104
de 50 a 200	40
mais de 200	12

Quanto às formas de exploração na área, o autor confirma um elevado grau de absentismo entre os proprietários beneficiados: cerca de 30 por cento das propriedades estão arrendadas, total ou parcialmente. Quarenta por cento das propriedades são exploradas por conta própria. A

parceria ronda os 30 por cento.

Outro dado realçado no estudo e que pode explicar, as dificuldades de aprendizagem cultural é o grau de dispersão de população:

«Setenta e oito por cento da população situa-se em pequenos núcleos dispersos ou em fogos isolados.»

No caso da amostra considerada, 70 por cento dos proprietários viviam isolados ou em pequenos núcleos, o que confirma dificuldades em relação à criação de um sistema escolar eficiente. O autor, antes de entrar no domínio do inqué-

rito adverte, ainda, que se «está em presença de uma zona onde quase tudo o que se pretende, em matéria de reconversão é novo» frisando que em «apenas um por cento da área do perímetro se podiam realizar culturas de regadio.»

INSTRUÇÃO:
67,9 por cento
dos proprietários
não possui qualquer
grau de instrução

A situação em Mira mostrou-se mais aguda do que faria prever o X Recensea-

mento Geral da População. No concelho de Odemira o autor tinha detectado uma situação do seguinte teor:

«— 68,3 por cento da população não possui qualquer grau de instrução;

— 31,7 por cento da população possui ou frequenta um grau de ensino e destes 1,4 por cento frequentam um curso secundário superior.»

A realidade-inquérito deu dados mais graves e o autor não esconde a sua estupefacção. Para uma amostra onde predominavam, como vimos, os médios e grandes proprietários (54



Barragem Marcello Caetano, no Rio Mira: aproveitados os melhores terrenos de



Análise conjuntural da ec

Na revista «Informação e Management», editada mensalmente por «Norma, S. A. R. L.», foi publicado, no número de Novembro de 1970, um estudo objectivo e sintético acerca da evolução conjuntural da economia portuguesa, no período compreendido entre Janeiro e Agosto do ano passado. Aqui o reproduzimos, com excepção de alguns quadros, cujos elementos estão implícitos no texto.

EVOLUÇÃO GERAL ATÉ AGOSTO

1—O sector agrícola apresentou até ao momento uma evolução desfavorável na maioria das culturas, nomeadamente nas de cereais praganosos, com excepção do trigo e do milho.

Relativamente à colheita anterior e à média do último decénio, são de antever baixas apreciações nas produções de centeio, fava e feijão. Contudo, a produção de trigo é estimada em 516

milhares de toneladas, valor que excede em 14 % a do ano anterior e se situa muito próximo da média do último decénio.

O milho e a batata, em regime de regadio, prometem rendimentos superiores, não só aos do ano passado, mas também à média do último decénio. O mesmo se prevê venha acontecer em relação ao milho de sequeiro e ao arroz.

Quanto às culturas hortícolas, especialmente tomate e pimento, são de esperar boas co-

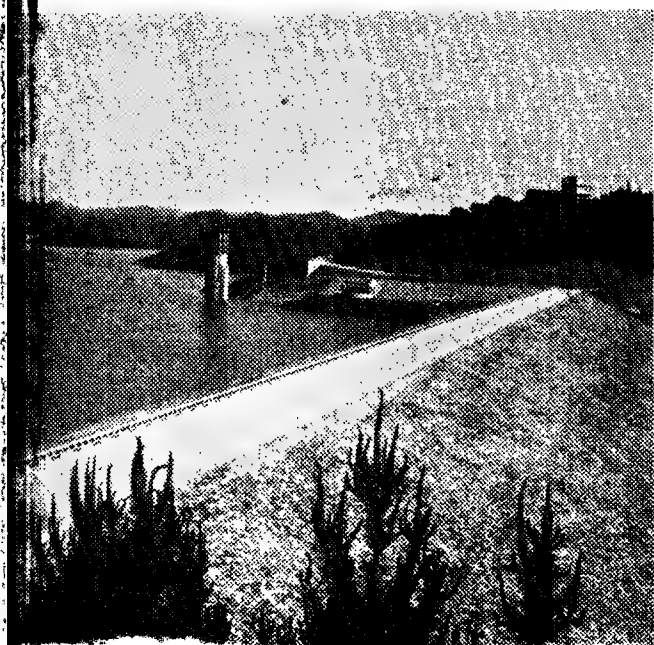
lheitas, tendo em conta a ausência de chuvas no período de maturação.

A produção de vinho deve situar-se a um nível ligeiramente superior ao do ano transacto, embora inferior à média do decénio 1960-69. No azeite, a produção prevista para a actual campanha ultrapassa em 15 % a anterior e é ainda superior ao valor médio da última década.

O gado abatido no período Janeiro-Julho totalizou 85 106 toneladas (peso limpo), o que corres-

benefícios limitados

LOURO



anos de regadio?

por cento dos proprietários com mais de 10 hectares) os níveis de instrução foram pouco elevados. «Dirigindo-se o inquérito apenas a proprietários tínhamos a expectativa de encontrar níveis de instrução mais elevados do que na realidade se detectaram.

A leitura do gráfico 1 permite observar que:

— 67,9 por cento dos proprietários não possui qualquer grau de instrução;

— só 32,1 por cento possui um grau de ensino. Destes, só 1,4 por cento frequentou um curso superior;

PROPRIETÁRIOS COM MENOS DE 50 HECTARES:

75,9 por cento sem qualquer grau de instrução

Entre os proprietários com mais de 50 hectares, 63 por cento dos quais foram sondados, o inquérito deu os seguintes elementos:

— 40,6 por cento sem qualquer grau de instrução;

— 40,6 por cento com um grau de instrução primária;

— 15,6 por cento fre-

quentaram ou concluíram o ensino secundário;

— 3,2 por cento frequentaram ou concluíram o ensino superior.

A percentagem aqui, ainda pode dar uma imagem ilusória, vale a pena ver a situação da amostra real, que neste caso, é muito mais objectiva e muito mais clara. Das percentagens fornecidas, podemos concluir que em 33 proprietários beneficiários inquiridos (havia só 52 com mais de 50 hectares) temos os seguintes quantitativos para os níveis secundários e superiores de instrução:

— 5 proprietários frequentaram ou concluíram o ensino secundário;

— Um proprietário frequentara ou concluiu o ensino superior.

Entre os proprietários com menos de 50 hectares (e aqui a amostra, não é equilibrada) «encontramos uma situação na verdade alarmante:

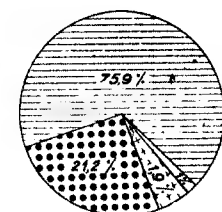
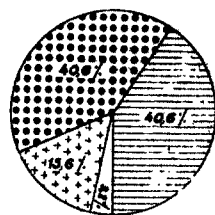
— 75,9 por cento não possui qualquer grau de instrução;

— Apenas 2,9 por cento frequentaram ou concluíram o ensino secundário e superior.

Estes 2,9 por cento, da amostra considerada entre proprietários com menos de 50 hectares representam apenas 3 proprietários entre 107 considerados. Vale a pena realçar que, destes 107, cerca de metade, 52, eram proprietários entre 10 e 50 hectares.

O quadro IV resume a situação e permite verificar, não só uma situação diferente, de freguesia para freguesia, (a pior é a de S. Teotónio, a melhor a de Odeceixe, mas também estabelece uma correlação entre níveis de instrução e dispersão da população.

Nesse sentido o autor depreende que a maioria dos proprietários sem qualquer grau de instrução, vive isolada. Em contraste os proprietários com grande ins-



trução, vive na sua maioria, em núcleos populacionais.

O fenómeno da falta de instrução era válido em todas as idades, mesmo entre a população jovem.

Entre os 31 e 40 anos por exemplo há 14 proprietários em 24 sem qualquer grau de instrução; entre os 41 e 50 existem 23 em 35 proprietários na mesma situação.

ATITUDES DOS PAIS

Esta manutenção de situação, põe o problema da atitude dos pais: o autor chegou à conclusão a partir de dados dos inquéritos de que «há um esforço

maior por parte dos pequenos proprietários em relação aos médios, no sentido de levar à escola maior número de filhos (...) mas que esta aspiração é comprometida pela pouca capacidade económica visto que é baixíssima, 3,3 por cento, a percentagem de filhos no ensino secundário e nula no superior».

Em oposição para os médios proprietários, o autor encontra «a imagem de não necessidade de cultura para exploração da terra» e elevadas percentagens de filhos sem qualquer grau de instrução:

— 33 por cento para proprietários de 10 a 50 hectares.

— 39,3 por cento para proprietários de 50 a 200 hectares

E o autor adverte, após análise sistemática de diversas informações:

«Estamos a assistir à fuga dos elementos mais valorizados pelo ensino do exercício de funções directamente ligadas às terras, arrendando-as ou vendendo-as».

34 POR CENTO NUNCA SAÍRAM DO CONCELHO

Os proprietários inquiridos não tinham normalmente acesso a outros meios de informação:

«A audição radiotónica tem uma frequência diária que apenas atinge os 16 por cento, a Televisão 6 por cento e a leitura dos jornais atinge apenas 13 por cento.

— a frequência dos espectáculos é quase nula — 34,4 por cento dos

proprietários inquiridos nunca tinham saído do concelho (dez dos quais dominavam áreas superiores a 50 hectares).

— dos 96 filhos destes proprietários, 38 não tinham qualquer grau de instrução».

É claro que este panorama se fará reflectir no domínio do progresso agrícola. Assim, 50 por cento dos proprietários estavam convencidos que os processos tradicionais «ainda são os melhores processos de trabalhar a terra».

AS CONCLUSÕES

O autor não levou em conta as condições económicas de cada proprietário, a falta de capital para investir e a falta de dimensão das propriedades. Mas é evidente, que estes dados sobre a situação cultural dos beneficiários do Plano de Rega de Mira, são importantes, para explicar a «não capacidade de resposta aos problemas que se levantam na área em que se desejam fortes mudanças».

O autor propõe depois um plano de educação dos proprietários. Todavia, o romper aqui, isoladamente, o lançar largos investimentos, na educação duma população restrita (o grupo dos proprietários beneficiários com o plano de Rega de Mira), parece-nos tão utópico, como investir largamente num Plano de Rega, uma zona onde, segundo o autor, apenas «1,6 por cento dos solos são considerados de 1.ª classe para o regadio». Ansiamos por, daqui a dez anos, conhecermos os resultados da «resposta válida para a problemática da mudança social».

economia portuguesa (1)

ponde a uma quebra de 7 % em relação a período homólogo de 1969.

A pesca descarregada nos primeiros cinco meses atingiu 94 337 toneladas que renderam 708 072 contos. Em comparação com idêntico período de 1969, estes valores representam incrementos de 3,6 % e 6,7 %, respectivamente, correspondendo a uma sensível tendência alista do preço médio.

2—Segundo os índices da Associação Industrial Portuguesa, (a produção das indústrias transformadoras apresentou no I trimestre uma aceleração do ritmo de crescimento, relativamente ao trimestre anterior. Com efeito, entre estes dois períodos verificou-se um incremento de 3,7 %, superior ao verificado do III para o IV trimestre de 1969 (2,9 %). A expansão ob-

servada ultrapassou sensivelmente a taxa de progressão média trimestral relativa ao decénio 1960-69 (2,7 %).

Todas as actividades transformadoras tiveram comportamento positivo, à excepção das indústrias químicas que registaram uma quebra de 3,3 %. Os maiores acréscimos verificaram-se nos ramos dos produtos minerais não metálicos (4,9 %), metalúrgicas e metalomecânicas (8,5 %) e transformadoras diversas (4,4 %).

As indústrias extractivas acusaram no I trimestre comparativamente ao anterior, uma quebra de (4,4 %).

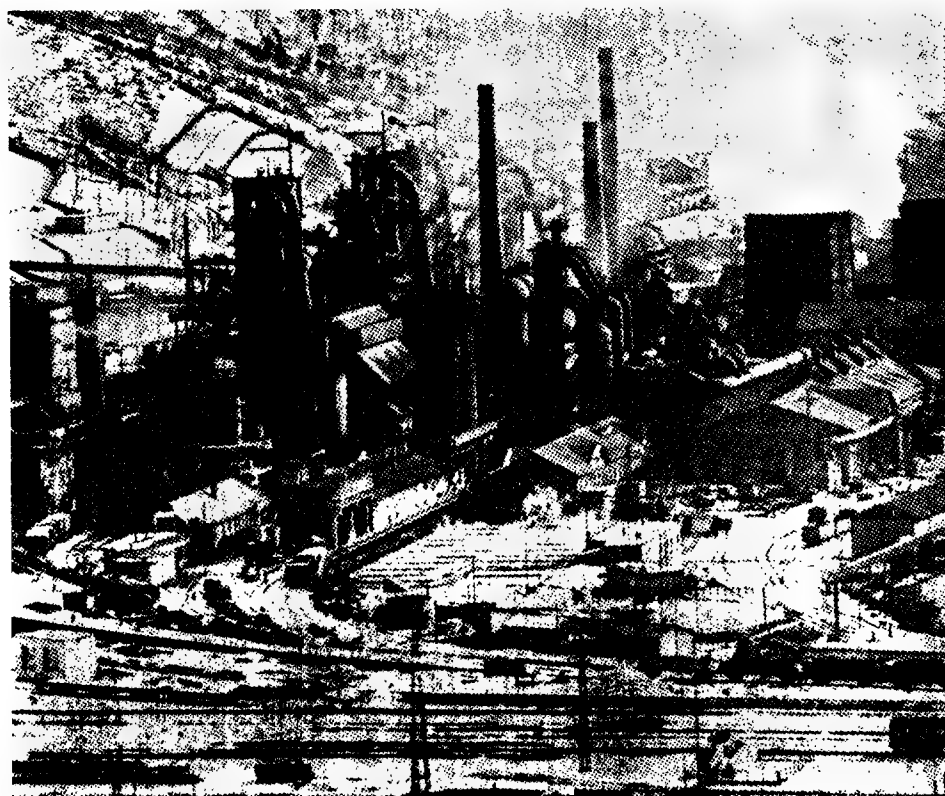
3—Nos sete primeiros meses do ano, o consumo dos principais produtos petrolíferos continuou em franca expansão tendo registado quebras ligeiras, apenas o Petró-

leo Iluminante (5,1 %) e os Asfaltos (2,8 %). Os maiores incrementos verificaram-se no Turbo-fuel (28,2 %), Fuel-Oil (19,6 %) e Gases liquefeitos (19,0 %).

O consumo de carvões minerais, estimado para os meses de Janeiro a Maio em 287 865 toneladas (somatório da produção interna e da importação), teve um decréscimo de 25 % relativamente a período homólogo de 1969.

A energia eléctrica, cuja procura ascendeu a 3696 milhões de Kwh, apresentou em idêntico período uma taxa de crescimento de 6 %. O consumo de gás registou uma progressão de 4 %, ao elevar-se para 64 525 milhares de metros cúbicos a quantidade consumida.

Cont. na pág. 8



Economia portuguesa

Cont. da pág. 7

4—No período decorrente de Janeiro a Julho, o transporte ferroviário no que respeita ao tráfego de passageiros, apresentou uma estagnação, comparativamente a idêntico período do ano transacto. O tráfego de mercadorias, contudo, teve aumentos satisfatórios: 14,2 % na tonelagem transportada e 16,6 % na tonelagem média por quilómetro percorrido. As receitas proporcionadas pelo tráfego global, que ascenderam a 632 948 contos, tiveram também um acréscimo na ordem de 12,3 %.

O tráfego em carros eléctricos e autocarros apresentou uma intensificação assinalável no I semestre do ano em curso. Em relação a período homólogo de 1969, os acréscimos foram de 46 por cento no número de passageiros transportados, 40,5 % na média passageiros/km transportados e 52,6 % no parâmetro passageiros/km transportáveis. No entanto, o número de veículos existentes no fim do período — 3863 — não acompanhou proporcionalmente a maior afluência a estes meios de transporte (acréscimo de, apenas, 1,4 %).

Quanto aos transportes marítimos, a evolução registada no período Janel-

ro/Julho, relativamente a idêntico período do ano anterior, caracterizou-se por um crescimento moderado no número de embarcações entradas nos portos metropolitanos (2,5 %). A tonelagem global de arqueação líquida dos navios entrados, contudo, apresentou um incremento maior — 10,5 %.

No mesmo período, os transportes aéreos apresentaram uma ampla intensificação em todos os sectores. Assim, entraram nos aeroportos metropolitanos 15 599 aviões, o que representa um incremento de 21,9 %, em relação aos primeiros sete meses de 1969. O tráfego evoluiu da seguinte forma:

	9/0 Jan./Julho	Acrescimos relação a Jan./ Julho-1969 (%)
Passageiros:		
● Embarcados	734 446	32,2
● Desembarcados	757 226	34,0
● Em trânsito directo ...	311 979	35,4
Mercadorias:		
● Carregadas	6 148 885	35,8
● Descarregadas	6 130 533	26,7
Correio:		
● Carregado	1 308 592	19,2
● Descarregado	1 326 043	16,3

5—No campo do turismo, a evolução registada no I semestre foi amplamente favorável. O número de turistas entrados cifrou-se em 1 111 411, o que corresponde a um incremento de 39 %, relativamente a igual período do ano transacto. Na origem desta expansão esteve, sobretudo, o contingente de

turistas espanhóis, cuja contribuição para o total se elevou a 74 %. O incremento nas dormidas de estrangeiros em estabelecimentos hoteleiros foi, contudo, menos intenso — 26 %.

6—Os salários rurais masculinos, que no I trimestre registaram uma subida acentuada (5,1 %),

tiveram no II trimestre um crescimento mais moderado (3,1 %). Com os salários rurais femininos deu-se, pelo contrário, uma aceleração do seu ritmo ascensional (2,5 % no II trimestre, contra 1,4 % no I trimestre).

A evolução dos salários profissionais da indústria e dos transportes caracterizou-se por uma subida intensa no I trimestre, à qual se seguiu um certo abrandamento, no II trimestre.

O índice de preços no consumidor, em Lisboa, acusou uma subida de 3,6 % no I trimestre, excédendo em mais do triplo a taxa de progressão mé-

dia trimestral relativa ao último decénio (1 %), embora situando-se a nível inferior à de período homólogo do ano transacto (5,8 %); para este aumento contribuíram fortemente os acréscimos registados nos sectores de habitação (6,8 %) e diversos (5,2 %). No II trimestre apresentaram-se praticamente estacionários (+0,2 %), devido fundamentalmente à desaceleração do ritmo de crescimento dos preços de alimentação (1,1 %, contra 1,9 % no I trimestre) e dos diversos (1 %, contra 5,2 %) e à quebra registada na habitação (-4,7 %). Esta evolução pode ser esquematizada da seguinte forma:

	Variações em %	
	I trimestre	II trimestre
Índice de preços no consumidor (Lisboa)	+3,6	+0,2
● Alimentação	+1,9	+1,1
● Vestuário e Calçado ...	+1,2	-0,2
● Habitação	+6,8	-4,7
● Combustíveis e electricidade	—	+0,1
● Higiene	+1,0	-7,7
● Diversos	+5,2	+1,0

Os preços por grosso, em Lisboa, aumentaram 2,5 % no I trimestre, devido sobretudo ao incremento registado nos produtos da Metrópole (4,7 por cento). Em Abril manifestaram uma certa estacionariedade (+0,6 %) e em Maio apresentaram uma ligeira quebra (-0,5 por cento).

7—No que respeita ao mercado monetário teve

lugar, nos primeiros três meses do ano em curso, uma expansão do crédito concedido pelos bancos comerciais (19,5 %) que, não obstante, foi inferior à da Carteira Comercial (23,5 %) por virtude do comportamento dos Empréstimos e Contas Correntes Cauçionadas (+17,7 %). No II trimestre, verificou-se uma con-

tracção em grande escala em todas estas rubricas; as variações registadas foram de +1,1 % e +4,8 % para o crédito concedido e Empréstimos e Contas Correntes Cauçionadas, respectivamente, e de +2,2 % para a Carteira Comercial.

O crédito concedido pelo Banco de Portugal, que no I trimestre registou um aumento de 3,8 %, apresentou no II trimestre uma aceleração no seu ritmo de expansão (7,4 %).

O montante global de meios de pagamento em poder do público ascendia, em 31 de Julho, a 86 644 milhares de contos, sendo 71 % constituídos por Depósitos (Disponibilidades à vista do público), e o restante por Moeda. Em relação ao início do ano, aquele montante representa uma quebra de 6,2 %, que ficou devida à forte contracção registada nos Depósitos (-15,4 %), a qual só parcialmente foi compensada pela expansão da Moeda em Circulação (+28,4 por cento).

8—No I trimestre, o crédito hipotecário revelou uma desaceleração do ritmo de crescimento, comparativamente aos últimos três meses do ano transacto (2,6 %, contra 8,1 %). Não obstante, como o cancelamento de hipotecas teve no mesmo período uma quebra de 22,1 %, caminhou-se para um maior nível de endividamento líquido através deste tipo de crédito.

Continua no próximo número

PARA LARES FELIZES



ENCERADORAS
MODELOS DE 2 E 3 ESBOVAS
COM OU SEM SUCCO.

ASPIRADORES
CILINDRICOS
3 MODELOS DIFERENTES:
415, 416 E O NOVO 507
TODOS COM JOGOS COMPLE-
TOS DE ACESSÓRIOS.



ENCERADORAS ASPIRADORES



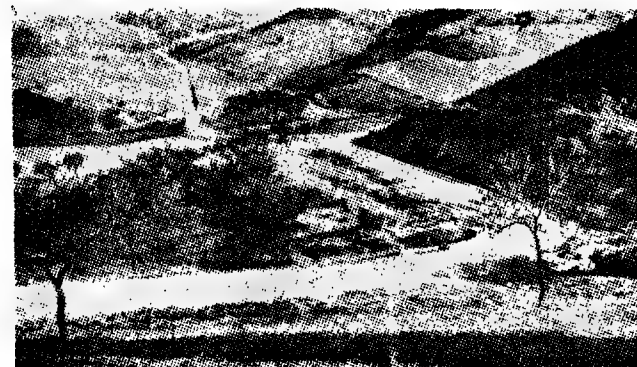
LEOPOLDO BARRAL LIA. LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

Desenvolvimento regional, antes de tudo

Segundo se pode ler nas conclusões de um artigo dedicado pelo Boletim da O. C. D. E. ao plano de desenvolvimento do Sul de Itália, «o elemento regional representa uma fracção vital da programação nacional italiana: é reconhecido como necessário dar ênfase à economia bases mais largas e atenuar os contrastes demasiado nitidos».

Dado que a situação na zona rural italiana se assemelha sob muitos aspectos a realidades que nos dizem respeito (já nem vale a pena falar das correntes migratórias que, lá como cá, se dirigem avassaladoramente para as regiões industriais do país ou do estrangeiro), julgamos de interesse salientar os pontos essenciais referidos pela comissão de peritos da O. C. D. E. que estudou o Mezzogiorno. «Longe de corresponder a um parcelamento do plano nacional ao nível regional, os planos regionais da Itália são o reflexo exacto das aspirações regionais. Tal é a primeira conclusão a que chegaram os peritos da O. C. D. E. ao estabelecerem a síntese do estudo empreendido. Entre os outros pontos sublinhados figuram os seguintes:

— Até ao presente, a planificação regional incluiu, sobretudo, sobre as regiões estagnadas; mas admite-se que os problemas postos pelo desenvolvimento das cidades e uma concentração urbana excessiva exigem uma planificação económica e física de conjunto.

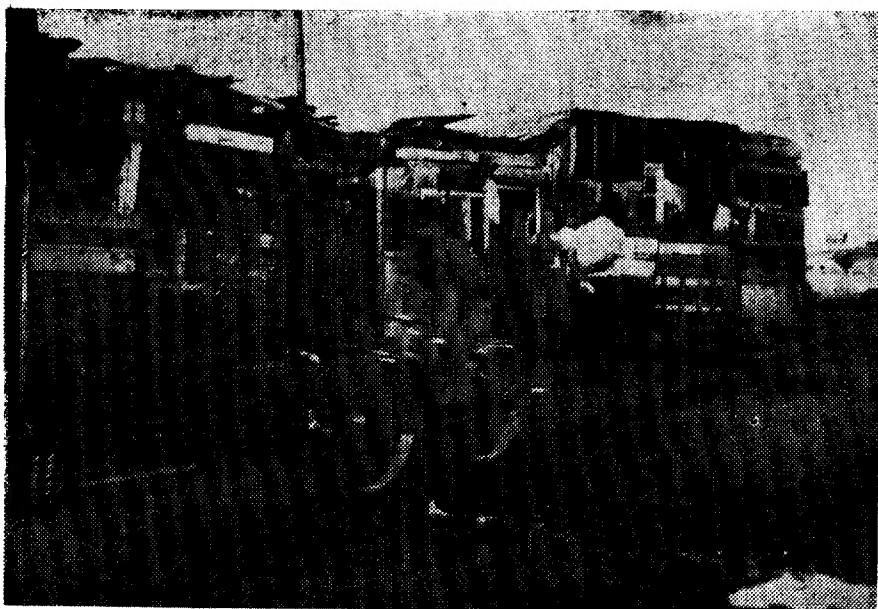


— Todas as medidas tomadas para efectivar a política regional na Itália são de natureza positiva. Não existe nenhum «controle» negativo.

— A política seguida para desenvolver a Itália do Sul caracteriza-se pela interdependência e pela integração das planificações económica e física, integração da agricultura, da indústria e do turismo num desenvolvimento integrado. Todos os meios interessados reconhecem ser necessário dar um lugar importante aos factores do meio ambiente e aos factores culturais, a fim de evitar que o ritmo da evolução técnica não ultrapasse as facultades de adaptação da colectividade. A experiência italiana do Mezzogiorno é particularmente útil aos países que se acham sensivelmente nas mesmas condições: aqueles que são obrigados a industrializar-se a partir de uma base muito reduzida.

— A regeneração do Mezzogiorno começa com

grande rapidez. Os esforços feitos para atrair indústrias de ponta para as zonas subdesenvolvidas e para fixar a mão-de-obra local tiveram resultados positivos. Isto indica a eficácia da acção do Estado e da indústria a favor da formação e da reciclagem dos trabalhadores. Esta acção deveria fazer baixar a taxa de emigração; prevê-se que as reservas de mão-de-obra continuarão a ser muito importantes durante mais dez anos. Uma distinção deve ser feita entre as regiões mais pobres e os «núcleos» de desenvolvimento. É nestes últimos que são concentradas as intervenções extraordinárias, para que a longo prazo todas as zonas beneficiem dos esforços feitos. O desenvolvimento económico obtido só pode ter um efeito tónico sobre a psicologia dos habitantes das regiões pobres, e provocar, no fim de contas, repercussões favoráveis na qualidade da sua existência — o que é o objectivo último de todas estas políticas.»



Contrastes em França: os portugueses habitam barracas impróprias ao lado de modernos edifícios

Emigração para França

Cont. da pág. 1

equipa: neste caso uma reacção imediata de apreço, de ajuda e de partilha de responsabilidades com os mais aptos acompanhada também de desprezo pelos mais rudes. Da parte dos outros operários tudo dependia: se o trabalhador português se mantinha no lugar inferior de servente, fazendo os trabalhos mais duros e sujos de que o francês não gosta, viva o irmão português! E que continue a vir em comboios repletos porque não há nenhuma concorrência de emprego. Mas se por acaso, qualquer português mais inteligente ou empreendedor tentava subir a qualquer nível de especialização ou qualquer cargo de autoridade sobre os franceses, então acabou-se a fraternidade e já não há mais irmão trabalhador.

SINDICATOS E RACISMO

Podia falar ainda do lugar dado aos portugueses nos sindicatos quando apareciam alguns (lamentavelmente raros) a querer sindicalizar-se, mas a questão é muito delicada. Posso, no entanto, dizer que o Sindicato que primeiro abriu as suas portas aos portugueses e se interessou pelos seus problemas, foi a C. E. D. T., muito antes da C. G. T. Esta aceitação «mitigada» do português em França é de resto muito curiosa e haveria até um possível relatório trágico-cómico a fazer precisamente sobre as relações do Bidonville de San Denis com a «municipalidade» (comunista) dentro da mesma cidade. É que a fraternidade operária «internacional» vive... só até àquele momento em que na realidade «o irmão estrangeiro» «começa a quebrar-nos os pés», como dizemos em França.

Saindo dos meios profissionais, o que se passa? Bom, os Franceses são racistas inconscientes. A palavra é esta: são racistas. Não tenho vergonha de a usar porque, embora dura, corresponde à verdade. Cada raça tem os seus valores e seus defeitos. E nós franceses precisamos a cada momento de ultrapassar a nossa primeira reacção de defesa, para chegar a uma atitude de aceitação

e de acolhimento. A reacção-defesa não é voluntária, é quase física. O organismo social francês é já suficientemente complicado, e carregado de problemas, mas também suficientemente evoluído para não procurar rejeitar como corpo estranho, quem quer que se introduza como ponto de mais problemas. Sobre tudo nas cidades, mas até na província, um café, um restaurante e um prédio de residências é um lugar onde cada francês guarda e protege ciumentemente a sua liberdade individual, falando pouco ou respondendo secamente às perguntas do vizinho. Ora, eu gostaria que ficasse claro, que isto se passa a um nível de comportamento psicológico profundo e inconsciente, porque os franceses são também avessos a quaisquer ideias ou formas de racismo.

É um movimento primário da nossa afectividade exactamente ao contrário do comportamento natural da afectividade portuguesa. É necessário ter isto em conta para compreender até que ponto os portugueses ficam feridos na sua sensibilidade quando chegam à nossa terra.

Entretanto, neste momento, as coisas mudaram até certo ponto ou mantêm-se mais subtilmente: à custa da cora-

gem e do número e graças também à influência de grupos muito activos e conscientes, bem como ao esforço da imprensa, do convívio entre jovens, da acção das Igrejas Cristãs, os portugueses ganharam já direito de cidadania. Quero dizer que estão a conquistar progressivamente os seus direitos humanos: as leis mudaram, foram criados alguns serviços — emprego e alojamento — e tudo isto contribui para uma mudança da situação. Neste caso do alojamento, passa-se infelizmente, com os portugueses, algo que nos escandaliza: preferem viver em aglomerados impróprios, buliçosos e sujos a fim de não gastarem com a habitação; preferem também ficar sentados em casa sem nada fazer, a gastar o que for para beneficiar daquilo que a vida lhes oferece em França. É um contra-exemplo esta recusa a gastar, a utilizar os elementos da cultura e de recreio que pululam à volta deles em número fabuloso.

O TRABALHO DOS PORTUGUESES É DEVERAS APRECIADO...

E as coisas mantiveram-se sensivelmente neste pé até que em Abril

de 1966, um número da revista «Esprit», caiu como uma bomba na consciência dos franceses. Foi uma bomba que explodiu muito cedo e já vinha atrasada. Numa altura em que toda a gente, após a libertação da nossa África (Argélia, Tunísia, Marrocos, etc.) se estava a abrir aos problemas do terceiro mundo, foi uma consciencialização brusca a desencadear uma reacção em cadeia (rádio, televisão, imprensa, grupos de estudo, etc.).

Em França ficou-se a saber como viviam os portugueses e esse conhecimento provocou um exagerado complexo de culpa. Passou-se assim de um extremo (o racismo), a outro (o sentido de culpa e de compaixão para com os portugueses).

Ao fim e ao cabo interessa que os portugueses saibam que apreciamos a sua honestidade e humildade, que é para nós como um ar fresco e puro que nos vem do mar através da fronteira. E interessa que não fiquem feridos com a nossa reacção primária, mas tentem conquistar a segunda reacção, certamente de amizade através da integração na nossa vida.

INTEGRAÇÃO DIFÍCIL PARA PAIS, FÁCIL PARA OS FILHOS...

P. — Prevê para os portugueses em França o fe-

nómeno da integração? Em que termos?

R. — Bem, quanto à integração, muitos de nós, a começar pelos padres católicos, trabalhamos nesse sentido, apesar das dificuldades criadas pelos próprios interessados. Não é por orgulho francês que pensamos que, dum modo geral, os portugueses deveriam gastar entre nós mais dinheiro, a fim de melhor aproveitarem as riquezas enormes que lhes oferecemos. Custa-nos acreditar como é possível que gente inteligente habite um «bidonville» tendo em frente um edifício para si com alojamento baratos. Mas quando contrastamos com eles vemos que estão exclusivamente preocupados em arranjar dinheiro para mandar para Portugal.

Compreendamos porque vivem ainda a pensar só na sua terra natal. Depois não compreendem a língua e estranham os costumes que observam. Dai que vivam em «ghe-tos». De resto, cada dia mais acentuado pela constante chegada de mais parentes à mesma casa ou barraca, que funciona como uma espécie de instituição elástica onde cabe sempre mais um.

Assim a integração é muito difícil, se não impossível. Não se passa o mesmo com os filhos. Estes vão à escola, aprendem a língua e convivem constantemente com jovens franceses da sua idade. Posso adiantar que isto causa autênticos dramas às famílias portuguesas residentes em França, mas é através dos filhos que a integração pode ser conseguida. A vida é mais forte que tudo o resto e serão os mais novos, mais inteligentes, que ao fim e ao cabo não de mudar o rumo às coisas. A integração é, pois, um fenómeno natural, vivo, mas também lento; é uma espécie de fusão que vai nascer da confusão e mesmo da exploração inicial. Claro que esta integração irá ter as suas consequências na estruturação do emprego, na formação, promoção profissional, na abertura dos portugueses à cultura francesa e dos franceses à maneira de ser dos portugueses, bem como no turismo e até nas relações comerciais entre os dois países, uma vez caído o orgulho de lá e a desconfiança de cá. Portugueses e franceses merecem melhor do que o que têm actualmente. Mas isto exige um grande esforço de todos nós.

DEIXEMOS O PASSADO

P. — Que naverá de mais imediato e mais eficaz a realizar para que se evitem os males existentes tanto para franceses como para portugueses? Pensa numa actuação pessoal? Em que moldes?

R. — Certamente o conseguir convencer todo o clero de ambos os lados da necessidade de se conhecer e completar. Para mim, pessoalmente, posso fazer alguma coisa conhecendo a língua, a mentalidade de Portugal como uma pária suplementar. Irei trabalhar para uma paróquia no bairro central de Paris, «Les Halles», antigo mercado local onde há muitos portugueses. Vamos a ver. A vida está em frente. Deixemos o passado e os mortos enterrarem os mortos. Deve ser promovido um trabalho e um estudo geral do problema: estudo psicossociológico francês e português, seja ao nível social e cultural, seja ao nível psicossociológico religioso, a fim de poder orientar ambos os cleros que estão no caminho duma válida promoção humana e da maturação psicológica dos portugueses.

O ESPÍRITO DE AVENTURA HÁ-DE DAR LUGAR A COMPREENSÃO NA AMIZADE

P. — Não lhe parece que a emigração para a Alemanha está mais regulamentada, com o emigrante legalmente protegido e preparado mentalmente, de uma experiência afeiçada ou fruto de um critério mais comercial?

R. — Eu sei, e nem sequer posso pôr em dúvida, todo o cuidado com que se faz actualmente o recrutamento e o acolhimento aos portugueses aos portugueses que vão trabalhar para a Alemanha. Conheço a capacidade alemã de ordem e de preparação das coisas. Mas este novo fenómeno imigratório, sendo menor, apesar do seu crescimento actual (está definido como devendo acabar em 1980), parece-me uma nova forma de paternalismo escondido sob as aparências de melhoria de condições humanas bem ajudados pelos chamados psicólogos de empresa. Isso talvez nada tenha a ver com a descoberta de dois povos, feita à custa de todos os sacrifícios, que tem já os seus heróis e seus mártires como é o caso dos portugueses em França.

Parece-me que quando as coisas, as coisas materiais e psicossociológicas (mesmo religiosas) forem suficientemente desenvolvidas e promovidas, encontraremos a verdadeira França para um português, será realmente outra coisa. Comigo acontece que há cerca de quatro anos o meu gosto por Portugal e sua gente, era todo como um exotismo ou uma paixão pessoal exagerada. Hoje não se passa já o mesmo. Se pudesse fazer uma comparação audaz, eu atrevia-me a dizer que o que se passa é algo de parecido com um casamento misto ou um casamento entre estrangeiros. O espírito de aventura há-de dar lugar a compreensão na amizade.

DANIEL RODRIGUES



Não é nenhum «bidonville» de emigrantes: é aqui bem perto de nós, em Bragadas, concelho de Vila Franca de Xira. Os habitantes fazem «bicha» para se abastecerem de água num bidão que a Câmara Municipal manda encher, periodicamente...

Ribacoope:

Tremês tem uma fábrica de faianças, seis de tijolo, quatro de cal, uma correaria, uma serração, uma metalúrgica de construção civil, duas fábricas de destilação de óleo de eucalipto, um médico, uma moagem, quinze lagares de azeite e 21 tabernas.

Assistimos em Tremês a parte da assembleia geral da Cooperativa, de Consumo e Serviços, Ribacoope. Cem sócios num salão grande «gentilmente cedido». Muitas senhoras. Uma explicação prévia do prof. dr. José Manuel Pinto Cor-

as dificuldades da participação

reia. A história da cooperativa. As dificuldades, os meios a criar. O dinheiro, a falta dele e a forma de arranjar-lo.

Uma exposição clara de dois elementos directivos e da Comissão de Obras. Uma festa de Natal como ponto de partida. O entusiasmo de dois sacerdotes a exercer na localidade. O agradecimento público. A procura do apoio de todos os conterrâneos com conhecimentos técnicos. O engenheiro civil para a comissão de obras. O economista para a comissão de contas. A expectativa da assembleia. As dificuldades em participar, comuns a todas as assembleias do nosso País.

Agora votamos todos! A soma dos votos «sim» + votos «não» + abstenções é diferente dos votos «não» + votos «sim» + abstenções. Vem depois a explicação: alguns sócios não tinham votado. Mas o mais impressionante é o tempo de espera para votar. Vamos lá ver o que fazem os outros, e depois, já sem hesitação, votamos todos. A sensação das dificuldades que o povo tem em

como um fim. Quantos operários e quantos trabalhadores rurais poderão participar na associação? Quantos poderão pagar as quotas e as acções? Quanto ganha uma operária da fábrica de loiças de Tremês? Uma acção representa quantos dias do seu trabalho? Quem vai decidir os meios de promoção dos operários e trabalhadores rurais da região? Os proprietários? Os donos das fábricas, ainda que liberais? Organizar a população ou organizar os elementos com suficiente disponibilidade económica para defesa dos interesses (considerados) da população?

POSITIVO — A organização de determinados serviços: a teleseleção, a cooperativa de consumo, o centro cultural e de convívio.

A Ribacoope representa realmente um risco a correr. Uma cooperativa que poderá desambar para a defesa dos interesses dos beneficiados da região. Mas vale a pena arriscar. Apesar de as acções poderem ser mais acessíveis, quem quisesse auxiliar a cooperativa podia comprar milhares, mas com direito

Ranchos

«Não são os da televisão, que dançam» colares regionais para regalo dos nossos olhos.

Todos os anos vêm a Tremês vários ranchos fazer a época de azeitona. Contactámos com um de Courelas, Coruche.

- Porque é que saíram das vossas terras?
- Esta época é morta nos trabalhos dos nossos campos. Por isso todos os anos nos deslocamos.
- Porque escolheram Tremês?
- Dá-nos maiores vantagens: tem transportes, médico, farmácia.
- Podemos saber quanto ganham?
- Pois com certeza: 80\$00 os homens e 40\$00 as mulheres.
- Como é que são recebidos?
- Sentimos que o povo de Tremês é simpático. No trabalho acamaram bem; e mesmo nos cafés e tabernas não nos afastam.
- E quanto aos alojamentos?
- Não quero amesquinhar a terra falando desse assunto. Insetinhos e não veio nada. É que talvez se sintam envergonhados de dizer que vivem todos na mesma casa, que não têm nada de condições sanitárias, que dormem vestidos, etc..»

escolher, em optar. Nesta assembleia como noutras. Em quase todas as pequenas localidades do País. Os hábitos perdidos.

Vale a pena relembrar um episódio. Nos estatutos fazia-se referência, a que a mulher e os filhos menores dos sócios tinham direito a entrar em espectáculos e outros serviços fornecidos pela cooperativa. Uma sócia, engenheira, Isabel Pinto Correia, levantou um problema, mal compreendido.

— E porque não, o marido da sócia? Por quê essa discriminação? Se a mulher é sócia, o marido devia ter também os mesmos direitos!

Gerou-se uma pequena confusão. Facilmente desfeita, mas interessante. Foi o único ponto de verdadeiro debate, a que assistimos.

Deixamos para o fim, algumas questões incómodas, entre o «positivo» e o «negativo».

POSITIVO: As tentativas de organizar as pessoas, ainda que os fins continuem a não estar bem definidos.

NEGATIVO: Os estatutos podem ser espartilhados e a necessidade de promoção das populações entendida

a um só voto. Tantos votos como a operária da fábrica de loiça com uma acção de dez escudos. Com as actuais acções, para já, teremos duas categorias: os que poderão e os que não poderão ser beneficiados. A primeira restrição? Sem dúvida!

O boletim da Ribacoope tocou, ao de leve, nos problemas dos trabalhadores que vêm a Tremês apanhar azeitona. Muito ao de leve. Mas tocou na ferida. Talvez fosse útil, tocar a sério. Fazer um apêndice de salários, condições de habitação, saúde, o problema escolar dos filhos, desses mini-ranchos de azeitona. E para o número seguinte propomos a história de uma operária de loiças em Tremês. A idade em que começa a trabalhar. Quanto ganha aos 10 ou 12 anos. A que idade começa a pintar loiça. Quanto ganha por pintar cada peça de loiça mesmo única. E expliquem, por favor, a Tremês, porque é que a fábrica, aí se localizou, antes da emigração, quando a mão-de-obra feminina era barata.

E falem, ainda mais de coisas terrenas, cada vez menos de Deus.



Os caminhos do anti-semitismo

Uma equipa dirigida pelo sociólogo Edgar Morin, e constituída por Bernard Paillard, Evelyn Burguière, Claude Capulier, Suzane de Lusigau e Julia Verone, esteve em Orleães, cidade com 88 mil habitantes. Situada a 110 km ao sul de Paris, nela nasce, em Maio de 1969, «o boato de que um, dois, depois seis arma-

tela. Boato que cresce, asfixiando socialmente os comerciantes. Boato puro porque «a» não há desaparecimento algum na cidade. (...) b) a informação circula sempre de boca a ouvido (...). É sobre o nascimento, morte e «ressurreição» (em nova forma) desse boato, que Edgar Morin e a sua equipa realizam um inquérito «in loco», e uma análise sociológica.

Trabalho agora publicado pela Editorial Inicição. «Ele está muito próximo da reportagem jornalística pelo recurso à improvisação, à detecção, à intuição, à aventura. Mas diferencia-se dela», afirma-se na sua introdução. Abrindo com uma «síntese», longo estudo sociológico sobre o boato, da autoria do chefe da equipa, o livro compreende ainda os «diários de inquérito» dos seus restantes elementos, documentos diversos, e um texto final sobre «Princípios de uma sociologia presente» também de Morin.

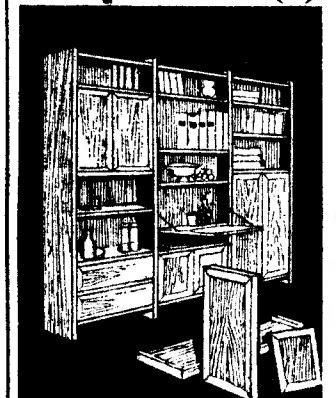
Um livro diferente a provar que na França do capitalismo europeu desenvolvido também há terreno para o nascimento do boato e do anti-semitismo. Um livro a ler, mau grado uma tradução nem sempre despidida de falhas significativas.

Rosa Luxemburgo

Em curto espaço de tempo duas obras de Rosa Luxemburgo foram colocadas no mercado livreiro português. Desta feita, Textos Nosso Tempo, em edição do tradutor, Rui Santos, trouxeram ao público português «Greve de Massas, Partido e Sindicatos». Obra de 1906, analisa as greves do ano anterior desencadeadas na Rússia, e na qual se salienta a importância da organização partidária e da espontaneidade das massas no processo grevista, além da relação dialéctica entre a motivação económica e a política no desenrolar das greves de massas. «Com efeito, a distinção entre luta económica e luta política, a autonomia destas duas formas de luta não são mais que um produto ar-

tificial, embora historicamente explicável, do período parlamentar», considera a certo passo a autora.

Uma estante diferente concebida "só" para si (?)



Projecte-a V. mesmo! Dimensões e módulos variáveis. Consulte-nos

época

AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 22, 22A a 50 m. do Metrop. "Saldanha"



SENSACIONAL

Vá a Madrid, na Páscoa, OFERTA JOVICA, 30 Viagens (15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pluma de luxo, Hotel de 1.ª, visita à cidade e Vale dos Caídos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71, autorizado pelo Ex.º Sr. Governador Civil de Lisboa. E na altura da compra receba logo o BRINDE JOVICA para todos os clientes.

TELEVISORES

Desde 3500\$00, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 2100\$00

ESQUENTADORES

Desde 1300\$00, com montagem e cromados

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

Desde 4750\$00, AUTOMATICAS

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA

Desde 5000\$00, AUTOMATICAS

...E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

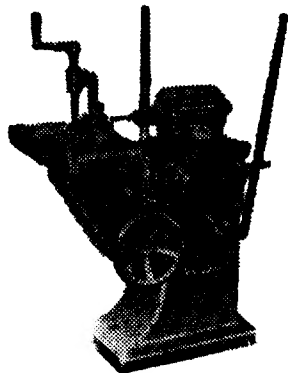
JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-C Telef. 53 45 36

Avenida 5 de Outubro, 53-C Telef. 4 77 69

FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS VENDA NOVA

«MIDA»



SERRA CIRCULAR AUTOMÁTICA Modelos 400-500-600

UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPENTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

Nova era para os circuitos de distribuição (1)

São 15,5 retalhistas por 1000 habitantes. Na maioria, vivem dificilmente: poder económico escasso, pequena dimensão de actividade, disseminados em regime de isolamento e concorrência.

— A nossa freguesia diminui cada vez mais. Os problemas económicos crescem e as vendas diminuem. Agora com a abertura do «Pão de Açúcar», ainda ficamos mais prejudicados.

Chama-se Manuel Mário Martins e veio de Castelo Branco. Estabelecido há dez anos, numa pequena loja da Rua de Entre Campos. Nas suas condições estão 88,8 por cento de 65 000 comerciantes inquiridos dos de um só estabelecimento. «Que a vida não está para grandezas», mostra-o a minoria de comerciantes com dois ou três estabelecimentos (10,7%) e a percentagem diminuta (0,5%) de comerciantes



Belmira da Conceição

com quatro ou mais estabelecimentos.

Joaquim Francisco Urbano, outro retalhista de pequena loja. Na Rua dos Machadinhos, zona de população com fraco poder de compra, ele ainda subsiste, mas queixa-se:

— Abriu o supermercado em Alcantara e a gente vai-se lá aviar e por lá vão ficando. Prejudica-me um bocado. Com a concorrência das mercearias próximas, ainda eu podia bem.

Maria Luísa Martins, sócia do Joaquim Urbano, intervém, enquanto os dedos lesto separam o fio do novelo doado. Faz malha para «ganhar mais alguma coisa». Nova no negócio, parece desencorajada:

— Eu só queria que nos supermercados não vendessem as coisas tão baratas. Não percebo como conseguem fazê-lo. Há preços quase inacreditáveis. Se vendessemos todos a preço igualmente tabelado, tirávamos todos ganho, não é assim?

Humilde, de lenço negro, orgulhosa por vir nos jornais, Belmira da Conceição Crespo manifesta a sua fidelidade às pequenas mercearias:

— Eu não vou a super-

mercados. Tenho aqui mesmo mercearia ao pé de casa. O preço do transporte, fazia com que as coisas não saíssem mais baratas. E depois aqui compro a quantidade que quiser. Lá está tudo embalado aos quilos. E nestas casitas, a gente sempre pode comprar a crédito.

Pulverizadas e muitas ameaçando falência, as empresas comerciais do País parecem ter a sua era finda, a não ser que novos métodos de gestão e exploração lhes sejam possíveis.

São 1,55 estabelecimentos de retalho por 100 habitantes. Em Lisboa, mais de metade destes empresários paga uma contribuição industrial inferior a 1000\$00 por ano.

Mas as dificuldades atingem até as grandes empresas. É o caso da cadeia «Val do Rio». Estendida por toda a capital, em lojas de bairro, o seu reinado treme. O empregado de uma solitária loja «Val do Rio» em Alcantara, disse-nos:

— As nossas vendas baixaram muito. Acho que esta sociedade tem cerca de 95 lojas espalhadas por Lisboa. Pois em todo o lado, há crise. Devido ao preço mais baixo a que colocam os produtos, os supermercados foram um golpe para nós.

«A VIA DOLOROSA: ÚNICA SOLUÇÃO?»

Em qualquer loja de mercearia em que entrámos, o mote repetia-se: os supermercados, ao invadir o clima comercial de Lisboa, são encarados como elemento de perturbação. No entanto, parece-nos indubitável que vieram exercer um tipo de influência estimuladora nos retalhistas com poder de autofinanciamento ou facilidades de recurso a crédito das instituições bancárias ou até hipotecário. É, entre muitos, o caso de Maria Purificação Miranda. Durante três anos, uma pequena mercearia, ali na Calçada da Estrela, mal lhe deu para as despesas. Agora transformada em

Retalhistas de mercearia: sector em crise?



Supermercados: a grande ameaça moderna para o pequeno comércio retalhista tradicional. O Grande capital procura fechar o circuito

mini-supermercado, o volume de vendas sobe graças a uma racionalização de métodos e à diversificação da gama de produtos expostos:

— Se não fosse a concorrência dos grandes supermercados, não tinha ido para este caminho. Saiu-me dispendioso, mas a clientela tem correspondido. Os gostos evoluíram. As pessoas são mais exigentes. As vantagens destas lojas em relação a higiene dos produtos, são grandes. A solução para nós, retalhistas, creio que é esta.

Solução reduzida a um pequeno numero de retalhistas, os problemas da maioria ficam por resolver e avolumam-se. A baixa de preços, de modo a concor-

rer com os supermercados, não é praticável para os pequenos empresários dada a sua estreita capacidade de defesa dos encargos.

Destes encargos, avulta como elemento que onera consideravelmente os preços de retalho, a multidão de intermediários inúteis, que só o abarço junto do produtor. Mas esta redução dos custos distribuidores supõe condições não existentes nas pequenas empresas.

Segundo a tendência observada, no contexto europeu, a maioria dos pequenos retalhistas desaparecerá. O processo de concentração de supermercados e a extensão empresarial, a extensão

da distribuição, encontram eco fácil na população em crescimento. A questão que se põe, é a de saber se não haverá medidas obstando a que este desenvolvimento com-

irreversível se acenda pela chamada «via dolorosa» de que serão vítimas perto de 90% dos retalhistas de estabelecimentos de mercearia.

HELENA NEVES



Luísa Martins



Espanha: quatrocentos mil estabelecimentos comerciais

O comércio interno espanhol é fundamentalmente de retalho. Segundo o Instituto Nacional de Estatística de Espanha, existem 391 434 estabelecimentos de retalho e apenas 38 926 estabelecimentos de comércio por grosso.

Para termos uma ideia do que um numero tão elevado de estabelecimentos significa em Espanha, basta dizer que para cada estabelecimento de comércio retalhista havia 35 espanhóis.

A actividade comercial em Espanha, abrangia 8,3 por cento da popula-

ção activa, cerca de um milhão de profissionais, trabalhando 785 000 no comércio retalhista.

A maioria dos estabelecimentos de retalho tinha menos de 5 empregados (380 355), e apenas 7700 estabelecimentos de retalho tinham de 5 a 9 empregados; de 10 a 19 empregados havia 2595 estabelecimentos; de 20 a 49 havia 669 estabelecimentos; de 50 a 99 existiam 88 estabelecimentos comerciais e com mais de cem empregados 27 estabelecimentos.

Os estabelecimentos com 1 a 5 empregados

eram assim 94 por cento dos estabelecimentos de retalho espanhóis. Barcelona e Madrid com 90 000 estabelecimentos de retalho e 200 000 empregados, são as províncias onde o comércio é dominante.

Quanto ao comércio por grosso, ainda aqui setenta e cinco por cento dos estabelecimentos tinham menos de 5 pessoas (28 000 em 39 000) e apenas 221 tinham mais de cinquenta empregados e menos de cem, sendo 54 os estabelecimentos com mais de cem empregados.

De notar o aumento crescente em Espanha de

«boutiques» (321), de cooperativas de consumo (88), de auto-serviços e

supermercados (1229), e de grandes armazéns (188).

UM LIVRO QUE URGE LER

EVANGELHO E PROBLEMATICA SOCIAL

D. ANTONIO FRAGOSO, bispo de cratéis — Brasil

Importante depoimento sobre os problemas sociais e políticos do mundo contemporâneo

PAISAGEM — rua José Alcázar, 188 — Porto

Os tupamaros

Sabe-se pouco dos tupamaros. Em meados do ano passado, a bibliografia sobre esse movimento era, para além dos vários artigos jornalístico-circunstanciais, escassa: três livros, e as reportagens publicadas por «*Al Rojo Vivo*», um semanário sensacionalista de Montevideo especializado em crónicas policiais.

A Polícia, a C. I. A., o aparelho de segurança uruguaio, por seu turno (os factos o mostram) também não sabem muito. E — cúmulo! — a maior parte dos tupamaros também saberá pouco sobre a sua organização, porquanto os aderentes ao Movimento de Libertação Nacional (mais conhecido pelos «tupamaros», de Tupac Amaru, cacique inca do século XVIII que se revoltou, sem sucesso, aliás, contra os espanhóis) são distribuídos por células de 6 ou 7 homens, totalmente autónomas, sendo a coordenação entre as células assegurada pelos dirigentes respectivos, e ignorando cada um dos membros a identidade real dos seus companheiros de célula. As decisões respeitantes às operações de comando são submetidas a votação por cabeça ou por célula. Os dirigentes reúnem-se uma vez por ano, para elaborar as instruções e as análises comuns. Marysa Gerassi (autora do artigo de que recolhemos estes dados) ignora se o M. L. N. tem uma direcção dupla, política e militar, ou se as duas responsabilidades estão reunidas num único organismo. Posto isto, não admira que um jornalista em Lisboa também saiba pouco dos tupamaros. Sabe deles, se é que sabe, apenas duas ou três coisas.

UMA

A pré-história do M. L. N. levamos aos anos 50, às discrepâncias internas do Partido Socialista Uruguaio. Uma corrente deste partido, donde vieram a sair alguns dos fundadores dos tupamaros, denunciava, então, «a falta de impacto» do Partido Socialista Uruguaio.

Mas a ideia da «luta armada» só veio mais tarde — segundo Maria Esther Gilio, «La Guerrilha Tupamaras» — a face das «medidas de segurança» (uma espécie atenuada de estado de sítio que as leis uruguaias prevêem), perante as quais, no dizer de um tupamaro da velha-guarda, entrevistado na cadeia por Esther Gilio, a acção política dos partidos, e social dos sindicatos, se mostrava ineficaz. E é apenas em Agosto de 1965 que o M. L. N. se dá a conhecer fazendo explodir uma bomba em frente do escritório da Bayer em Montevideo. Perto foram encontrados panfletos em que se chamava à Bayer «empresa nazi» e se dizia que a Bayer era fornecedora de gases aos americanos que estes utilizavam no Vietnam. Os panfletos vinham firmados: «Los Tupamaros». Mas nesta altura os membros da organização já não eram só de proveniência socialista. Vinham de vários quadrantes e formavam um mosaico ideológico sem unidade de ideologia.

O crescimento dos tupamaros pode verificar-se nos números seguintes: balanço de 1968 — acções consideradas pelos tupamaros importantes: 4; tupamaros presos: 15; membros clandestinos da organização procurados pela polícia: 25; tupamaros mortos: 2. 1969 — acções importantes durante esse ano: 40; encontravam-se presos em fins de 1969 150 membros da organização; clandestinos procurados pela polícia (cálculo do entrevistado por Esther Gilio): 100; total dos mortos de ambos os lados (tupamaros e forças da ordem) desde o começo das acções armadas, portanto desde Agosto de 1965: 17. Na razão directa do crescimento do M. L. N. cresceu também a repressão governamental. Mas até agora o aumento de ritmo de crescimento

— por ocasião dos raptos de Dias Gomide, Dan Mitrione e Claude Fly, em Julho e Agosto do ano passado, o movimento não recebeu um golpe mortal. Reteve até hoje Dias Gomide e Claude Fly em seu poder, apesar das buscas da polícia, e realizou novas acções entre as quais avulta esta última do rapto do embaixador inglês. Um embaixador inglês é alguém no Uruguai. Em meados dos anos 60 a Inglaterra era o principal cliente do Uruguai. A Inglaterra se destinavam 23 por cento das exportações...

E TRÊS

A originalidade ideológica dos tupamaros. Não atacam nenhum dos outros agrupamentos de esquerda. Consideram que entrar na polé-



accional do M. L. N. manteve-se. Se o governo uruguaio se mostrar incapaz de dominar os tupamaros e a situação (porque há uma situação de crise económica, financeira e social no Uruguai que é a primeira pedra de qualquer explicação do fenómeno tupamaro) o governo pedirá a intervenção de forças americanas, ou dos vizinhos (Brasil, Argentina)? Tudo leva a crer que só em último caso será tomada uma decisão com tantas e profundas implicações.

DUAS

Fala-se da «mistica da organização» do M. L. N. E dão-se pormenores sintomáticos: «o homem que vai entrar em acção deve ter o estômago e os intestinos vazios» (para o caso de ser atingido por uma bala) e no bolso um cartão com o grupo sanguíneo e o R. H.» (Maria Esther Gilio).

Já referimos o sistema de células, de tomada de deliberações e decisões e o sistema de coordenação. O M. L. N. sobrealimenta a organização relativamente à importância do chefe. E não há dúvida que com a prisão de Raul Sendic — um dos dirigentes, dos «cérebros»

mica da esquerda é esterilizar-se. Estabeleceram uma linha de acção: quem estiver de acordo com ela que adira ao movimento. Quanto à linha ser a justa ou não, serão os factos e não os argumentos teóricos, a decidir.

Assim se pretendem furtar à polémica que divide a extrema-esquerda latino-americana — primeiro o partido e depois a revolução, ou ao invés, etc., etc. E o facto é que a esquerda uruguaia não hostiliza o M. L. N., inclusive o Partido Comunista cujo secretário-geral é considerado o mais inteligente e capaz dos dirigentes pró-soviéticos da América Latina: Rodney Arismendi.

Qual o objectivo do sequestro do embaixador britânico?

Bom. Fazemos a pergunta porque temos no sapato a pedra de Haro Teeglen. Escreve ele no Triunfo do dia 16: «Diz-se que no M. L. N. há duas tendências principais: a que defende uma reforma do regime por via legal, no estilo chileno, formação de uma frente popular, capaz de ser uma força nas eleições presidenciais, e o grupo que crê que tudo isto é inútil e que as oligarquias admitem os governos com abertura só quando estes

constituem barreiras contra-revolucionárias, mas que, quando realmente tratam de pôr em prática os seus programas sociais os governos de abertura são atacados e derubados. Este ultimo grupo seria o autor do sequestro, e não já por motivos comuns a este tipo de acções — troca por presos, impacto sobre a opinião mundial, debilitação do governo — mas precisamente para romper uma espécie de pacto entre a sua facção moderada e o governo, que estaria disposto a levantar o estado de excepção e a adoptar uma série de medidas liberais — uma amnistia geral não só para os presos, mas também para os depurados, uma anulação das medidas repressivas, uma subida imediata de salários — para conseguir a «normalização» do país» (...)

Que a acção dos tupamaros pode ter alguma coisa a ver com uma «frente unica», verifica-se nestas palavras da entrevista concedida por Debray a Punto Final, revista chilena, três dias depois da sua libertação: «A luta dos tupamaros não entorpece necessariamente a formação de uma frente unida política, ou seja, pode conceber-se que não há contradição e que há certo tipo de coordenação objectiva.

Aceitemos o «diz-se» de Teeglen como mera hipótese. Temos então um grupo (A) dentro do MLN que pretende criar as condições para um jogo democrático como o do Chile. (É curioso reparar que na crónica citada Teeglen refere-se à recente mensagem de Nixon nos seguintes termos: «Nixon, na sua mensagem de 5 de Janeiro, que tem a grande virtude da clareza, estabeleceu oficialmente pela primeira vez a teoria da soberania limitada para os países da América Latina. Os acontecimentos da política exterior do Chile estavam sendo — disse — observados de perto, e serão tolerados em tanto que não sejam antagonísticos dos interesses dos Estados Unidos e em nenhum caso Washington deu por definitiva a situação do Chile: sómente ocorreu que a sua intervenção para modificar os resultados das eleições teria sido um mal maior»).

E temos um grupo (B) que considera que trabalhar para uma situação como a do Chile é perder tempo, pois ou o governo de Allende não toma um certo numero de medidas essenciais e falhou, ou as toma e a oligarquia, com o auxílio dos Estados Unidos, reage pelo golpe de Estado ou pela intervenção. O rapto do embaixador britânico seria pois uma maneira de cortar as pontes entre os moderados do M. L. N. e os do governo (onde há também uma facção radical que quer resolver a situação por uma ditadura presidencialista de Arco, após reforma constitucional). Cortar essas pontes, para o grupo radical do M. L. N., seria ao fim e ao cabo economizar uma etapa no caminho para o grande enfrentamento que considera fatal.

Mas haverá essa discordância estratégica de que fala Teeglen, no seio dos tupamaros? Não é inverossímil.

«Fait divers»: uns e outros

A recuperação crítica do chamado «fait divers», pequeno noticiário da cidade ou da Província que resume em poucas linhas os dramas, tremendos das gentes simples, permite por vezes — ou permitiria sempre — reflexões que urge manter em dia.

Há dias, ocorreu numa aldeia do concelho de Idanha-a-Nova um drama corrente a que o País, interessado em problemas transcendentes, não ligou importância de maior, até porque, ao que supomos, só um matutino de Lisboa lhe fez referência, três ou quatro dias depois, em correspondência local.

Os factos: um casal de pessoas idosas, pais de muitos filhos e avós de muitos netos, vivendo isolados numa pequena propriedade onde decorreu quase toda a sua vida, foram «visitados», aliciados, espancados brutalmente e roubados de todo o dinheiro que possuíam — fruto e garantia da sua pequena economia caseira.

O acto, mais corrente do que parece, pertence à esfera das atribuições policiais e não vale a pena tecermos comentários. O mesmo não acontece quanto à sequência da triste história, pois aí, de acordo com testemunhos que ocasional-

mente nos chegaram, já temos entidades físicas a quem chamar a atenção, situações concretas que julgamos impróprias do tempo em que vivemos. Conduzidos ao Hospital de Castelo Branco, em estado grave, os dois anciãos tiveram

de esperar várias horas, segundo informações que nos merecem confiança, antes de serem assistidos pelo médico. Justificação primária: falta de pessoal para o serviço de urgência, o que já nem chega a surpreender-nos ao tomarmos co-

nhecimento de que, no hospital de outro concelho do interior, encerraram os serviços por falta de médicos: os dois últimos pediram a demissão, e atrás deles o próprio provedor da Misericórdia.

Há causas para tudo isto,

cujas análises não cabe neste apontamento. Resta-nos a certeza de que tais causas subsistirão enquanto neste País se mantiver o culto da santa improvisação, pelo menos tão importante e intenso como o culto do Sol.

A. P. do S.



MESA REDONDA